

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONTABILIDADE

SANDRA LACI PEITER

**A RESSIGNIFICAÇÃO DA PROFISSÃO CONTÁBIL: UMA ANÁLISE A
PARTIR DA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**

Cascavel

2023

SANDRA LACI PEITER

**A RESSIGNIFICAÇÃO DA PROFISSÃO CONTÁBIL: UMA ANÁLISE A
PARTIR DA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Contabilidade (PPGC) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, como requisito para obtenção do título de Mestre em Contabilidade.

Área de Concentração: Controladoria
Linha de pesquisa: Contabilidade Gerencial e Controle em Organizações

Orientadora: Prof.^a Dra. Silvana Anita Walter
Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Guedes Villar

Cascavel

2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Peiter, Sandra Laci

A Resignificação da Profissão Contábil: Uma Análise a Partir da Perspectiva da Construção de Sentido / Sandra Laci Peiter; orientadora Silvana Anita Walter; coorientador Eduardo Guedes Villar. -- Cascavel, 2023.

114 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Contabilidade, 2023.

1. Sensemaking. 2. Sensegiving. 3. Contabilidade. 4. Mudanças. I. Walter, Silvana Anita, orient. II. Villar, Eduardo Guedes , coorient. III. Título.

SANDRA LACI PEITER

**A RESSIGNIFICAÇÃO DA PROFISSÃO CONTÁBIL: UMA ANÁLISE A PARTIR
DA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Contabilidade – PPGC, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Contabilidade.

COMISSÃO JULGADORA:

Prof.^a Dra. Natália Rese
Universidade Federal do Paraná-UFPR

Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias
Centro Universitário FECAP

Prof. Dr. Udo Strassburg
Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE

Prof.^a Dra. Silvana Anita Walter
Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE
Professora Orientadora – Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Guedes Villar
Universidade Regional de Blumenau – FURB
Professor Coorientador

Cascavel, 24 de fevereiro de 2023.

Resumo

Inovações tecnológicas, globalização dos negócios e mudanças na legislação devido ao processo de convergência aos padrões internacionais causaram impacto nas rotinas de trabalho e no perfil do profissional em contabilidade. Novas habilidades foram demandadas, o que fez com que os profissionais contábeis procurassem se adaptar, tanto nos processos de trabalho quanto na própria atuação como contador. Assim, surge a necessidade desse profissional em entender a sua profissão, interpretá-la, e ainda, ressignificar essa realidade a partir das mudanças, transformando a própria profissão. Nesse contexto, o presente estudo objetiva compreender como o contador cria sentido e ressignifica a sua profissão a partir das mudanças percebidas nas práticas contábeis. Para entender esse processo a lente do *sensemaking* pode dar subsídios de como ocorre essa ressignificação da profissão contábil. *Sensemaking* significa “criar sentido”, o qual ocorre principalmente quando eventos não esperados precisam ser explicados, e, por meio da interação social, na busca da compreensão mútua, de forma plausível, na tentativa de minimizar ambiguidades ou incertezas, ocorre a construção de significados. Enquanto *sensegiving* é o processo de convencimento e aceitação da nova visão pelos demais, é o meio de influenciar a construção de significados através da redefinição da realidade. O estudo tem uma abordagem qualitativa interpretativa, com análises sob a perspectiva de antenarrativa rizomática, pela possibilidade de entender a natureza fragmentada da realidade, as diferentes percepções dos contadores na construção de significado da própria profissão. A coleta de dados foi efetuada por meio de entrevistas semiestruturadas a 28 (vinte e oito) profissionais contábeis atuantes nas diferentes regiões do Brasil. As entrevistas possibilitaram ouvir as diferentes narrativas na forma de fragmentos antenarrativos e, compreender o sentido ou o significado atribuído ao que as mudanças na profissão contábil representaram para cada entrevistado, por meio da sua compreensão da realidade da profissão contábil. A partir do olhar do contador e da sua percepção e significação da profissão contábil, procurou-se identificar as mudanças contextuais do universo contábil, suas influências na rotina de trabalho e no perfil socialmente aceito desses profissionais, bem como as expectativas para o futuro da profissão. Pela percepção dos contadores, as mudanças aumentaram as suas responsabilidades e acarretaram também incertezas e inseguranças no que diz respeito às responsabilizações impostas a eles, às constantes mudanças na legislação, ao avanço na tecnologia, bem como a necessidade constante de atualização para se manterem atuantes no mercado de serviços contábeis. Os contadores, por meio da retrospectiva e da prospecção, tentam explicar o que mudou, demonstrar como, em momentos complexos e ambíguos, têm pensado a sua profissão diante das mudanças e como isso se manifesta em suas realidades de trabalho, em seu perfil e na forma que trabalharão no futuro. Assim, a profissão contábil, como outros processos sociais, também passa pela construção de sentidos e significados para sua constituição, mesmo que essa se dê de maneira frágil e instável. Diante das mudanças que ocorreram de forma mais intensa a partir da internacionalização da contabilidade, os contadores tiveram que se atualizar, entender essas mudanças em suas rotinas, o que ilustra o processo de estranhamento e construção de sentido ao qual o contador está submetido, ou seja, a forma como o contador percebe e dá sentido ao que está acontecendo e a maneira como ele age a partir do momento que aceita e internaliza as mudanças, e passa a significar isso como uma parte da sua atuação como contador, não individualmente, mas coletivamente, para justificar essa atuação. É os sentidos que decorrem dessa interação do ‘eu contador’ com os elementos exógenos que geram pressão, como as mudanças tecnológicas e legais que surgiram, e que foram sendo impregnadas nesse modelo de ‘eu contador’, estão relacionados com os papéis requeridos pelas mudanças. Ocorre assim, uma mobilização para a criação de sentido (*sensemaking*) e interpretação da profissão, ou seja, para a significação (*sensegiving*) do que representa ser um contador, qual seja, o contador especialista, ou o contador generalista, que sabe de tudo um pouco, ou ainda o gestor de networking, o consultor ou o operador do Governo, papéis que o contador acredita serem necessários assumir para definir quem ele é e como deve agir.

Palavras-chave: *Sensemaking*. *Sensegiving*. Profissão Contábil. Mudanças. Ressignificação.

Abstract

Technological innovations, the globalisation of the economy and changes in legislation through the process of convergence with international standards have affected the work processes and profile of the accountant. New skills have been required, resulting in accountants having to adapt both in their work processes and in their own performance as accountants. It is therefore necessary for this professional group to understand their profession, interpret it and give new meaning to this reality due to the changes that are transforming the profession itself. In this context, in this study we wanted to understand how accountants create meaning and redefine their profession based on the perceived changes in accounting practise. To understand this process, the lens of sensemaking can shed light on how this redefinition of the accounting profession takes place. Sensemaking means "creating meaning", which occurs primarily when unexpected events need to be explained. Through social interaction, seeking mutual understanding, in plausible ways and to minimise ambiguity or uncertainty, the construction of meaning takes place. While sensegiving is the process of persuasion and acceptance of the new vision by others, it is the means of influencing the construction of meanings through the redefinition of reality. We adopted a qualitative, interpretive approach with analysis from a rhizomatic narrative perspective to understand the fragmented nature of reality and the different perceptions of accountants in constructing the meaning of the profession itself. Data collection was done through semi-structured interviews with 28 (twenty-eight) accounting professionals working in different regions of Brazil. The interviews made it possible to hear the different narratives in the form of ante-narrative fragments and to understand the meaning or significance that the changes in the accounting profession represent for each interviewee through their understanding of the reality of the accounting profession. From the perspective of the accountant and his perception and meaning of the accountancy profession, we have tried to identify the contextual changes in the accounting universe, their influences on the work routine and on the socially accepted profile of these professionals, as well as their expectations for the future of the profession. According to accountants, the changes have increased the responsibilities of accountants and have also led to uncertainty and insecurity in relation to the responsibilities imposed on them, constant changes in legislation, advances in technology and the constant need for updating in order to remain active in the market for accounting services. By looking back and looking forward, accountants try to explain what has changed to show how, in complex and ambiguous moments, they have thought about their profession in the face of change and how this is reflected in their working reality, in their profile and in the way they will work in the future. Thus, the accounting profession, like other social processes, goes through the construction of meaning and significance for its constitution, even if this is done in a fragile and unstable way. This illustrates the process of alienation and construction of meaning to which the accountant is subjected, i.e. the way the accountant perceives and makes sense of what is happening, and the way he acts from the moment he has accepted and internalised the changes and begins to understand this as part of his work as an accountant, not individually but collectively, in order to justify that work. And the meanings that emerge from this interaction of the 'accountant self' with the exogenous elements that create pressures, such as the technological and legal changes that have emerged and that have been incorporated into this model of the 'accountant self', relate to the roles that these changes require. So, there is a mobilisation for meaning-making and interpretation of the profession, i.e. for making sense of what it means to be an accountant, i.e. the specialist accountant or the generalist accountant who knows a little bit about everything, or even the network manager, the consultant or the government actor, roles that the accountant believes he has to take in order to define who he is and how he should act.

Keywords: sensemaking. sensegiving. accountant's profession. change. re-signification.

Lista de Figuras

Figura 1 – Representação do <i>sensemaking</i> e <i>sensegiving</i> na profissão contábil	30
Figura 2 - Representação da construção de sentido da profissão contábil pelo contador	92

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Estrutura da pesquisa	14
Tabela 2 - Estudos sobre a criação de sentido	16
Tabela 3 - Síntese das propriedades do <i>sensemaking</i>	26
Tabela 4 - Alinhamento dos objetivos com a teoria e o instrumento de coleta de dados	36
Tabela 5 - Características dos entrevistados	42
Tabela 6 - Pronunciamentos Técnicos Gerais emitidos pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis	49
Tabela 7 - Normas Brasileiras de Contabilidade aplicadas ao Setor Público	52
Tabela 8 - Principais dimensões de mudanças no exercício da profissão contábil	56

Sumário

1 Introdução	8
1.1 Contextualização	8
1.2 Lacuna e problema de pesquisa	9
1.3 Questão de pesquisa	10
1.4 Objetivos	10
1.4.1 <i>Geral</i>	10
1.4.2 <i>Específicos</i>	10
1.5 Justificativa de uma pesquisa embasada em <i>sensemaking</i>	10
1.6 Contribuição teórica e prática do estudo de <i>sensemaking</i> aplicado à contabilidade .	13
1.7 Delimitação para o estudo	14
1.8 Estrutura da dissertação	14
2 Base teórica	16
2.1 Antecedentes da teoria de <i>sensemaking</i>	16
2.2 <i>Sensemaking</i>	17
2.2.1 <i>Propriedades do Sensemaking</i>	17
2.2.1.1 <i>Identidade</i>	17
2.2.1.2 <i>Retrospecto</i>	19
2.2.1.3 <i>Enactment</i>	20
2.2.1.4 <i>Social</i>	22
2.2.1.5 <i>Dinâmico</i>	22
2.2.1.6 <i>Focado em e por pistas extraídas</i>	23
2.2.1.7 <i>Plausibilidade</i>	24
2.2.2 <i>Processos de criação de sentido guiados por crenças e ações</i>	26
2.3 <i>Sensegiving</i>	28
2.4 Representação de <i>sensemaking</i> e <i>sensegiving</i> na profissão contábil	29
3 Método e procedimentos da pesquisa	32
3.1 Delineamento da pesquisa	32
3.2 Sujeitos da pesquisa, unidade e nível de análise da pesquisa	35

3.3 Alinhamento dos objetivos da pesquisa com a teoria.....	35
3.4 Procedimentos de coleta e análise dos dados	39
3.5 Limitações dos métodos e técnicas de pesquisa	43
4 Apresentação e análise dos resultados	44
4.1 Caracterização do objeto de estudos.....	44
4.1.1 A profissão contábil	45
4.1.2 <i>O perfil do contador</i>	46
4.1.3 <i>A legislação</i>	48
4.1.4 <i>A tecnologia</i>	53
4.1.4.1 <i>Inovações digitais</i>	54
4.2 Mudanças na profissão contábil.....	56
4.2.1 <i>A tecnologia e o “robô não interpreta, só executa”</i>	57
4.2.2 <i>A legislação e o “sempre muda”</i>	68
4.2.3 <i>O profissional contábil e o “estar em constante atualização”</i>	75
4.2.4 <i>E agora, quem somos nós?</i>	80
4.2.5 <i>E o futuro, o que nos reserva?</i>	85
4.3 Os sentidos do "Eu Contador" a partir da análise das narrativas.....	91
5 Considerações finais	101
Referências	105
Apêndice	114

1 Introdução

1.1 Contextualização

A profissão contábil se encontra em meio ao processo de mudanças advindas da globalização dos negócios, aumento da concorrência, regulamentações mais rígidas, inovações tecnológicas e desenvolvimentos recentes em automação (Gulin et al., 2019; Zhang et al., 2020). Embora a contabilidade tenha evoluído, a profissão contábil está posicionada como uma atividade técnica/operacional, voltada para apuração de impostos e emissão de guias para pagamento, e a preparação de relatórios realizada para fornecer informações para as partes interessadas, tanto interna quanto externamente à organização (Carnegie et al., 2021). Os desafios para o contador, para mudar essa percepção de profissão técnica, estão representados na necessidade de rápida adaptação e transformação da realidade, com o aproveitamento de tecnologias que facilitem e aprimorem sua profissão, sem desprezar as regras e princípios contábeis básicos (Gulin et al., 2019).

Mudanças ocorridas no ambiente contábil, quer sejam tecnológicas, legais ou políticas tem implicações nas rotinas de trabalho e no perfil do profissional em contabilidade, o que demanda novas habilidades (Santos, 2020; Evangelista et al., 2021), por exemplo, conhecer novas tecnologias, a digitalização, a automação, o marketing pessoal, dinamismo, trabalho em equipe, assessoria empresarial, a inteligência artificial (IA), a robótica etc. Processos internos mais automatizados, rotinas parametrizadas e o acesso à informação cada vez mais rápido, situa o profissional contábil em posição de crescente responsabilidade na análise dos dados das empresas. Neste sentido, o contador assume atividades consultivas e estratégicas dentro das empresas, o que demanda preparo para lidar com as necessidades de uma economia dinâmica e em constante mudança, seja para orientar os gestores e/ou participar das decisões (Cardoso & Costa, 2019).

O processo de convergência aos padrões internacionais, por exemplo, trouxe modificações nos procedimentos de contabilização e elaboração dos relatórios financeiros, que por sua vez, passou a demandar conhecimentos específicos, aprendizagem contínua e o aumento na qualidade das informações, com maior assertividade dos dados e efetividade na tomada de decisão (Evangelista et al., 2021; Padoan et al., 2022).

Assim, as rotinas contábeis são diretamente impactadas pela automação dos processos da contabilidade e a IA. O acesso à informação e o desenvolvimento de sistemas integrados

facilitam os processos, anteriormente mecânicos, podem reduzir erros humanos de forma considerável, bem como diminuir o tempo gasto em atividades rotineiras e repetitivas, permitindo o redirecionamento do tempo para atividades de análises de dados, novas formas de divulgação de resultados, além de projeções de cenários e criação de novas ferramentas (Cardoso & Costa, 2019).

Ferreira et al. (2020), apontam a necessidade de um profissional da área com um perfil voltado para as informações globalizadas, que, mais do que fazer cálculos, tenha a capacidade de compreender e analisar os dados apresentados. Na era digital, os usuários das informações contábeis necessitam que elas sejam concomitantes à ocorrência do evento (Gulin et al., 2019). Portanto, esta capacidade analítica auxilia a oferecer respostas quase imediatas para o usuário dessas informações, o que reflete na posição exercida pelo contador no que tange à criticidade e transmissão de informações de forma mais rápida e assertiva.

Ainda, a prevalência da Inteligência Artificial na profissão contábil poderá transformar as rotinas contábeis e o desenvolvimento educacional dos futuros contadores (Zhang et al., 2020). Por exemplo, o desenvolvimento tecnológico com novas soluções digitais como nuvem, inteligência artificial e *blockchain*, contribuem para o aprimoramento do papel dos contadores e de todo o setor financeiro, pois afetam a redução da entrada manual, melhoria da velocidade, qualidade e precisão dos dados. Em adição a disponibilidade de dados em tempo real impacta a forma como as empresas implementam seus planos estratégicos, sendo mais adequados a um ambiente empresarial moderno (Gulin et al., 2019).

1.2 Lacuna e problema de pesquisa

Dessa forma, algumas mudanças que estão ocorrendo na profissão contábil foram apresentadas. No entanto, estudos que buscam entender estas mudanças na profissão contábil a partir da perspectiva da construção e concessão de sentido não foram encontrados, sendo as dinâmicas de *sensemaking* e *sensegiving* retratadas com maior frequência em artigos relacionados aos diferentes campos organizacionais, principalmente quando se trata de mudanças estratégicas (Prado, 2005; Kraft et al., 2015; Matias & Silva, 2019).

O *sensemaking* na contabilidade é pouco estudado (Puhakka, 2017). Alguns estudos relacionados à contabilidade que utilizaram a lente teórica de *sensemaking* e *sensegiving* buscam demonstrar a criação de sentido nas políticas e práticas (Austen & Kapias, 2016; Martins et al., 2019), nas métricas contábeis em processos de mudanças (Kraus & Strömsten, 2012; Abrahamsson et al., 2016; Puhakka, 2017), na prestação de contas e transparência em

períodos de crises (Stein et al., 2017; Egbon & Mgbame, 2020) e na medição de capital intelectual (Giuliani, 2016; Chiucchi & Giuliani, 2017).

Assim, diante do contexto de mudanças ocorridas, não só no andamento da profissão contábil, mas também a própria mudança na atuação do contador, surge a necessidade de se entender tais mudanças, de como o contador passa a interpretá-las, e ainda, como ele passa a ressignificar essa realidade, transformando a própria profissão. E, para entender esse processo, a lente teórica do *sensemaking* pode dar subsídios de como ocorre essa ressignificação da profissão contábil.

1.3 Questão de pesquisa

Assim, este estudo apresenta como questão de pesquisa: **Como o contador constrói sentido e ressignifica a própria profissão a partir das mudanças percebidas nas práticas contábeis?**

1.4 Objetivos

1.4.1 Geral

O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender como o contador cria sentido e ressignifica a sua profissão a partir das mudanças percebidas nas práticas contábeis.

1.4.2 Específicos

Como objetivos específicos tem-se:

- a) Identificar, a partir do entendimento do contador, as mudanças que impactam no exercício da profissão;
- b) Captar como o contador tem pensado a profissão diante desta nova realidade, os sentidos que são criados a partir das mudanças ocorridas nas práticas contábeis; e,
- c) Compreender o *sensemaking* da profissão contábil a partir do entendimento dos profissionais pesquisados.

1.5 Justificativa de uma pesquisa embasada em *sensemaking*

Mudanças na tecnologia modificam os papéis de trabalho, as relações interpessoais e as redes sociais. De acordo com Weick (1995), em tempos de estabilidade a repetição constitui o

padrão de interação do cenário, porém, quando a tecnologia muda, a incerteza aumenta, e os padrões antigos não funcionam mais. Assim, de acordo com o autor, a interação entre os indivíduos facilita a percepção de eventos complexos, contribuindo para que inovações sejam criadas para gerenciar essa complexidade.

Sensemaking ocorre principalmente quando um evento inesperado precisa ser explicado, é o modo como os indivíduos estruturam o desconhecido para poder atuar sobre ele, alcançar uma compreensão plausível sobre o ocorrido (Weick, 1995). Para o autor, o conceito de *sensemaking*, em termos literais, significa fazer/criar sentido, pois é um processo de pensamento que se apoia em relatos retrospectivos para explicar eventos que não eram esperados, baseado tanto na atuação individual quanto na social, pela interação na busca da compreensão mútua por meio de linguagens e símbolos próprios que têm efeitos importantes na construção de sentido. Ainda para o autor, *sensemaking* é um processo interpretativo pelo qual os indivíduos compreendem e compartilham entendimentos relativos as características da organização, aos problemas que enfrentam, e como podem resolvê-los.

A interpretação nas organizações pode ser um dos mais importantes processos desempenhados, pois, mais do que métodos de transformação ou sistemas de controle, as organizações, para sobreviver, necessitam de mecanismos de interpretação de eventos ambíguos, de fornecimento de significado e direção para os envolvidos (Daft & Weick, 1984). Segundo os autores, é pela interpretação que a informação recebe significado e as ações são escolhidas, porém só pode ser manifestada se a comunidade interna da organização perceber e interpretar o ambiente, reagindo a ele. Portanto, *sensemaking* se desenvolve "em um contexto social de outros atores" (Weick et al., 2005, p. 409) e a atribuição de significado (*sensegiving*) e a construção do sentido (*sensemaking*) são processos necessariamente sociais (Rese et al., 2017).

As organizações, de acordo com Weick (1995), são um agrupamento de pessoas que procuram compreender o que está acontecendo ao seu redor, se estruturando de forma a minimizar as incertezas ambientais, pois, através dos mecanismos que formam as sociedades, as pessoas buscam reduzir a ambiguidade produzida no ambiente. A ambiguidade, para o autor, refere-se a um fluxo contínuo com a presença de duas ou mais interpretações, que pode também significar falta de clareza, se assemelhando à incerteza. A ambiguidade a partir do momento em que é entendida como confusão, criada por múltiplos significados, exige construção e invenção social, porém, quando entendida como ignorância, advinda de informações insuficientes, exige uma checagem e descobertas mais cuidadosas (Weick, 1995). Dessa forma, a ambiguidade está relacionada ao número de regras existentes em um processo, em havendo

muitas regras, a ambiguidade será reduzida, se houver poucas regras, a ambiguidade será maior (Daft & Weick, 1984).

Os indivíduos se envolvem em *sensemaking* pela ambiguidade e pela incerteza, no caso de ambiguidade, por estarem confusos com muitas interpretações, enquanto no caso de incerteza, eles o fazem porque ignoram quaisquer interpretações (Weick, 1995). Quando os membros da organização ficam expostos a esses momentos de incerteza eles procuram dar sentido, por meio de análise e interpretação dos sinais de seu meio, utilizando-os como base para uma explicação plausível sobre a realidade (Weick, 1995; Weick et al., 2005). E para Weick, a organização não é vista como uma entidade, mas sim como um padrão, onde a organização é produzida pela interação e se mantém apesar da rotatividade de pessoas (Tsoukas et al., 2020). Quando confrontados com um evento ambíguo, os gerentes emitem mensagens para criar significado e, por meio de discussão e interpretação conjunta, compartilham percepções entre si e aos poucos definem ou criam significado (Weick, 1995).

Colville et al. (2012), afirmam que vivemos em tempos em que eventos incomuns e inesperados ocorrem de forma recorrente, de forma rápida e em escala global, expondo as falhas passadas, promovendo a busca pelo significado ou por uma narrativa que explique a situação. A criação de sentido ocorre quando eventos incongruentes violam estruturas compreensíveis, quando um fluxo contínuo é interrompido, sendo dois os tipos de interrupção que mobilizam a criação de sentido: o evento que não é esperado e o que é esperado e não acontece (Weick, 1995).

Assim, a primeira questão do *sensemaking* é “o que está acontecendo aqui”, enquanto a segunda é “o que faremos em seguida” (Weick et al., 2005), pois, em uma perspectiva organizacional, *sensemaking* relaciona a ação com o contexto, destacando o modo como os indivíduos criam sentido a partir de suas experiências e de seu contexto cultural. *Sensemaking* significa “o processo através do qual as pessoas trabalham para entender questões ou eventos que são novos, ambíguos, ou, de alguma outra maneira violam as expectativas” (Maitlis & Christianson, 2014, p. 57).

Novas tecnologias podem alterar hábitos e formas de agir e algumas tecnologias podem alterar também o modo de ser (como a pessoa pensa, percebe e organiza o mundo interno e externo, como se relaciona com os outros e consigo mesma) (Nicolaci-da-Costa, 2002). Assim, o ato de construção de sentidos em um espaço onde os estímulos são ambíguos é definido como *sensemaking* e a realidade é uma construção social (Weick, 1995). A realidade socialmente construída é produzida por meio de negociações interpessoais e o seu entendimento construído a partir das experiências compartilhadas. Essa realidade representa um mundo intersubjetivo,

um mundo em que se convive com os outros, um mundo partilhado em que o sujeito tem consciência de si, do outro e do mundo (Berger & Luckmann, 2004). E o *sensemaking*, de acordo com Weick (1995), é um esforço para produzir uma micro estabilidade dentro de uma mudança constante onde as pessoas constroem micro estabilidades pelo compromisso social, fazendo com que o convívio tenha significado e possa ser reproduzido. Tal processo tem início em nível individual, porém se concretiza em grupo, é o modo como os agentes organizam o desconhecido, criam sentido e o interpretam através da compreensão e explicação, pois criar sentido é tornar o subjetivo em algo intersubjetivo (Weick, 1995).

1.6 Contribuição teórica e prática do estudo de *sensemaking* aplicado à contabilidade

As teorias orientam estudiosos e profissionais a compreender o padrão por meio do qual um fenômeno é encenado, bem como buscam a situação específica na qual tal encenação ocorre (Tsoukas, 2017). A teoria, para o autor, não tem pretensão de oferecer generalizações descontextualizadas, mas sim elucidar um fenômeno por meio de distinções cada vez mais sutis que possibilitam aos profissionais uma compreensão mais clara e integrada de suas práticas.

A presente pesquisa busca olhar para um campo pouco explorado: uma perspectiva teórica que interprete a profissão contábil a partir da construção de sentido. Segundo O'Connor (2002) existe uma carência de estudos narrativos que busquem a produção de sentido. Dessa maneira, como potencial contribuição teórica, o estudo visa apresentar uma nova perspectiva de analisar a profissão do contador a partir do olhar de uma realidade socialmente construída e interpretada.

Embora um pesquisador não possa capturar adequadamente a retrospectiva organizacional (uma vez que a incerteza e a ambiguidade vivenciada não são acessíveis ao pesquisador, apenas recebidas como relatos após o evento), ele pode procurar registrar rupturas ou surpresas que revelam a lógica da prática (identificando, pelo menos parcialmente, a ambiguidade e a incerteza) para os envolvidos (Tsoukas, 2017).

Para entender as diferentes interpretações ou linhas de interpretação que os contadores utilizam para dar sentido a própria profissão, busca-se um entendimento mais aprofundado, inclusive das expectativas desses profissionais em relação à sua própria profissão. Não se olha apenas o passado, mas sim, como eles vão construir o futuro da profissão, e o *sensemaking* permite que se possa entender como os contadores interpretam a realidade, como eles estão agindo sobre ela a partir das percepções que estão tendo.

Assim, como perspectiva de contribuição prática, o estudo permitirá maior compreensão e reflexão quanto aos contextos de mudança na profissão contábil e como o contador dá sentido a essa profissão, pois diante do elemento de incerteza, ele inicia um processo de pensar a profissão, busca o seu espaço em meio às transformações, e precisa dar sentido às novas funções decorrentes desse processo, ressignificando a sua profissão.

1.7 Delimitação para o estudo

O estudo foi desenvolvido entre profissionais contábeis atuantes nas diferentes regiões do Brasil, entre os meses de maio e setembro de 2022, por meio de coleta de dados em entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas e transcritas de forma literal e categorizadas para análise dos dados. Para as entrevistas buscou-se estabelecer critérios para a escolha dos respondentes: acessibilidade, disponibilidade e que estejam atuando em regiões diferentes do país. O número de entrevistados foi necessário até que se alcançasse a saturação teórica, ou seja, o momento da pesquisa em que dados adicionais não mudam significativamente os resultados já alcançados, uma vez que os mesmos estão se repetindo (Strauss & Corbin, 2008).

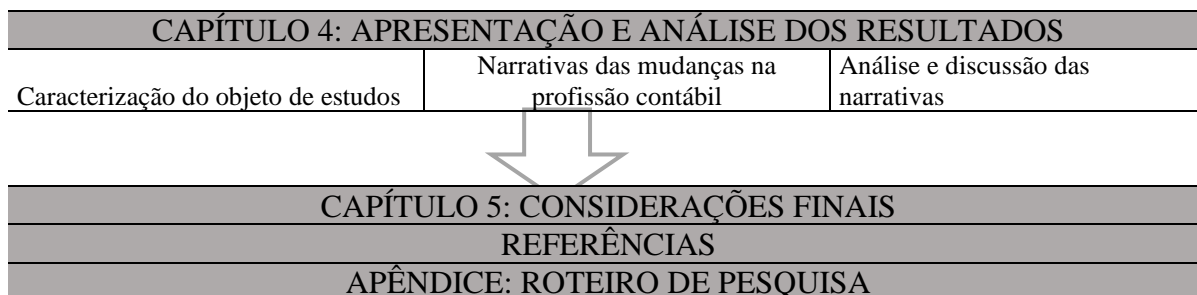
1.8 Estrutura da dissertação

O trabalho está estruturado em cinco capítulos, e para uma melhor visualização, a Tabela 1 apresenta suas seções, além do cronograma, referências e apêndice, de acordo com a sequência desenvolvida.

Tabela 1

Estrutura da pesquisa

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO						
Contextualização	Problema de Pesquisa	Lacuna e Questão de Pesquisa	Objetivos	Justificativa	Contribuição	Delimitação
↓ ↓						
CAPÍTULO 2: BASE TEÓRICA						
<i>Sensemaking</i>		<i>Sensegiving</i>			Esquema Teórico	
↓ ↓						
CAPÍTULO 3: MÉTODO E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA						
Delineamento da Pesquisa	Sujeitos da pesquisa, unidade e nível de análise		Constructo da Pesquisa	Procedimentos de coleta e análise de dados		Limitações
↓ ↓						



Nota. Fonte: Elaborada pela autora (2022).

O primeiro capítulo contextualiza o leitor com as mudanças ocorridas e que ainda estão ocorrendo na profissão contábil, apresenta o problema de pesquisa que está relacionado a necessidade de o contador entender a sua profissão e ressignificar essa realidade a partir dessas mudanças. Estudos que busquem entender as mudanças que estão ocorrendo na profissão contábil a partir da perspectiva da construção de sentido não foram encontrados, representando uma lacuna na literatura. Assim apresentamos a questão de pesquisa, cujo objetivo consiste em compreender como o contador cria sentido e ressignifica a sua profissão a partir das mudanças percebidas nas práticas contábeis. Pela lente teórica do *sensemaking* busca-se entender esse processo social e coletivo. Apresentamos, ainda, potenciais contribuições da pesquisa, além da delimitação para o estudo.

No segundo capítulo são apresentadas as bases teóricas do estudo, inicia-se pelo *sensemaking*, que consiste no modo como os indivíduos criam sentido a partir de suas experiências e de seu contexto cultural (Weick, 1995), seguido de um processo de convencimento e aceitação da nova visão pelos demais, denominado de *sensegiving* (Gioia & Chittipeddi, 1991). Na sequência apresenta-se uma representação de *sensemaking* e *sensegiving* na profissão contábil.

Já no terceiro capítulo está descrita a metodologia utilizada para atingir o objetivo do presente estudo, com o delineamento da pesquisa, sujeitos da pesquisa, unidade e nível de análise. Na sequência está apresentado o alinhamento dos objetivos com a teoria, o instrumento de coleta de dados e o método, onde constam os objetivos específicos, as dimensões de análise e suas subdimensões com o aporte teórico e as perguntas do roteiro. Os procedimentos de coleta e análise de dados bem como as limitações do estudo também são apresentados.

No quarto capítulo apresentamos a caracterização do objeto de estudos e as narrativas que representam as mudanças que estão ocorrendo na contabilidade, no entendimento dos profissionais entrevistados, bem como as análises e discussões.

Por fim, apresentamos as considerações finais, referências utilizadas para embasamento do trabalho, e o roteiro de entrevista que consta como apêndice ao trabalho.

2 Base teórica

Nesta seção são discutidos os antecedentes da teoria, os conceitos de *sensemaking* e suas propriedades, segundo Weick (1995), os conceitos de *sensegiving*, a evolução da profissão contábil e as mudanças ocorridas na contabilidade.

2.1 Antecedentes da teoria de *sensemaking*

Desde o surgimento, como um tópico de estudo distinto dentro da literatura organizacional, no final dos anos 1960, *sensemaking* foi estudado por pesquisadores que buscaram entender como o significado é construído e transmitido (Maitlis & Christianson, 2014).

Tabela 2

Estudos sobre a criação de sentido

Autores	Principais tendências na pesquisa de criação de sentido
Berger & Luckmann (1966)	Enfatizaram a construção social da realidade. As pessoas agem de acordo com padrões.
Garfinkel (1967)	A racionalidade é socialmente construída. O autor estudou as práticas dos atores na interação cotidiana, como interpretam e dão conta de sua experiência da realidade.
Polanyi (1967)	Descreveu como as pessoas conferem significado e dão sentido à fala.
Weick (1969)	Primeira menção publicada de <i>sensemaking</i> no contexto organizacional. Mudanças ecológicas no ambiente organizacional criam descontinuidades, gerando ciclos recursivos de atuação, seleção e retenção, com o objetivo de reduzir a equivocidade.
Cicourel (1974); Heap (1976)	Estudaram como os atores entendiam sua experiência vivida.
Bugental, Tannenbaum e Bobele (1968); Manis (1978); Staw e Ross (1978); Weick (1967)	Ampliaram a pesquisa sobre dissonância cognitiva e examinaram como as pessoas entendiam as crenças conflitantes e reconciliavam (ou não) suas expectativas com a realidade vivenciada.
Salancik (1977a, 1977b)	Explorou como agir de acordo com as crenças pode restringir as escolhas futuras e possíveis ações.
Louis (1980)	Estudou como expectativas violadas desencadearam a construção de sentido.
Kiesler e Sproull (1982)	Pesquisaram como os estímulos do ambiente foram percebidos, interpretados e incorporados.
Daft e Weick (1984); Starbuck e Milliken (1988)	Apresentaram por que algumas pistas receberam mais atenção do que outras.
Porac, Thomas e Baden-Fuller (1989)	Se preocuparam com as consequências das ações realizadas à medida que as pessoas faziam sentido em seu ambiente, mostrando que tais ações poderiam alterar o próprio ambiente em consideração.
Abolafia e Kilduff (1988); Weick (1988)	Estudaram ações realizadas à medida que as pessoas faziam sentido em seu entorno, mostrando que tais ações poderiam alterar a trajetória dos eventos ou precipitar crises.

Nota. Fonte: Adaptado de Maitlis e Christianson (2014).

Na Tabela 2 fica evidenciado que desde as primeiras discussões sobre *sensemaking* na literatura organizacional, os estudiosos abordaram seu estudo de várias maneiras, sendo a

primeira menção ao termo *sensemaking* no contexto organizacional, o livro de Weick (1969), a Psicologia Social da Organização. Nas décadas de 1960 e 1970 diferentes estudos forneceram um amplo terreno para pesquisas relacionadas à criação de sentido, especialmente ao desafiar as noções de uma realidade objetiva, enfatizando a construção social da realidade; psicólogos ampliaram as pesquisas sobre dissonância cognitiva e acadêmicos organizacionais exploraram o agir de acordo com as crenças. Já na década de 1980, estudiosos iniciaram pesquisas voltadas aos fundamentos cognitivos da construção de sentido (Maitlis & Christianson, 2014).

2.2 Sensemaking

Na década de 1990, ocorreu um dos avanços importantes na construção de sentido, o livro seminal de Weick (1995), *Sensemaking nas Organizações*, o qual resultou em uma estrutura teórica para a compreensão dos principais aspectos de *sensemaking* (Maitlis & Christianson, 2014).

Sensemaking consiste no modo como os indivíduos criam sentido a partir de suas experiências e de seu contexto cultural (Weick, 1995). Significa “o processo através do qual as pessoas trabalham para entender questões ou eventos que são novos, ambíguos, ou de alguma outra maneira violam as expectativas” (Maitlis & Christianson, 2014, p. 57). E nas organizações os indivíduos se envolvem em *sensemaking* pela ambiguidade e pela incerteza (Weick, 1995). Segundo o autor, no caso de ambiguidade, por estarem confusas com muitas interpretações, já no caso de incerteza, as pessoas se envolvem por ignorarem quaisquer interpretações.

2.2.1 Propriedades do Sensemaking

Sensemaking é construído baseado em sete propriedades listadas por Weick (1995): identidade, retrospecto, *enactment* (encenação), social, dinâmico, focado “em” e “por” pistas extraídas, e por plausibilidade.

2.2.1.1 Identidade

A identidade é formada a partir das relações e a mudança entre as interações também significam mudar entre as concepções do eu, ou seja, o próprio criador de sentido permanece em constante redefinição, o que coincide com a apresentação de algum “eu” aos outros de forma a demonstrar qual “eu” é mais apropriado (Weick, 1995). A interpretação ou criação de sentido das situações ocorre a partir de quem o indivíduo é, baseada na construção da própria

identidade, de como ele se percebe (Weick, 1995). Para Berger e Luckmann (2004), é no relacionamento com o outro que o sujeito conhece a si mesmo, pois é por meio do outro que ele consegue acessar a sua subjetividade, tomando consciência do seu ser.

Sensemaking tem início com um *sensemaker* autoconsciente, pois, em primeiro lugar, a criação de sentido de forma controlada e intencional é desencadeada por uma falha em confirmar a si mesmo. Em segundo lugar, a criação de sentido ocorre para a manutenção de uma autoconcepção plausível e positiva. Terceiro, as pessoas compreendem suas identidades projetando-as em um ambiente e observando as consequências. Quarto, os indivíduos concomitantemente tentam moldar e reagir aos ambientes que enfrentam. E a mais importante, quinta nuance, a ideia de que o *sensemaking* é autorreferencial, sugere que o eu, e não o ambiente, pode ser o que precisa de interpretação, o sujeito extrai pistas sobre o que a situação significa, do eu mais apropriado para lidar com ela, e não do que está acontecendo externamente (Weick, 1995).

A maneira como o indivíduo apresenta a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas influencia o modo como estas o verão, agindo por vezes de forma teatral para obter boas impressões, regulando o que pode ou não fazer enquanto na presença dos outros. Outras vezes poderá estar atuando de forma inconsciente, muitas vezes não será ele quem estará moldando o seu comportamento, e sim o grupo social ao qual pertença (Goffman, 2002). As contínuas mudanças tecnológicas e regulatórias levaram os contadores a experimentar um sentimento de indefinição identitária externando uma imagem de autoconfiança mesmo estando longe de corresponder a essa imagem (Tomo & Spanò, 2020).

Os contadores usam uma variedade de estratégias, dentro e fora do local de trabalho, para combater o estereótipo contábil tradicional. Procuram desenvolver uma identidade profissional que seja um agrupamento de seus valores gerais de vida (Parker & Warren, 2017). A representação social do profissional contábil, ora positiva, sendo apontadas a inteligência, a proatividade e o comportamento ético como características associadas positivamente ao perfil do profissional (Tonin et al., 2020), ora negativamente, como limitado, pouco participativo, sendo associado apenas às exigências voltadas ao atendimento da legislação e do fisco, principalmente à declaração do Imposto de Renda (Adam et al., 2018; Miranda & Faria, 2016; Moura et al., 2016), podem influenciar como a sociedade visualiza o profissional contábil ou até mesmo os próprios membros da classe profissional.

2.2.1.2 *Retrospecto*

A visão de futuro é sobretudo proveniente de um *sensemaking* retrospectivo, por meio de uma retrospecção do que já ocorreu, pode-se visualizar o futuro (Weick, 1995). Os acertos do passado são utilizados para explicar e solucionar os eventos do presente. “A palavra-chave, vivido, é dita no passado para capturar a realidade de que as pessoas podem saber o que estão fazendo somente depois de terem feito” (Weick, 1995, p. 24). Pela retrospecção, o indivíduo pode ponderar sobre a experiência passada trabalhando para reconstruir as ações em curso (Montenegro & Bulgacov, 2014).

Na retrospecção, segundo Weick (1995), várias coisas merecem destaque. Primeiro, a criação de significado é um processo de atenção ao que já ocorreu. Segundo, por ser a atenção direcionada a partir de um ponto específico já ocorrido no tempo, o que estiver ocorrendo no presente influenciará o que é descoberto quando se olha para trás. Terceiro, pelo fato do contexto a ser interpretado já haver passado e ser apenas uma memória, o que esteja afetando a lembrança afetará o sentido que é feito dessas lembranças. Quarto, a sequência estímulo resposta pode ser enganosa, somente quando ocorre uma resposta, um estímulo plausível pode ser definido. Por não conhecer a fase inicial, uma ação só se tornará objeto de atenção depois de ter ocorrido, pois no momento em que se percebe, vários antecedentes possíveis podem ser apresentados e a escolha do estímulo influencia a escolha do que a ação significa. Assim as escolhas são influenciadas pela situação em contexto (Weick, 1995).

As pessoas normalmente mantêm mais de um projeto em andamento e têm diferentes percepções deles, sem muita clareza. A experiência parece ser equívoca, não porque não faça sentido algum, mas porque faz muitos tipos diferentes de sentido (Weick, 1995). “Os significados mudam à medida que os projetos e metas atuais mudam” (Gioia & Chittipeddi, 1991, p. 435).

Nas organizações, o *sensemaking* lida com a retrospecção para explicar fenômenos imprevistos ocorridos (Louis, 1980). Conforme a autora, o indivíduo enfrenta eventos cotidianos, sem o elemento surpresa e de forma automática eles lidam com as situações diárias seguindo um roteiro preestabelecido em sua cognição. No entanto, ao ocorrerem surpresas, estes indivíduos têm a necessidade de trazer à consciência os eventos inesperados, fazendo uma retrospecção na tentativa de compreender o que não se encontra dentro da rotina (Louis, 1980).

Weick (1995) exemplifica como a retrospecção opera ao mencionar os estudos de Staw (1975, *apud* Weick, 1995) que, em sua pesquisa, designou aleatoriamente 60 alunos divididos em grupos para estudarem o relatório de uma empresa de eletrônicos. Depois de serem

informados de seu desempenho os participantes preencheram um questionário sobre “o que aconteceu no grupo”. Indivíduos aleatoriamente designados para grupos de alto desempenho classificaram seus grupos significativamente mais altos do que aqueles designados para grupos de baixo desempenho. Os pesquisados de Staw usaram seu conhecimento do desempenho de seu grupo para construir uma história plausível do processo que produziu esse resultado (Weick, 1995).

Entretanto, alguns estudiosos, como Sandberg e Tsoukas (2015), e Hernes e Obstfeld (2022), se contrapõem a orientação retrospectiva de Weick e, defendem uma visão prospectiva sobre o sensemaking. A pesquisa precisa oferecer estruturas com perspectivas temporais, que combinem a criação de sentido com uma visão que aborde as relações entrelaçadas entre o passado, o presente e o futuro (Hernes & Obstfeld, 2022). Para Sandberg e Tsoukas (2015, p. 9) “o sensemaking envolve focar em dicas relevantes de uma situação em desenvolvimento, e elaborá-las em uma narrativa plausível para o que está acontecendo”.

De acordo com Hernes e Obstfeld (2022), à medida que as representações prospectivas ocorrem, os indivíduos empregam a narrativa em andamento, em uma atividade de conectar e reconectar, de forma significativa, eventos passados e futuros, para demonstrar sua trajetória através do tempo. E a interpretação dessa representação, ao se tornar passado, torna-se parte do futuro emergente. Assim, “o sensemaking envolve a conexão seletiva de eventos passados e futuros projetados, que juntos formam uma história, que posteriormente guia os atores em seus próximos passos” (Hernes & Obstfeld, 2022, p. 9).

O próprio Weick (2022), em seu estudo sobre o processo de arrested sensemaking, admite um sensemaking prospectivo. Weick narra um desastre em alto mar, o caso El Faro, onde a sensação predominante era de que o mar agitado era uma tempestade “típica”, interrompendo a compreensão diante de um desastre iminente. Segundo o autor, arrested sensemaking é a criação de sentido para administrar uma disjunção entre continuidade e descontinuidade, geralmente compreende atribuir tipicidade de forma intuitiva ou por meio de deliberação, e os detalhes perdidos durante esse processo podem levar a mais estragos. Weick conclui que o caso acrescenta novas sugestões às discussões de sensemaking, como por exemplo, que as posições de “arrested” são prospectivas, bem como retrospectivas.

2.2.1.3 Enactment

Para Weick (1995), o indivíduo cria parte do ambiente em que está inserido, eles criam e agem sobre suas realidades, de forma que seja tangível e que represente a sua identidade. E ao fazê-lo, são estabelecidos rótulos que criam características novas no ambiente, que não

existiam antes. “As pessoas fazem parte de seus próprios ambientes. Eles agem e, ao fazê-lo, criam os materiais que se tornam as restrições e oportunidades que enfrentam” (Weick, 1995, p. 31).

Para Sandberg e Tsoukas (2015) o ambiente ser promulgado não significa construí-lo e modificá-lo de livre vontade, mas diz respeito ao meio ambiente ser trazido à consciência dos atores, que fazem sentido do que percebem. Weick et al. (2005), afirmam que o processo de sensemaking envolve a elaboração retrospectiva de imagens que explicam e justificam as ações atuais.

Nas organizações, Weick (1995) utiliza o termo *enactment*, e, ao trabalhar com este conceito, menciona dois cuidados que se fazem necessários: primeiro, lembrar que criar não é a única coisa que pode ser feita com ação, pois há muitas maneiras pelas quais a ação pode influenciar o significado além de produzir consequências visíveis no mundo. Ações construídas na imaginação e indicadas unicamente para si mesmo também podem ter sentido. E o segundo cuidado é lembrar que, para a construção de sentido, as pessoas parecem precisar da ideia de que existe um mundo com características preconcebidas com informações prontas (Weick, 1995).

As organizações, vistas como sistemas de *sensemaking*, objetivam criar e identificar eventos recorrentes de forma a estabilizar seus ambientes e torná-los mais previsíveis, pois “um evento sensato é aquele que se assemelha a algo que aconteceu antes” (Weick, 1995, p. 161).

As pessoas nas organizações impõem repetidamente aquilo que mais tarde afirmam que lhes impõe. Weick exemplifica agricultores com tratores pesados que movimentam a terra compactada e, com o passar do tempo, acaba por exigir tratores mais pesados, consequentemente mais combustível, arados mais profundos, e pneus mais largos para trabalhar (Weick, 1979), ou seja, a tecnologia é criada pelo ser humano, sendo necessário o aperfeiçoamento, que causa pressão por melhorias, gerando tensão.

Na profissão contábil, a maneira como o contador trabalhava antes, já não é mais suficiente para o cliente ou para a sociedade, então ele começa a fazer coisas diferentes, a ofertar novos trabalhos. E ao fazer isso, ele passa a interpretar o papel dele nessa nova realidade, pois se antes o papel dele era fazer apenas o trabalho técnico, agora é dar suporte à tomada de decisões e até participar do processo de decisão. E esse processo não é racional, é algo que ele foi agindo e criando, é uma forma de olhar para a realidade. A realidade que vivenciamos foi criada por nós (Weick, 1995).

2.2.1.4 Social

A conduta individual depende da conduta dos outros, quer seja de forma imaginada ou fisicamente presente, pois o *sensemaking* nunca é solitário, porque o que uma pessoa faz depende dos outros. A influência social está presente sobre o indivíduo e sobre suas ações e decisões continuamente, pois o significado criado é aquele que tem suporte social, validação e relevância compartilhada (Weick, 1995).

É por meio das interações entre os indivíduos que o conceito sobre algo ocorre internamente, e essa característica social do *sensemaking* é baseada basicamente por meio de palavras, nos discursos e nas conversações (Garcia & Montenegro, 2019). O mundo social é um mundo de significado, que não existe independente das pessoas interagindo umas com as outras, ou seja, a grande maioria das coisas importantes na experiência humana é socialmente construída pela interação das pessoas (Gioia, 2021). A maneira como a oferta de sentido é recebida e incorporada, na criação de sentido do indivíduo, é afetada pelo contexto social em que ocorre (Kraft et al., 2015).

A contabilidade, como atividade social, cada vez mais é reconhecida e compreendida no pensamento acadêmico internacional como instrumento de poder e controle dentro das organizações, contribui para moldar ou mudar as visões de mundo, na formação de culturas e vidas organizacionais dentro das comunidades e sociedades, e como atividade moral, cujas ações ou omissões influenciam outras, tanto no presente como no futuro, ajuda a moldar a ordem moral das organizações e sociedades, o que afeta os comportamentos individuais e organizacionais (Carnegie et al., 2021).

2.2.1.5 Dinâmico

O quinto elemento diz respeito à dinamicidade do processo. *Sensemaking* possui essa característica por não ter um ponto de início ou fim, é uma atividade permanente, pressupõe um aperfeiçoamento constante do entendimento, dentro de um determinado contexto. *Sensemaking* nunca começa. As pessoas estão sempre no meio das coisas. Compreender o *sensemaking* é ter sensibilidade de observar a maneira pelas quais as pessoas cortam momentos de fluxos contínuos e extraem pistas desses momentos (Weick, 1995).

As pessoas estão normalmente no meio de projetos, e o que elas veem no mundo são os aspectos que influenciam seus projetos, raramente ficam indiferentes ao que passa por elas, principalmente quando ocorrem as interrupções de projetos, o que torna a realidade dos fluxos mais aparente. Uma interrupção em um fluxo normalmente induz uma resposta emocional e,

como resultado, a emoção acaba por influenciar a criação de sentido. E, porque os fluxos contínuos estão sujeitos à interrupção, que o *sensemaking* é embutido com sentimento. Já em ambientes em que há poucos planos desenvolvidos, os fluxos serão menos descontinuados, o que ocasionará menos emoção (Weick, 1995).

A vida organizacional produz sentimentos mais fortes, tanto positivos quanto negativos, do que ocorre em outros ambientes. Emoções negativas podem surgir quando uma sequência comportamental estruturada é interrompida de forma abrupta e a interrupção é interpretada como prejudicial. A emoção positiva, associada à interrupção, pode surgir de duas fontes; quando ocorre a remoção repentina e inesperada de um estímulo de interrupção ou quando eventos que de forma inesperada aceleram a conclusão de um plano ou sequência comportamental (Weick, 1995).

Quando as pessoas realizam rotinas organizadas e são interrompidas, elas tentam dar sentido a isso, e quanto mais tentam, maior a excitação e mais forte a emoção. Se a interrupção retarda a realização de uma rotina, é provável que as pessoas sintam raiva. Se a interrupção acelerou a realização, é provável que sintam prazer. Se acharem que a interrupção pode ser contornada, elas sentirão alívio. Os eventos passados são reconstruídos no presente como explicações, não porque parecem iguais, mas porque oferecem o mesmo sentimento (Weick, 1995).

2.2.1.6 Focado em e por pistas extraídas

As pistas extraídas, de acordo com Weick (1995, p. 50) “são estruturas simples e familiares que são sementes a partir das quais as pessoas desenvolvem uma noção mais ampla do que pode estar ocorrendo” em determinada situação. Segundo o autor, quando os membros da organização se deparam com momentos de incerteza, eles procuram esclarecer o que está acontecendo, analisando e interpretando sinais de seu meio, são fenômenos dentro das organizações que podem ser estudados e utilizados para dar sentido ao que está acontecendo. “O contexto afeta a extração de pistas, e características pequenas e sutis podem ter efeitos surpreendentemente grandes na criação de sentido” (Weick, 1995, p.52).

Klein e Eckhaus (2017) examinaram a gestão de crises e os sinais que indicam seu surgimento por meio da análise de um banco de dados de 86.643 e-mails enviados por funcionários da Enron antes e após a declaração de falência. As descobertas dos autores mostram que os funcionários podiam sentir a crise iminente e aplicaram métodos informais de análise do ambiente em uma tentativa de dar sentido à sua realidade instável. Ainda, segundo

os autores, os gerentes usaram o *sensegiving*, implantando palavras de confiança em seus e-mails e essa prática aumentou depois que a crise estourou.

Os funcionários, de acordo com Wrzesniewski et al. (2003), recorrem a diferentes indivíduos no contexto organizacional para compreender quem são no trabalho, e durante as atividades, eles são continuamente expostos a pistas que transmitem as avaliações de outros sobre seu valor, bem como o valor de seus papéis e empregos. Para os autores, nesse processo, por meio do qual os funcionários leem as pistas interpessoais enviadas por outros, são reveladas as avaliações dos outros sobre eles, o que gera um impacto direto e indireto no significado que os indivíduos atribuíram a seus empregos, papéis e personalidades na organização.

Diante das mudanças contextuais, o processo de interpretação e a ressignificação, ocorrem quando o indivíduo pega pistas de uma mudança tecnológica, de uma mudança da cultura da sociedade, das próprias legislações das organizações, o que faz com que ele pense e repense a própria atuação como profissional (Weick, 1995).

2.2.1.7 *Plausibilidade*

Dirigido por plausibilidade em vez de acurácia e precisão: os sinais são utilizados como base para uma explicação plausível e que faça sentido do que está acontecendo. E assim, esforços são feitos para construir um senso plausível do que está acontecendo e esse senso de plausibilidade normaliza a violação, restaura a expectativa e permite que os projetos continuem (Weick, 1995; Weick et al., 2005). Assim, a precisão de informações pode não ser relevante e a simplificação pode auxiliar a ação do gestor.

Sensemaking inclui plausibilidade, coerência e razoabilidade, assim como pistas que são socialmente aceitáveis e confiáveis (Weick, 1995), para que o indivíduo possa interpretar a realidade para poder agir sobre ela.

Para o autor, a precisão é boa, mas não necessária, e assim, enumera razões para justificar a afirmativa:

Primeira razão: porque as pessoas precisam filtrar, distorcer, separar o sinal do ruído devido aos seus projetos atuais, se não quiserem ficar sobrecarregados com dados;

Segunda: *sensemaking* é sobre a elaboração de um único ponto de referência ou sugestão extraída, que ocorre quando uma sugestão está ligada a uma ideia mais geral. Devido aos múltiplos significados, é mais crucial começar com alguma interpretação do que adiar a ação, assim, dar sentido ao objeto parece mais plausível;

Terceira: é a velocidade, respostas rápidas moldam os eventos antes que eles se fixem em um único significado, a continuidade dos projetos em andamento são prioridade;

Quarta: se há atribulação devido a precisão, ela o faz por curtos períodos e relacionada a questões específicas;

Quinta: a nossa referência à qualidade interpessoal, interativa e interdependente da vida organizacional;

Sexta: a precisão é definida pela operacionalização, ou seja, a encenação na busca de projetos fornece o quadro dentro do qual as pistas são extraídas e interpretadas;

Sétima: os estímulos que são filtrados normalmente são aqueles que prejudicam uma resposta enérgica, confiante e motivada, pois percepções precisas imobilizam e as pessoas que querem entrar em ação optam por simplificar em vez de elaborar;

Oitava: é quase impossível dizer, no momento da percepção, se elas serão precisas ou não, diferentes previsões podem conduzir a ações semelhantes e percepções semelhantes podem levar a ações diferentes (Weick, 1995, pp. 57-60).

Weick (1995, p. 55) infere que “uma vez que as pessoas começam a agir (*enactment*), elas geram resultados tangíveis (pistas) em algum contexto (social), e isso as ajuda a descobrir (retrospectiva) o que está ocorrendo (em andamento), o que precisa ser explicado (plausibilidade) e o que deveria ser feito em seguida (aprimoramento de identidade)”.

Uma pergunta que Karl Weick costuma fazer, e que chamou de “receita” de criação de sentido, destaca como o *sensemaking* é um processo retrospectivo, onde os indivíduos primeiro agem para depois refletir sobre suas ações, interpretando e criando significado. Por meio da análise da pergunta “como posso saber o que penso até ver o que digo?” Weick (1995) demonstra a forma como cada uma das sete propriedades do *sensemaking* são construídas:

Identidade: é uma pergunta sobre quem eu sou conforme indicado pela descoberta de como e o que penso;

Retrospecto: Para saber o que penso, olho para trás e reviso o que disse anteriormente;

Enactment: eu crio o objeto para ser visto e inspecionado quando digo ou faço algo;

Social: o que eu digo, seleciono e concluo é determinado por quem me socializou e como fui socializado, bem como pelo público que prevejo que auditará as conclusões a que chego;

Dinâmico: minha fala está espalhada ao longo do tempo, compete por atenção com outros projetos em andamento e é refletida após a conclusão, o que significa que meus interesses podem já ter mudado;

Pistas extraídas: o “o quê” que seleciono e embelezo como conteúdo do pensamento é apenas uma pequena porção do enunciado que se torna saliente por causa do contexto e das disposições pessoais, e;

Plausibilidade: preciso saber o suficiente sobre o que penso para continuar com meus projetos, mas não mais, o que significa que suficiência e plausibilidade têm precedência sobre precisão (Weick, 1995, pp. 61-62).

Assim, a Tabela 3 sintetiza as propriedades do *sensemaking* segundo Weick (1995).

Tabela 3

Síntese das propriedades do *sensemaking*

Propriedade	Processo de criação de sentido
Identidade	A interpretação ou criação de sentido das situações, ocorre a partir de quem o indivíduo é, baseada na construção da própria identidade, de como ele se percebe.
Retrospecto	Chega-se à visão de futuro por meio de uma retrospectão do que já ocorreu.
<i>Enactment</i>	É uma forma de agir sobre a realidade. A partir do momento que se interpreta a realidade, também se age sobre ela.
Social	As imagens da realidade são construções sociais. É nas interações entre os indivíduos que o sentido ocorre.
Dinâmico	É uma atividade permanente, pressupõe um aperfeiçoamento constante do entendimento, dentro de um determinado contexto.
Pistas extraídas	São fenômenos dentro das organizações que podem ser estudados e utilizados para dar sentido ao que está acontecendo.
Plausibilidade	Os sinais são utilizados como base para uma explicação plausível e que faça sentido do que está acontecendo.

Nota. Fonte: Adaptado de Weick (1995).

2.2.2 Processos de criação de sentido guiados por crenças e ações

A combinação de um momento passado, mais uma conexão, mais um momento presente da experiência, produz uma definição da situação presente. O conteúdo de *sensemaking* pode ser encontrado nos eventos que retratam a experiência passada, nas pistas que armazenam características da experiência presente e nas formas como estão conectadas (Weick, 1995). As pessoas agem de acordo com o seu conhecimento, a ação gera novas pistas, essa é a máxima geral na criação de sentido de acordo com Christianson e Barton (2021).

Apesar de o conteúdo ser fundamental para a criação de sentido, o significado deste conteúdo é mais importante, e esse significado depende de como os conteúdos se unem e por meio de qual conexão (Weick, 1995). O conteúdo, ainda de acordo com o autor, é incorporado em sugestões, quadros e conexões, sendo essas as matérias-primas para o *sensemaking*, e momentos de significado ocorrem quando dois deles se conectam de maneira significativa, não existindo um significado fixo para os recursos de conteúdo do *sensemaking*.

Geralmente as informações são “incompletas, fragmentadas ou até contraditórias, apresentando desafios significativos para enquadramento e interpretação” (Christianson & Barton, 2021, p. 573). *Sensemaking* é sobre ampliar pequenas pistas, por meio da interação dos indivíduos que buscam confirmar suposições, buscar por contextos dentro dos quais detalhes se encaixem e façam sentido, em uma alternância contínua entre detalhes e explicações, na construção do significado (Weick, 1995). E esse processo deriva normalmente de duas estruturas: crenças ou ações.

O *sensemaking* segundo Sandberg e Tsoukas (2020, p. 17) “é a lógica de organizar na medida em que gera o sentido pelo qual os agentes criam e sustentam uma ação coletiva

coordenada”. Crenças e ações estão inter-relacionadas, assim, o *sensemaking* pode começar em qualquer ponto, pode ocorrer nas situações em que as crenças possam ser afetadas através da mediação da ação e situações em que as ações podem se afetar pela interferência de crenças (Weick, 1995). Os processos de *sensemaking* orientados por crenças são a argumentação e a expectativa, enquanto orientados por ações estão o compromisso e a manipulação.

O *sensemaking* como argumentação é uma das formas de processos de criação de sentido baseados em crenças (Weick, 1995). O autor afirma que, enquanto o significado individual de argumentação refere-se a qualquer pedaço de discurso racional, o significado social refere-se, não a, uma cadeia de raciocínio, mas a uma disputa entre as pessoas, ocasionando a chamada controvérsia social. O desdobramento da controvérsia, ainda de acordo com o autor, resulta em argumentar como uma maneira para a construção de sentido, e como a controvérsia começa com um discurso raciocinado, diz-se que é um *sensemaking* baseado em crenças.

Por meio de explicações, os indivíduos criam sentido, ao conectar a experiência concreta com os conceitos mais amplos, e no processo de desenvolver e criticar a explicação, podem descobrir novas explicações, pois diante de alguma incerteza, um processo de informações é desencadeado, e quando isso ocorre, as diferenças tornam-se evidentes, e as pessoas discutem vias para um novo sentido do que enfrentam, por isso, argumentar é decisivo para a criação de sentido (Weick, 1995).

O *sensemaking* como expectativas, quando comparadas aos argumentos, tendem a ser defendidas com mais força, pois as pessoas têm maior tendência a confirmar do que refutar ou contradizer suas expectativas, pois eventos que estão de acordo com a expectativa e a confirmam, fazem sentido, enquanto as pistas que não se encaixam, ficam em evidência, e as explicações construídas para explicar essas divergências correspondem a criação de significado (Weick, 1995). A literatura sugere que “as pessoas estão inclinadas a procurar e notar informações que confirmam uma visão, em vez de informações que a refutam” (Klein et al., 2006, p. 90).

Um mundo estável, é um mundo socialmente construído e tornado estável por expectativas confirmadas, pois os indivíduos conspiram para alcançar essa estabilidade por não acolherem a incerteza e, por mais diferentes que sejam seus objetivos individuais, eles compartilham o objetivo da estabilidade a serviço do *sensemaking*. Assim, nos processos orientados por crenças como argumentação, as conexões envolvem relações de contradição, enquanto no caso das expectativas, as conexões envolvem relações de confirmação (Weick, 1995).

O comprometimento comportamental e a manipulação, para Weick (1995), são processos de criação de sentido dirigidos à ação, pois o *sensemaking* começa com a ação, seja pela ação pela qual a pessoa é responsável (compromisso) ou pela ação causadora de mudança, externa, que requer explicação (manipulação).

No *sensemaking* como compromisso as pessoas têm maior empenho para construir significado em torno das ações com as quais têm maior comprometimento, o que afeta a criação de sentido. O compromisso institui uma forma de coerência na interpretação da ação. Cada pessoa define sua identidade, escolhendo quais ações precisa explicar e, quais explicações para essas ações defenderá. Em não havendo essas escolhas e explicações, as pessoas acabam com muitas possibilidades e incertezas (Weick, 1995). De acordo com o autor, as pessoas podem lidar com as mudanças se adaptando a elas, enfraquecendo seus compromissos e mudando suas ações, ou podem manipular a mudança reafirmando seus compromissos e fortalecendo suas ações.

O *sensemaking* por meio da manipulação envolve agir de forma a criar um ambiente que possa ser compreensível e gerenciável. No interesse do *sensemaking*, os indivíduos escolhem e criam algumas de suas próprias restrições, e uma vez escolhido como justificar a ação que optaram por realizar, elas o fazem de acordo com suas crenças e ações. Assim a manipulação é um processo de criação de sentido onde as crenças se acomodam às ações (Weick, 1995).

No compromisso, o foco está na própria ação, e essa faz sentido quando são justificadas pelas crenças, enquanto na manipulação, o foco está de forma significativa, nas consequências da ação, ou seja, que gerem estabilidade (Weick, 1995). A manipulação, conforme o autor, é fazer com que as coisas aconteçam, produzir resultados mais claros, facilitando a compreensão do que está acontecendo, pois, a ação ou o resultado, dão início a criação de sentido, mas em ambos as crenças são alteradas para gerar uma explicação sensata.

2.3 Sensegiving

O *sensemaking* é incompleto a menos que haja *sensegiving* (Gioia & Chittipeddi, 1991). Concomitante a construção de sentido ou *sensemaking*, um processo de convencimento e aceitação da nova visão pelos demais é iniciado, fazendo com que compreendam os propósitos das mudanças, criando uma ideia de objetivos compartilhada, de maneira que os indivíduos adotem tais objetivos como se fossem seus, e esse processo de influenciar a construção de significados através da redefinição da realidade é denominado de *sensegiving* (Gioia & Chittipeddi, 1991).

Assim, *sensemaking* é a capacidade do ser humano de dar sentido utilizando as informações visuais, intelectuais e sensoriais para abstrair informação dos dados, juntar isso à sua vivência, baseado no meio em que se encontra e de acordo com as crenças construídas (Weick, 1995). Em contrapartida, o *sensegiving* é o processo de convencimento, de comunicação, por meio de palavras, gráficos, planilhas ou demonstrativos, na intenção de influenciar (Gioia & Chittipeddi, 1991; Maitlis & Christianson, 2014).

Sensegiving possui um elemento de intencionalidade em que são empreendidos esforços por parte de alguns sujeitos para influenciar a construção de significados dos outros, a partir de uma perspectiva preferencial a respeito da realidade (Gioia & Chittipeddi, 1991), ou seja, pelo *sensegiving* há a tentativa de influenciar a maneira como os outros pensam ou agem.

Em seus estudos, Maitlis e Lawrence (2007), observaram a existência de facilitadores do *sensegiving*, descritos como sendo a experiência, a legitimidade e a oportunidade, sugerindo um *sensegiving* altamente incorporado nas identidades relacionais dos indivíduos e nos contextos sociais e tecnológicos nos quais estão inseridos. Os autores sugerem que a capacidade de se engajar no *sensegiving* está além de simplesmente contar uma história, mas “contar histórias sensatas (com base em conhecimentos relevantes) na hora e no lugar certo (oportunidade) e ocupar uma posição social que leve os outros a ouvir (legitimidade)” (Maitlis & Lawrence, 2007, p. 79).

Assim, enquanto *sensemaking* tem a ver com a construção e reconstrução de significado pelas partes envolvidas, que tentam desenvolver uma estrutura significativa para compreender a natureza da mudança estratégica pretendida, *sensegiving* está preocupado com o processo de tentar influenciar a criação de sentido e a construção de significado de outros em direção a uma redefinição da realidade (Gioia & Chittipeddi, 1991).

2.4 Representação de *sensemaking* e *sensegiving* na profissão contábil

O processo de mudanças em que a profissão contábil se encontra, oriundo da globalização dos negócios, regulamentações mais rígidas, inovações tecnológicas e automação (Gulin et al., 2019; Zhang et al., 2020), tem implicações nas rotinas de trabalho e no perfil do profissional em contabilidade (Santos, 2020; Evangelista et al., 2021). Assim, surge a necessidade desse contador criar sentido e interpretar a sua profissão, para então ressignificar a sua realidade a partir dessas mudanças, transformando a própria profissão. Nesse contexto apresenta-se uma representação de *sensemaking* e *sensegiving* na profissão contábil.

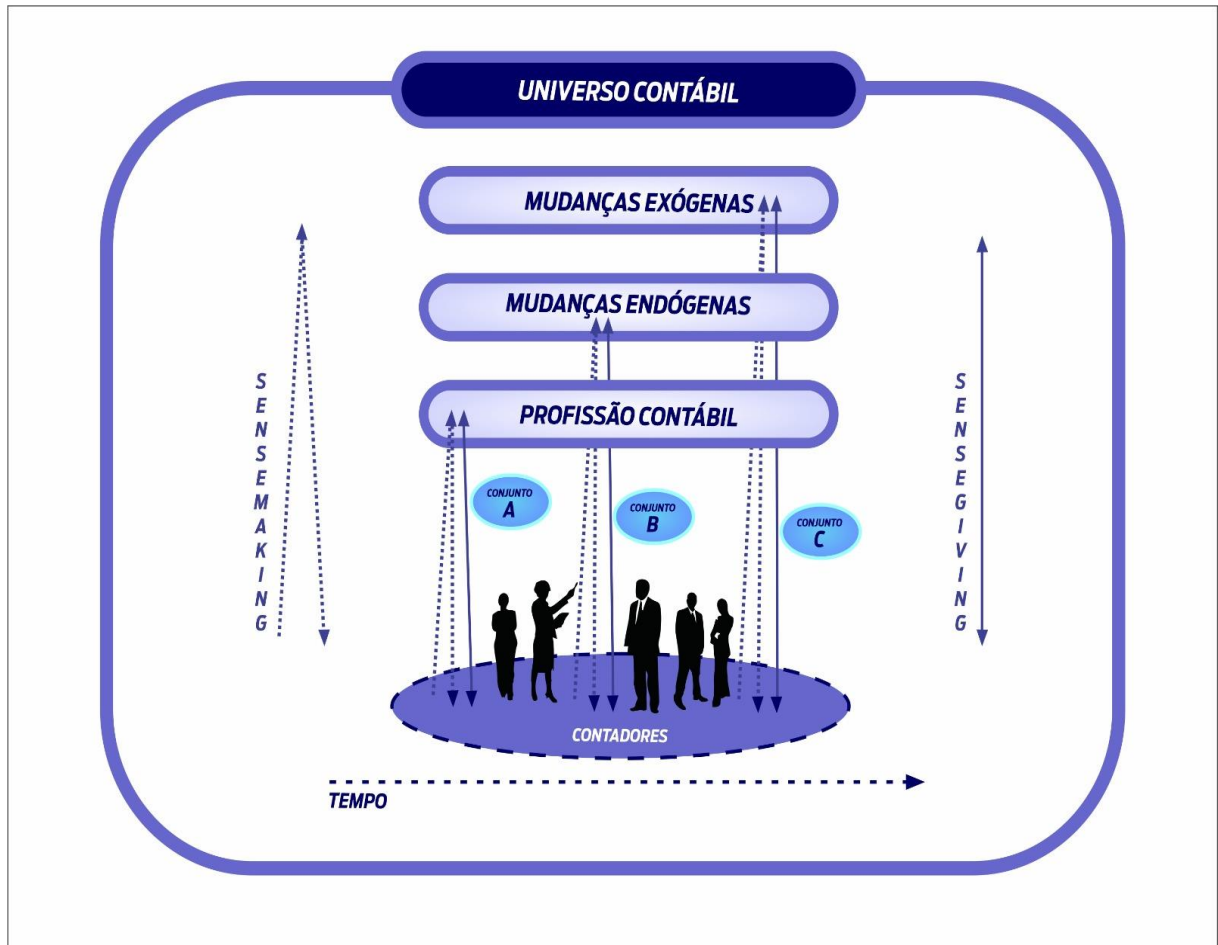


Figura 1. Representação do *sensemaking* e *sensegiving* na profissão contábil
 Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Todo processo de construção social se dá em um contexto intersubjetivo (Weick et al., 2005). Nesse processo de interação, a interpretação ou criação de sentido das situações, ocorre a partir da identidade construída entre os contadores (Weick, 1995). No esquema, os contadores estão representados no círculo.

A representação do *sensemaking* e *sensegiving* na profissão contábil, conforme a Figura 1, representa um esquema inicial, com base na literatura apresentada, no entanto, os elementos preliminarmente aqui apresentados precisam ser construídos a partir da compreensão efetiva de como as coisas acontecem, dentro do grupo social dos contadores, por meio da pesquisa proposta neste estudo.

A construção de significado da profissão contábil, na representação da Figura 1, se dá de maneira sistematizada em três possíveis níveis. O primeiro nível, representado pelo conjunto A, demonstra a relação dos contadores com a profissão contábil, as percepções das mudanças que influem na profissão e suas rotinas de trabalho. E, a partir de seus interesses e percepções, interação com outros profissionais e, até mesmo pela influência do conselho de classe ou outros órgãos interessados, ocorre uma mobilização para a criação de sentido (*sensemaking*) e

interpretação da profissão, ou seja, para a significação (*sensegiving*) do que representa ser um contador.

O segundo nível, representado pelo conjunto B, representa as mudanças internas (endógenas) a partir de mudanças percebidas que compõem a própria profissão. O contador interpreta essas mudanças partindo de pistas extraídas do próprio ambiente (Weick, 1995), como normas, procedimentos e ferramentas técnicas e, novamente, pela interação entre os indivíduos, a construção de sentido da profissão ocorre.

Já o terceiro nível, representado pelo conjunto C, compõe um nível mais externo, que vem de mudanças exógenas, que estão além do exercício da profissão contábil, mas que impactam no seu entendimento, como a tecnologia, a economia ou a legislação. Os contadores interpretam essas mudanças, a partir das pistas extraídas e, assim, constroem e dão significado às mudanças em sua profissão.

Para reinterpretar a sua própria profissão, tendo um processo alimentado por todas essas mudanças, a construção de sentido (*sensemaking*) está representada pelos elementos das flechas pontilhadas, num processo de vai e volta, não retornando para o mesmo lugar, o que pode representar assim, a ressignificação, a mudança do entendimento da profissão.

As flechas contínuas representam a concessão de sentido (*sensegiving*), em um processo de negociação, de entendimento e convencimento da nova realidade, que ocorre pela interação com outros profissionais (Gioia & Chittipeddi, 1991), e, nesse processo de negociação, buscar verificar se há uma compreensão que seja plausível para todos, de forma a criar uma definição adequada da realidade e da própria profissão, influenciando a construção de significados.

E, por fim, o processo de *sensemaking* é dinâmico, se dá de forma contínua, pressupõe um aperfeiçoamento constante do entendimento (Weick, 1995), onde as mudanças continuam ocorrendo. Esse processo está representado, na Figura 1, pela linha do tempo.

3 Método e procedimentos da pesquisa

Nesta seção, dividida em cinco subseções, são detalhados os caminhos, métodos e técnicas empregados nesta dissertação. No primeiro é explicitado o delineamento da pesquisa, a seguir, a unidade de análise, o constructo da pesquisa, o método de coleta e análise dos dados, e por fim, as limitações do estudo.

3.1 Delineamento da pesquisa

O presente estudo utilizará a metodologia qualitativa interpretativa, com abordagem epistemológica anti-estruturalista co-determinista, e análise pelo método da antenarrativa rizomática.

O método qualitativo é frequentemente utilizado quando se busca analisar os relatos e concepções dos membros nas organizações, considera a visão do entrevistado e não do entrevistador (Maitlis, 2005), pois como sugere Gioia (2021, p.23) “se quisermos ter alguma esperança de modelar a experiência dos informantes, antes precisamos colocar em primeiro plano o *sensemaking* dos informantes sobre sua experiência”. E a pesquisa interpretativa, segundo Gioia (2021, p. 25) “é baseada em interpretações de informantes (não principalmente interpretações de pesquisadores) das estruturas e processos que os próprios informantes estão usando para construir socialmente o significado de sua experiência”.

Para Merriam (2002), a compreensão da pesquisa qualitativa está na ideia de que o significado é socialmente construído pela interação dos indivíduos com seu mundo e a sua realidade, pois, existem várias construções e interpretações da realidade que estão em um fluxo de constante mudança. A autora infere que pesquisadores qualitativos buscam compreender quais são essas interpretações em um determinado contexto e momento e, aprender como os indivíduos interagem com seu mundo social, como vivenciam a sua realidade e o significado que constroem a partir desse mundo, é considerado pelos estudiosos uma abordagem qualitativa interpretativa.

A análise anti-estruturalista trata fenômenos instáveis e socialmente construídos (Hassard & Cox, 2013). Quando se está olhando o *sensemaking*, o indivíduo age e interpreta a realidade e, de alguma forma, ele dá sentido por meio dos padrões estabelecidos socialmente, por isso co-determinista (Dépelteau, 2013), estabelece uma relação com o ambiente, no caso da profissão contábil, existe uma questão técnica, os fatores exógenos, que possibilitam e restringem o processo de significação, de interpretação.

A cultura de uma organização é expressa por meio de histórias e o processo de contá-las onde pesquisadores precisam descobrir os diferentes sentidos criados e mantidos pelos diversos membros e grupos dentro da organização (Boyce, 2002). Para a autora, na investigação sobre as histórias e o processo de as contar, pode-se observar uma forma relevante pela qual as pessoas expressam valores, razões e, por conseguinte, tomam decisões sobre a ação.

Assim, histórias são úteis para a socialização de novos membros e para gerar comprometimento na organização; o grau de familiaridade com relação às histórias organizacionais dominantes pode indicar o grau de adaptação às mesmas; podem representar um meio para o controle social; e o sentido delas pode se formar consciente e/ou inconscientemente (Boyce, 2002).

O processo de contar histórias é a forma mais utilizada para produzir sentido nas relações humanas e suas dinâmicas, que faz variar o modo de contar histórias entre os agentes internos (predizer, reforçar e direcionar a mudança) e externos (criar cenários, negociar interpretações alternativas e compatibilizar novos precedentes) das organizações (Boyce, 2002).

As narrativas servem como um meio para produzir e reproduzir normas, crenças, pressupostos e valores organizacionais, oferecem uma visão única sobre o modo como os indivíduos e os grupos nas organizações dão sentido às suas experiências (O'Connor, 2002). Conforme a autora, a forma narrativa e o ato de narração são considerados como constitutivos da identidade humana e são entendidos como um meio para estabelecer relações, do eu para o eu, no plano da consciência, e do eu para o mundo.

Enquanto as narrativas se instalaram em lugares, as antenarrativas estão em movimento, fundando espaços. O termo antenarrativa é utilizado como uma forma de se chegar a um tipo de narrativa que não se solidificou, ou seja, não se consolidou em uma narrativa dominante do passado. Antenarrativas são uma ponte de narrativas passadas presas no lugar com histórias vivas emergentes, onde cada história está relacionada com a outra, e deve ser contada para contar outra relação social, outro contexto, pois as histórias vivas geralmente não têm começo nem fim (ao contrário da narrativa). Antenarrativas se transformam e se aglutinam em redes de narrativas. Na antenarrativa ocorre uma forma de reembalagem onde novas características são reconhecidas e as antigas são minimizadas, revela formas de dissimulação e simulação que mascaram a realidade situacional. (Boje, 2011).

Boje (2011) descreve a antenarrativa como uma história anterior à narrativa. A história com relatos de incidentes e eventos, acrescentado posteriormente o enredo e a coerência pela narrativa, e a antenarrativa sendo uma 'aposta no futuro', como um *sensemaking* prospectivo.

Assim, os gêneros antenarrativos considerados intermediários, transformam e conectam, o que está antes da narrativa, com histórias vivas e “apostas no futuro”.

Atualmente, existem quatro tipos de antenarrativas e estão em interação dinâmica: linear, cíclica, espiral e rizomática. A antenarrativa linear/cíclica busca replicar padrões passados para o futuro, enquanto a espiral/rizomática “conecta o agora que se desdobra em uma ocorrência única ao campo de possibilidades futuras” (Boje, 2011, p. 15). As antenarrativas espirais e rizomáticas, respondem a dinâmicas de passagem do futuro para o presente, e não do passado para o presente (Boje, 2014).

As antenarrativas se colocadas em uma hierarquia de complexidade, o nível rizomático incorporará os demais (linear, cíclico e espiral), sugerindo assim, que as antenarrativas rizomáticas são mais propícias a julgamentos morais mais elevado, por terem a tendência de incorporar de forma mais ampla uma perspectiva (Boje, 2011).

Rizoma é um termo botânico para plantas tuberosas como as batatas, com alguns tentáculos acima do solo e muitas raízes subterrâneas, que podem ser cortados, porém algum fragmento brotará e o processo rizomático terá continuidade (Boje, 2011). Assim o aspecto chave dos rizomas é o movimento.

Na estrutura metodológica utilizamos a perspectiva de antenarrativa rizomática, pela possibilidade de entender a natureza fragmentada da realidade, analisar a trajetória dos eventos em elaboração. Entrevistas em profundidade podem possibilitar ouvir as múltiplas vozes das narrativas na forma de fragmentos antenarrativos (Boje, 2011) e análises de antenarrativas buscam construir a narrativa dos eventos através de fragmentos de narrativas, obtidas por meio da fala dos entrevistados (Seloti Jr. & Alves, 2011).

Tal qual o *sensemaking* é um processo a partir do qual o indivíduo busca por pistas extraídas do ambiente para criar elementos de interpretação (Weick, 1995), as narrativas são criadas por meio das antenarrativas. Identificar as pistas que antecedem ao processo de *sensemaking*, é como identificar as antenarrativas que darão sentido a uma narrativa de como o contador entende a profissão.

Assim, ao ouvir toda a história, será possível compreender o sentido ou o significado atribuído ao que as mudanças na profissão contábil representaram para cada entrevistado. Cada profissional dará a sua percepção da realidade da profissão contábil, e pela antenarrativa rizomática buscaremos entender as diferentes percepções dos contadores na construção de significado da própria profissão.

3.2 Sujeitos da pesquisa, unidade e nível de análise da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram os contadores, que se mostraram acessíveis, com disponibilidade para as entrevistas, e de diferentes regiões do Brasil, uma vez que poderia haver diferença na percepção dos contadores de acordo com a região em que atuam.

Segundo dados fornecidos pelo Conselho Federal de Contabilidade (CFC), 525.829 profissionais da contabilidade possuem registro ativo no Brasil, sendo 372.780 contadores. Do total de contadores e técnicos com registro no Conselho Regional de Contabilidade - CRC, a região Sudeste concentra 51,48% do total de profissionais registrados, seguido do Sul com 17,77%, Nordeste 16,22%, Centro-Oeste com 8,50% e Norte 6,03%. (CFC, 2022).

A unidade de análise utilizada foi a criação de sentido e concessão de significado dos contadores perante as mudanças da profissão contábil. Foram analisados quais sentidos são construídos nesse entendimento, e a significação dada pelos profissionais pesquisados.

E, quanto ao nível de análise da pesquisa, adotamos a abordagem coletiva de *sensemaking*, por ser um processo intersubjetivo de criação de sentido para os contadores. E análise multinível, sendo o contador representado no nível micro; a profissão contábil e as mudanças endógenas (internas) sendo analisadas em nível meso; e no nível macro foram analisadas as mudanças exógenas (externas) à profissão contábil. E a integração dos níveis ocorre concomitantemente aos eventos, de forma interdependente.

3.3 Alinhamento dos objetivos da pesquisa com a teoria

Para demonstrar o alinhamento dos objetivos com a teoria, o instrumento de coleta de dados e o método, foi construída a Tabela 4, onde constam os objetivos específicos, as dimensões de análise e suas subdimensões, o aporte teórico e as perguntas do roteiro. O método de coleta e análise dos dados se deu por meio de entrevistas em profundidade, com roteiro semiestruturado, com profissionais da contabilidade.

Tabela 4

Alinhamento dos objetivos com a teoria e o instrumento de coleta de dados

Objetivos Específicos	Dimensões de Análise	Subdimensões de Análise e Aporte Teórico	Perguntas do Roteiro
a) Identificar, a partir do entendimento do contador, as mudanças que impactam no exercício da profissão.	Mudanças Contextuais (externas)	<p>Políticas/Econômicas: ao longo do tempo a contabilidade passou por diversas mudanças para acompanhar a globalização, novos modelos de negócios, aumento da concorrência e internacionalização da contabilidade (Gulin et al., 2019; Zhang et al., 2020; Santos, 2020; Padoan et al., 2022).</p> <p>Tecnologia: rotinas contábeis são diretamente impactadas pelo avanço tecnológico. O acesso à informação e o desenvolvimento de sistemas integrados facilitam os processos, anteriormente mecânicos, reduz erros humanos e diminui o tempo gasto em atividade rotineiras e repetitivas (Kehl et al., 2017; Sá, 2017; Cardoso & Costa, 2019; Gulin et al., 2019).</p> <p>Legal: alteração da lei das S.A. pela Lei 11.638/07 que trouxe alteração das regras contábeis, adequando-as à nova realidade brasileira devido a globalização das economias e os novos critérios e modelos internacionais de contabilidade (Shimamoto & Reis, 2010; Gelbcke et al., 2018; Padoan et al., 2022).</p> <p>Sociais/Culturais – Mudanças na tecnologia alteram os papéis de trabalho, as relações interpessoais e as redes sociais. Em tempos de estabilidade, a repetição é o padrão de interação do cenário, porém, quando a tecnologia muda, a incerteza aumenta, e os padrões antigos não funcionam mais. Por isso, a interação entre os indivíduos facilita a percepção de eventos complexos, e inovações são criadas para gerenciar essa complexidade (Weick, 1995). A contabilidade, como atividade social, contribui para moldar ou mudar as visões de mundo, na formação de culturas e vidas organizacionais dentro das comunidades e sociedades (Carnegie et al., 2021).</p>	<p>1 - O que mudou na sua profissão desde que o Sr.(a) começou a atuar como contador? Exemplo.</p> <p>2 - Em termos de contexto, o que o Sr.(a) acredita que contribuiu ou fomentou essas mudanças? Por quê? (Pedir exemplo)</p> <p>3 - Como essas mudanças influenciaram na sua rotina de trabalho?</p> <p>4 - Como as mudanças na legislação afetaram a profissão contábil?</p> <p>5 - Como foi para o Sr.(a) a implementação de inovações tecnológicas?</p> <p>6 - Quanto ao aspecto sociocultural, como o Sr.(a) descreve a atuação do contador?</p>
	Mudanças Internas	<p>Normas/procedimentos: O processo de convergência aos padrões internacionais trouxe modificações nos procedimentos de contabilização, apresentação de novas demonstrações contábeis como a DFC e a DVA, alteração da nomenclatura de alguns grupos patrimoniais, além de alterações normativas que causaram impacto na forma pela qual os contabilistas executam suas rotinas de trabalho (Shimamoto & Reis, 2010; Gelbcke et al., 2018; Padoan et al., 2022).</p> <p>Habilidades/Conhecimentos: Para uma carreira em contabilidade, algumas habilidades se fazem necessárias como capacidades básicas de lógica e tecnologias, habilidades</p>	<p>7 - Em termos de legislação que ampara o trabalho do contador, quais foram as principais mudanças desde que o Sr.(a) ingressou na profissão?</p> <p>8 - Quais destas mudanças o Sr.(a) julga que teve maior impacto sobre o seu trabalho (positiva ou negativamente). Por quê?</p>

		<p>sociais, conhecimentos técnicos, inteligência emocional, liderança (Cardoso & Costa, 2019; Paes & Silva, 2019; Berry & Routon, 2020; Evangelista et al., 2021; Carvalho et al., 2021; Padoan et al., 2022).</p> <p>Comportamentais: Quando as pessoas realizam rotinas organizadas e são interrompidas, elas tentam dar sentido a isso, e quanto mais tentam, maior a excitação e mais forte a emoção. Se a interrupção retarda a realização de uma rotina, é provável que as pessoas sintam raiva. Se a interrupção acelerou a realização, é provável que sintam prazer. Se acharem que a interrupção pode ser contornada, elas sentirão alívio. Os eventos passados são reconstruídos no presente como explicações, não porque parecem iguais, mas porque oferecem o mesmo sentimento (Weick, 1995).</p> <p>Perfil: tendência de mudança no perfil do contador para um profissional mais analítico, voltado ao diagnóstico da saúde da empresa e mais estratégico, voltado para as informações globalizadas (Cardoso & Costa, 2019; Ferreira et al., 2020; Moretti et al., 2020).</p>	<p>9 - Qual o comportamento esperado de um contador hoje? Por quê?</p> <p>10 - Quais conhecimento/ habilidades/ atitudes o Sr.(a) acredita que são essenciais para o contador desempenhar suas atividades?</p> <p>11 - Quanto ao perfil do contador, quais mudanças o Sr.(a) poderia citar?</p>
<p>b) Captar como o contador tem pensado a profissão diante desta nova realidade, os sentidos que são criados a partir das mudanças ocorridas nas práticas contábeis.</p>	<p>Percepção das mudanças</p>	<p>Ambiguidade: refere-se a um fluxo contínuo com a presença de duas ou mais interpretações, que pode também significar falta de clareza (Weick, 1995).</p> <p>Incerteza: quando os membros da organização ficam expostos a momentos de incerteza, eles procuram dar sentido, por meio de análise e interpretação dos sinais de seu meio, utilizando-os como base para uma explicação plausível sobre a realidade (Weick, 1995; Weick et al., 2005).</p> <p>Plausabilidade: é o modo como os indivíduos estruturam o desconhecido para poder atuar sobre ele, alcançar uma compreensão plausível sobre o evento por meio dos sinais que são utilizados como base para uma explicação plausível e que faça sentido do que está acontecendo (Weick, 1995).</p> <p>Retrospecção: Chega-se à visão de futuro por meio de uma retrospecção do que já ocorreu (Weick, 1995). Ao ocorrerem surpresas, os indivíduos têm a necessidade de trazer à consciência os eventos ocorridos, fazendo uma retrospecção, na tentativa de compreender o que não se encontra dentro da rotina (Louis, 1980).</p> <p>Extração de pistas: fenômenos dentro das organizações que podem ser estudados e utilizados para dar sentido ao que está acontecendo (Weick, 1995).</p>	<p>12 - Por que ocorreram as mudanças na profissão, o Sr.(a) pode me dar um exemplo de como isso se manifestou na sua realidade de trabalho?</p> <p>13 - Quanto a clareza, como o Sr.(a) descreve as mudanças ocorridas na profissão?</p> <p>14- Quais as incertezas que o Sr.(a) identifica no desempenho de sua profissão?</p> <p>15 - Como estas incertezas impactam sobre a sua realidade de trabalho? (escolher uma ou duas para aprofundar – as que o entrevistado perceber como mais importantes).</p>

<p>c) Compreender o sensemaking da profissão contábil a partir do entendimento dos profissionais pesquisados.</p>	<p>Construção de sentido</p>	<p>Construção de sentido e ação sobre a realidade diante da percepção da profissão.</p> <p>Argumentação: Argumentar é uma forma de criação de sentido baseado em crenças, as pessoas fornecem explicações que criam sentido ao conectar a experiência concreta e os conceitos mais gerais. As conexões envolvem relações de contradição. No processo de desenvolver e criticar a explicação, as pessoas muitas vezes descobrem novas explicações, razão pela qual o argumento pode produzir <i>sensemaking</i> (Weick, 1995).</p> <p>Expectativas: um mundo socialmente construído é um mundo estável, tornado estável por expectativas confirmadas. Os eventos que estão de acordo com a expectativa, e a confirmam, fazem sentido. A criação de sentido está parcialmente sob o controle das expectativas. Sempre que uma expectativa é desconfirmada, algum tipo de atividade em andamento é interrompido. As conexões envolvem relações de confirmação (Weick, 1995).</p> <p>Compromisso: as pessoas se esforçam ao máximo para construir significado em torno das ações com as quais seu compromisso é mais forte. No compromisso, o foco está na ação em si e faz sentido quando as crenças justificam essa ação (Weick, 1995).</p> <p>Manipulação: o <i>sensemaking</i> por meio da manipulação envolve agir de maneira a criar um ambiente que as pessoas possam compreender e gerenciar. Manipulação é fazer as coisas acontecerem. Na manipulação o foco está nas consequências significativas da ação, representadas por estabilidades (Weick, 1995).</p>	<p>16 - O que o Sr.(a) procura fazer para poder desempenhar seu papel (como ele age sobre a realidade)?</p> <p>17 - Quais os desafios que o Sr.(a) acredita que vai enfrentar para desempenhar sua atividade no futuro?</p> <p>18 - Como o Sr.(a) se vê realizando sua atividade profissional no futuro? Por quê?</p> <p>19 - Qual o seu papel como contador na realidade atual e futura?</p> <p>20 - Quais os riscos que o Sr.(a) enxerga para sua profissão a partir das atuais mudanças?</p>
---	------------------------------	---	---

Nota. Fonte: Elaborada pela autora (2022).

3.4 Procedimentos de coleta e análise dos dados

A coleta de dados foi efetuada por meio de entrevistas semiestruturadas a 28 (vinte e oito) profissionais contábeis atuantes nas diferentes regiões do Brasil. Não foram identificadas diferenças na percepção dos contadores de acordo com a região em que atuam, uma vez que analisamos a profissão contábil em si e não segmentos de atuação. Para a seleção dos entrevistados, os primeiros contadores foram escolhidos por conveniência, por estarem na mesma região da pesquisadora, sendo assim de fácil acesso. Após as primeiras entrevistas, foi utilizado o método bola de neve (Faugier & Sargeant, 1997), onde obtiveram-se algumas indicações de possíveis colaboradores de outras regiões. O passo seguinte, foi entrar em grupos de contadores em redes sociais como o Facebook e o site de contatos profissionais LinkedIn, para angariar mais colaboradores. Nesses grupos foram feitas postagens solicitando colaboração, de forma voluntária, sendo os contadores interessados adicionados ao WhatsApp, e na sequência gerado um link para acesso à plataforma *Teams*, onde ocorreram as entrevistas.

A metodologia bola de neve caracteriza-se por indicações entre os indivíduos a serem pesquisados, no intuito de, a partir desses, alcançar outros que possam contribuir para a pesquisa. O método consiste na indicação, por parte de algum entrevistado, de outros indivíduos que também fazem parte, que indicaram outros, e assim sucessivamente, se assemelhando ao formato de uma bola de neve que ao rolar vai se tornando cada vez maior (Faugier & Sargeant, 1997).

A entrevista semiestruturada é composta por perguntas mais e menos estruturadas. Informações relativas aos participantes que são mais específicas formam a seção altamente estruturada da entrevista, porém a maior parte da entrevista é guiada por uma lista de perguntas ou questões a serem exploradas, sem uma ordem ou redação exata pré-determinada (Merriam, 2002). A possibilidade de o entrevistado compartilhar situações e percepções do dia a dia contribuem para a criação de significado (DiCicco-Bloom & Crabtree, 2006).

Nas entrevistas narrativas, os próprios entrevistados definem o que consideram mais relevante e quais eventos que melhor se adaptam a compreensão da sua realidade e da organização e, por meio de suas construções de enredo explicam ao entrevistador ações e reações, suas próprias e de outros, o que permite que o pesquisador, em sua análise, possa identificar as diferentes maneiras que são empregadas nas falas sobre si mesmo, os demais e a organização, e como são criadas imagens discordantes da mesma organização (Søderberg, 2006).

A entrevista com os profissionais contábeis, constante no Apêndice A (Roteiro de Entrevista semiestruturada – Aplicado aos contadores), tem o objetivo de obter informações acerca da sua atuação como contador e percepção frente a sua profissão. A entrevista busca obter dados mais específicos, esclarecer dúvidas que possam emergir e que não estejam no roteiro de entrevista, melhorando a profundidade das questões exploradas. As entrevistas foram realizadas entre os meses de maio e setembro de 2022, sendo gravadas e transcritas de forma literal para posterior análise.

Dados objetivos da pesquisa, a coleta de dados didaticamente foi separada em duas fases complementares. Em uma primeira fase, denominada de aproximação precária, a pesquisadora busca se aproximar do objeto de pesquisa. A aproximação precária “fornecerá os primeiros elementos de uma investigação, cabendo ao sujeito investigador ordenar essas primeiras informações e classificá-las” de forma a poder aprimorar e definir suas dimensões de análise (Faria, 2015, p. 29). Nesta etapa foram realizadas 06 (seis) entrevistas com contadores de diferentes segmentos de atuação. Em adição, buscou-se entender a realidade e a própria atuação do contador para produção de um roteiro semiestruturado de entrevista e definir o escopo da pesquisa.

Após este primeiro contato da pesquisadora com o campo de estudos, retomou-se a literatura da área e foram realizadas adequações nas perguntas do roteiro de pesquisa para estimular uma postura narrativa no pesquisado. Esse primeiro contato precário auxiliou na definição do escopo de profissional contábil a ser pesquisado. Assim, em função do interesse na profissão de contador em si, optou-se por não limitar a pesquisa a nenhum segmento específico dentro da profissão contábil, uma vez que na aproximação precária percebeu-se que mudanças nas práticas contábeis ocorreram indistintamente, tanto na contabilidade privada como na pública, e o que se procura é compreender os sentidos construídos pelo contador das mudanças percebidas nas práticas contábeis.

Dessa forma, as 06 (seis) primeiras entrevistas aconteceram entre os dias 29/05 e 07/06/2022. Foram selecionados de forma intencional, 01 (um) contador público municipal, 01 (um) contador público da esfera estadual que também presta serviços na esfera privada, 01 (um) contador público da esfera federal, 01 (um) contador da indústria, 01 (um) contador proprietário de escritório de contabilidade e 01 (um) contador de um grupo que compreende empresas do ramo comercial, industrial e rural. Foi informado aos participantes os objetivos para a entrevista, as formas de condução e gravação, o anonimato e confidencialidade. A duração das seis entrevistas foi de 322 minutos e geraram um volume de 78 páginas para análise.

Foi utilizada a plataforma *Teams*, que é um *software* que permite realizar chamadas de vídeo com concomitante transcrição, sendo gravadas com autorização dos entrevistados. Após estas transcrições foram lidas uma primeira vez junto à audição da respectiva gravação em busca de inconsistências no texto transcrito. Uma vez feita a correção das transcrições as entrevistas foram lidas novamente para identificar as dimensões de análise previamente estabelecidas. Ainda com o intuito de garantir a confiabilidade do estudo, um banco de dados foi constituído para armazenar as informações provenientes das entrevistas, como vídeos e transcrições, na íntegra, das entrevistas realizadas.

A segunda fase foi denominada de etapa de apropriação do objeto, que é uma fase em profundidade das entrevistas, onde, de acordo com Faria (2015, p. 34), “vai sendo possível elaborar abstrações cada vez mais sutis, as quais suscitarão a definição de categorias analíticas e de conceitos”. Assim, as 22 (vinte e duas) entrevistas subsequentes foram realizadas no período compreendido entre 18/07 e 23/09/2022, sendo gravadas e transcritas para possibilitar a análise. A duração total das 28 entrevistas foi de 1.079 (um mil e setenta e nove) minutos e geraram um volume de 324 (trezentas e vinte e quatro) páginas para análise.

Após a transcrição, uma nova leitura foi feita em busca de subdimensões de análise e assim, até que fosse atingida a saturação, quando não foram mais identificados novos elementos, as falas foram classificadas e separadas de acordo com as dimensões e subdimensões estabelecidas, bem como as subdimensões que emergiram das entrevistas, considerando a fundamentação teórica utilizada neste estudo.

O número de entrevistas efetuadas, baseou-se no critério da saturação ou redundância (Strauss & Corbin, 2008), e após essa etapa, os arquivos foram trabalhados no software ATLAS.TI versão 9, o que resultou em 594 (quinhentas e noventa e quatro) citações dentre os 23 (vinte e três) códigos criados no aplicativo para representar as dimensões e subdimensões preestabelecidas e que emergiram das entrevistas, e na sequência foram feitas as análises para atender aos objetivos da pesquisa.

O número de entrevistas se justifica, pois, a partir do momento que foi alcançada a saturação teórica, em que os dados estavam se repetindo e dados adicionais não mudariam significativamente os resultados já identificados (Strauss & Corbin, 2008), optou-se por encerrar as entrevistas. Como todos os participantes pertenciam a um grupo atingido pelas mesmas mudanças, tal fato pode ter colaborado para que se alcançasse a saturação com maior rapidez, pois de acordo com Bertolini (2020, p. 99) “quanto mais homogênea for a representação, a saturação ocorre mais rápido”.

E os resultados da pesquisa foram apresentados e discutidos de acordo com os achados. Pela análise de narrativa é possível estudar fragmentos de falas, chamados por Boje (2001) de elementos de antenarrativa, pois são pré-elementos, tem um caráter anterior a narrativa final.

Na Tabela 5 são demonstrados o tempo de experiência, a área de atuação, idade e a região dos entrevistados.

Tabela 5
Características dos entrevistados

Entrevistado	Idade	Estado	Região	Área de atuação	Experiência/ anos
E1	43	PR	Sul	Pública Municipal-Prefeitura	15
E2	45	PR	Sul	Indústria e Comércio	28
E3	46	PR	Sul	Comércio, Indústria e Rural	22
E4	49	MS	Centro-Oeste	Pública Federal-INSS e Professor	22
E5	37	MT	Centro-Oeste	Pública Estadual e Autônomo	13
E6	39	PR	Sul	Escritório de Contabilidade	14
E7	32	MA	Nordeste	Escritório de Contabilidade	15
E8	40	MT	Centro-Oeste	Autônomo	18
E9	41	DF	Centro-Oeste	Auditor Banco do Brasil	8
E10	27	MT	Centro-Oeste	Escritório de Contabilidade	6
E11	47	PR	Sul	Público Municipal-Câmara	15
E12	46	BA	Nordeste	Contab. Rural e Consultoria	27
E13	53	RJ	Sudeste	Público Municipal e Professor	15
E14	44	SP	Sudeste	Autônomo	31
E15	45	RS	Sul	Escritório de Contabilidade	30
E16	62	SP	Sudeste	Escritório de Contabilidade	44
E17	39	RS	Sul	Escritório de Contabilidade	21
E18	33	SP	Sudeste	Escritório de Contabilidade	11
E19	40	SP	Sudeste	Empresa Multinacional	10
E20	35	SC	Sul	Escritório de Contabilidade	14
E21	49	PR	Sul	Escrit. Cont. e Delegado do CRC	32
E22	37	SP	Sudeste	Escrit. Cont. e Perito Autônomo	17
E23	26	MG	Sudeste	Setor Hospitalar	8
E24	40	PR	Sul	Empresa Construtora	15
E25	45	TO	Norte	Escritório de Contabilidade	23
E26	26	AP	Norte	Autônomo	3
E27	36	SP	Sudeste	Autônomo	9
E28	46	MT	Centro-Oeste	Professor	20

Nota. Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Os entrevistados tinham idades que variaram do mais jovem com 26 (vinte e seis) anos até o mais velho com 62 (sessenta e dois) anos, a experiência também variou de 03 (três) a 44 (quarenta e quatro) anos de serviços prestados à contabilidade.

Do total de entrevistados 10 (dez) eram da região Sul, 8 (oito) do Sudeste, 6 (seis) do Centro-Oeste, 2 (dois) do Norte e 2 (dois) do Nordeste. De acordo com o Conselho Federal de Contabilidade-CFC, do total de contadores e técnicos com registro no Conselho Regional de Contabilidade-CRC, as regiões Sul e Sudeste concentram quase 70% do total de profissionais registrados (CFC, 2022).

3.5 Limitações dos métodos e técnicas de pesquisa

Como limitações da pesquisa estão a acessibilidade e disponibilidade dos contadores para a concessão de entrevistas, bem como a ausência de estudos sobre o tema poderá representar um limitador para fins de comparação de resultados.

Outra limitação pode estar no fato de que a pesquisadora, também contadora, ao analisar e interpretar os resultados do estudo, uma vez que estão também relacionados a sua profissão e, por conta da sua experiência e expectativas em relação a pesquisa, possa comprometer a análise.

4 Apresentação e análise dos resultados

Assim como o *sensemaking* é um processo em que o indivíduo busca por pistas extraídas do ambiente para criar elementos de interpretação (Weick, 1995), as narrativas são criadas por meio das antenarrativas, e a análise das mesmas busca construir a narrativa dos eventos através de fragmentos de narrativas obtidas por meio da fala dos entrevistados (Seloti Jr. & Alves, 2011). Pela possibilidade de entender a natureza fragmentada da realidade, utilizamos nesta pesquisa a perspectiva de antenarrativa rizomática. As entrevistas possibilitaram ouvir as diferentes narrativas na forma de fragmentos antenarrativos (Boje, 2011), e compreender o sentido ou o significado atribuído ao que as mudanças na profissão contábil representaram para cada entrevistado, por meio da sua compreensão da realidade da profissão contábil. Pela antenarrativa rizomática buscamos compreender as diferentes percepções dos contadores na construção de significado da própria profissão.

O *sensemaking* é mais bem observado em situações de mudanças e seu foco está na maneira de utilizar as observações e experiências do próprio indivíduo, assim como as de outras pessoas em processos nos quais estão inseridos, para construir quadros da realidade, que irão direcionar o seu comportamento e as formas de execução de suas atividades (Vieira, 2006, p.187). A maneira como o sentido é construído, indica o modo como uma organização, neste caso específico a profissão contábil, busca compreender e mostrar a realidade (Foschiera & Gallon, 2020). Através da antenarrativa rizomática (Boje, 2011), buscamos acompanhar a evolução dos eventos que influenciaram e continuam influenciando na mudança da profissão contábil.

E, face às mudanças identificadas a partir das falas dos entrevistados, analisamos a seguir os diferentes tipos de influências relacionais, como por exemplo, a tecnologia, legislação, rotina de trabalho e perfil do contador, o que fez com que se buscasse na literatura e por meio de documentos técnicos e legais (leis, decretos, normativas), elementos para entender essa participação, rastrear as ramificações e seus efeitos na complexa e fragmentada narrativa (Boje, 2001). Assim, não buscamos predeterminar um desfecho da história, e sim como ela está sendo construída.

4.1 Caracterização do objeto de estudos

Descrevemos nesta subseção, de forma resumida, a regulamentação da profissão contábil, a construção da identidade do contador, algumas alterações na legislação para exemplificar o seu impacto na contabilidade, bem como algumas mudanças tecnológicas que

resultaram em obrigações acessórias aos contabilistas, de modo a caracterizar o objeto deste estudo.

4.1.1 A profissão contábil

A regulamentação profissional teve início na segunda metade do século XIX com o surgimento da profissão de “guarda-livros”, expressão proveniente de sua principal responsabilidade na época: escriturar e manter em boa ordem os livros mercantis das empresas comerciais. Dentre as principais funções constavam a elaboração de contratos e distratos comerciais, controle do ingresso e da saída de recursos financeiros, produção de correspondências e responsabilidade por toda escrituração mercantil. Uma boa caligrafia era essencial, visto que toda a contabilidade era feita de forma manual (CFC, 2016).

O reconhecimento oficial do guarda-livros como a primeira profissão liberal do Brasil, atestado pelo Decreto Imperial n.º 4.475, ocorreria um ano após a criação da mais antiga instituição profissional e cultural da Ciência Contábil no Brasil, a Associação dos Guarda-Livros da Corte, no ano de 1869 (CFC, 2016).

Na segunda década do século XX foram fundados o Instituto Brasileiro de Contadores Fiscais, a Associação dos Contadores de São Paulo e o Instituto Brasileiro de Contabilidade. A regulamentação da profissão contábil ocorreria, finalmente, em 27 de maio de 1946, com o Decreto-Lei n.º 9.295, sendo criados os Conselhos Regionais em todas as Federações e a consolidação do Conselho Federal de Contabilidade - CFC. Após a concretização do CFC a profissão contábil passa a experimentar um desenvolvimento mais bem fortalecido, com definições mais delimitadas das áreas de atuação profissional (CFC, 2016).

Os Conselhos Regionais de Contabilidade - CRC foram criados conjuntamente à criação do CFC, regidos pelo Decreto-Lei n.º 9.295 (1946), sendo sua estrutura, organização e funcionamento regulamentados pela Resolução CFC n.º 1.612, de 11 de fevereiro de 2021, que aprova o Regulamento Geral dos Conselhos de Contabilidade e pela Resolução CFC n.º 1.616, de 18 de março de 2021, que aprova seu Regimento Interno. Fazem parte do CFC um representante de cada Estado e mais o Distrito Federal, totalizando 27 conselheiros efetivos e igual número de suplentes, e tem, dentre suas finalidades, a função de orientar, normatizar e fiscalizar o exercício da profissão contábil, por intermédio dos Conselhos Regionais de Contabilidade (CRCs), cada um em sua base jurisdicional, nos Estados e no Distrito Federal; decidir, em última instância, os recursos de penalidade imposta pelos CRCs; regular acerca dos princípios contábeis, do Exame de Suficiência, do cadastro de qualificação técnica e dos

programas de educação continuada além de editar Normas Brasileiras de Contabilidade de natureza técnica e profissional (CFC, 2022b).

Os Conselhos Regionais de Contabilidade têm como atribuições, entre outras, expedir e registrar a carteira profissional; examinar reclamações e representações acerca dos serviços de registro e das infrações dos dispositivos legais vigentes, relativos ao exercício da profissão de contabilista; fiscalizar o exercício da profissão de contador, impedindo e punindo as infrações; publicar relatório anual de seus trabalhos e a relação dos profissionais registrados; elaborar a proposta de seu regimento interno, submetendo-o à aprovação do CFC; representar ao CFC novas medidas necessárias, para regularidade do serviço e para fiscalização do exercício da profissão (CFC, 2022b).

A partir da construção e desenvolvimento do IFRS (*International Financial Reporting Standards*) no Brasil, a criação do Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC), pela Resolução CFC n.º 1.055/2005, com o objetivo de emitir pronunciamentos técnicos com base nas Normas Internacionais de Relatórios Financeiros (IFRS), centralizando e uniformizando o processo de convergência aos padrões emitidos pelo *International Accounting Standards Board* (IASB) (CFC, 2016), muda-se a perspectiva do usuário final das informações contábeis e a influência do papel do contador na tomada de decisão, o que, a partir dessas mudanças, traz transformações reais no nível de exigência cobrada desses profissionais, passando o contador a desenvolver, mais ainda, a sua capacidade de julgamento e análise, refletindo positivamente no status da profissão (Cardoso & Costa, 2019).

4.1.2 Construção social do “eu contador”

A contabilidade vem evoluindo ao longo dos anos, o que reflete em mudanças na execução das atividades e no perfil do profissional contábil, que deixa as funções de caráter absolutamente técnico, voltadas às obrigações fiscais, cálculos e preenchimento de guias e formulários, passando a ter um papel mais significativo na tomada de decisões nas organizações (Moretti et al., 2020).

O mercado contábil e o perfil do contador estão inseridos em um cenário de pressão devido a globalização e surgimento de novas tecnologias, o que estimula o surgimento de novos modelos de negócios, dentro mesmo da categoria contábil, fazendo com que o profissional contábil esteja atento e compreenda a necessidade de adaptar-se às mudanças decorrentes do aumento da tecnologia nos processos e rotinas contábeis (Alves & Martins, 2022). Assim, mudanças tecnológicas ocorridas nas últimas décadas aliadas a adesão e aos padrões

internacionais da contabilidade, passam a exigir do profissional contábil novas competências dentro da profissão.

O acesso facilitado à informação, demanda do contabilista novas formas de interpretar e divulgar as mesmas informações, pois, sua função técnica está vinculada a outros departamentos, o que denota uma função mais estratégica do profissional contábil dentro das organizações. (Cardoso & Costa, 2019). Os autores observam uma tendência de mudança no perfil do contador para um profissional mais analítico, voltado ao diagnóstico da saúde da empresa, bem como incumbido de dar suporte para a tomada de decisões.

Para uma carreira em contabilidade, de acordo com Berry e Routon (2020), algumas habilidades se fazem necessárias, tais como trabalho em equipe, conhecimentos técnicos contábeis, liderança, oratória, escrita, habilidades de computação e análise e resolução de problemas. Assim, habilidades sociais relacionadas ao trabalho em equipe, como trabalhar cooperativamente, conviver com pessoas diferentes, habilidades interpessoais, capacidade de liderança e conhecimento cultural/racial são relevantes para os contadores. Conhecimentos técnicos e a capacidade de comunicação também são importantes para os contadores, como pensamento crítico, análise e resolução de problemas, habilidades de informática, conhecimento geral, conhecimento de campo, habilidades matemáticas, velocidade e compreensão de leitura, falar em público e habilidades de escrita. Bem como, as línguas estrangeiras são relevantes para os contadores que trabalham com equipes internacionais de contabilidade de empresas multinacionais (Berry & Routon, 2020).

Frente à nova realidade social, devido ao processo de internacionalização, fortalecimento da economia, empresas brasileiras com maior participação no mercado externo, novas exigências são impostas à profissão contábil (Carrozzo et al., 2020). Para a área da educação profissional do contador contemporâneo, faz-se necessária a implementação do conjunto de conhecimentos propostos pelo Currículo Mundial, dividido em: “a) conhecimentos organizacionais e da atividade comercial; b) tecnologia da informação; c) conhecimentos básicos de contabilidade e áreas afins; e, d) conhecimento (avançado) em contabilidade, finanças e áreas afins” (Carrozzo et al., 2020, p. 88).

E, além do desenvolvimento intelectual dos acadêmicos de Ciências Contábeis, faz-se necessário o desenvolvimento de aptidões sociais, de valores e comportamentais, incluindo pensamento estratégico, crítico e analítico. Dessa maneira, as instituições de ensino superior poderão oferecer uma formação que contemple às reais necessidades dos profissionais da Contabilidade (Carrozzo et al., 2020).

Porém, enquanto a nível mundial se constata uma preocupação com o ensino superior de contabilidade, como exemplo, o movimento curricular mundial, que aponta para a adoção de um currículo flexível e múltiplo, que possa desenvolver as competências, habilidades e atitudes dos estudantes, a graduação brasileira se encontra, muitas vezes, presa ao modelo tradicional de conteúdo, perdendo-se assim “o objetivo de que os alunos se tornem aptos ao exercício crítico e reflexivo da profissão” (Souza Dias et al., 2020, p. 3). E a interdisciplinaridade na formação dos futuros contadores se mostra importante para a evolução do ensino em Contabilidade, no entanto, existe uma desconexão entre o que se julga importante e o que efetivamente se pratica no contexto universitário (Peleias et al., 2011).

Para que a contabilidade evolua e atenda às novas realidades da economia mundial, Paes e Silva (2019) incluem novos componentes importantes para o avanço da profissão: a inteligência emocional, o estilo de liderança e a propensão ao risco. Enquanto Silva et al. (2019), aduzem que a evolução da profissão contábil requer que os contadores, ao ofertar seus serviços, mantenham uma visão diferenciada, e que invistam em sistemas de gestão para alcançarem de maneira mais rápida e eficiente seus objetivos, pois um maior suporte permitirá que os contabilistas possam gerenciar uma maior variedade de informações e prestar melhores consultorias aos seus clientes.

A informatização e as inovações tecnológicas em praticamente todos os campos de atividade, obrigou os profissionais de todas as áreas de formação a refletirem sobre a transformação profissional causada pelas mudanças ocorridas (Moretti et al., 2020).

4.1.3 A legislação

A internacionalização da contabilidade, devido à globalização e aos avanços tecnológicos, foi primordial para as relações e negociações internacionais (Padoan et al., 2022). E as Normas Internacionais de Contabilidade do *International Accounting Standards Board* – IASB, criado em 2001, representam a grande revolução contábil deste século no Brasil (no século XX foi a Lei das Sociedades Anônimas 6.404/76) (Gelbcke et al., 2018).

O IASB é o responsável pela emissão das Normas Internacionais de Contabilidade, IFRS (*International Financial Reporting Standards*), que passam a ser personalizadas pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC), e as Normas Brasileiras de Contabilidade - NBC resultam das Resoluções do Conselho Federal de Contabilidade - CFC (Santos, 2020). Algumas normas emitidas pelo CFC com base no CPC e IASB são apresentadas na Tabela 6.

Tabela 6

Pronunciamentos Técnicos Gerais emitidos pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis

Assunto	CPC	IASB	Resolução CFC
Estrutura Conceitual Relatório Financeiro	00R2	Conceptual Framework	NBC TG Estrutura Conceitual
Redução ao Valor Recuperável de Ativos	01R1	IAS 36	NBC TG 01 (R4)
Efeito das Mudanças nas Taxas de Câmbio e Conversão de Demonstrações Contábeis	02R2	IAS 21	NBC TG 02 (R3)
Demonstração dos Fluxos de Caixa	03R2	IAS 7	NBC TG 03 (R3)
Ativo Intangível	04R1	IAS 38	NBC TG 04 (R4)
Divulgação sobre Partes Relacionadas	05R1	IAS 24	NBC TG 05 (R3)
Arrendamentos	06R2	IFRS 16	NBC TG 06 (R3)
Subvenção e Assistência Governamentais	07R1	IAS 20	NBC TG 07 (R2)
Custos de Transação e Prêmios na Emissão de Títulos e Valores Mobiliários	08R1	IAS 39 (parte)	NBC TG 08
Demonstração do Valor Adicionado – DVA	09	Não há	NBC TG 09
Pagamento Baseado em Ações	10R1	IFRS 2	NBC TG 10 (R3)
Contratos de Seguro	11	IFRS 4	NBC TG 11 (R2)
Ajuste a Valor Presente	12	Não há	NBC TG 12
Adoção Inicial da Lei nº 11.638/07 e da Medida Provisória nº 449/08	13	Não há	NBC TG 13
Combinação de Negócios	15R1	IFRS 3	NBC TG 15 (R4)
Estoques	16R1	IAS 2	NBC TG 16 (R2)
Contratos de Construção (revogado a partir de 1º/01/2018)	17	IAS 11	-
Investimento em Coligada, em Controlada e em Empreendimento Controlado em Conjunto	18R2	IAS 28	NBC TG 18 (R3)
Negócios em Conjunto	19R2	IFRS 11	NBC TG 19 (R2)
Custos de Empréstimos	20	IAS 23	NBC TG 20 (R2)
Demonstração Intermediária	21	IAS 34	NBC TG 21 (R4)
Informações por Segmento	22	IFRS 8	NBC TG 22 (R2)
Políticas Contábeis, Mudança de Estimativa e Retificação de Erro	23	IAS 8	NBC TG 23 (R2)
Evento Subsequente	24	IAS 10	NBC TG 24 (R2)
Provisões, Passivos Contingentes e Ativos Contingentes	25	IAS 37	NBC TG 25 (R2)
Apresentação das Demonstrações Contábeis	26R1	IAS 1	NBC TG 26 (R5)
Ativo Imobilizado	27	IAS 16	NBC TG 27 (R4)
Propriedade para Investimento	28	IAS 40	NBC TG 28 (R4)
Ativo Biológico e Produto Agrícola	29	IAS 41	NBC TG 29 (R2)
Receitas (revogado a partir de 1º/01/2018)	30	IAS 18	-
Ativo não Circulante Mantido para Venda e Operação Descontinuada	31	IFRS 5	NBC TG 31 (R4)
Tributos sobre o Lucro	32	IAS 12	NBC TG 32 (R4)
Benefícios a Empregados	33R1	IAS 19	NBC TG 33 (R2)
Demonstrações Separadas	35R2	IAS 27	NBC TG 35 (R2)
Demonstrações Consolidadas	36R3	IAS 27	NBC TG 36 (R3)
Adoção Inicial das Normas Internacionais de Contabilidade	37R1	IFRS 1	NBC TG 37 (R5)
Instrumentos Financeiros: Reconhecimento e Mensuração (revogado a partir de 1º/01/2018)	38	IAS 39	-
Instrumentos Financeiros: Apresentação	39	IAS 32	NBC TG 39 (R5)
Instrumentos Financeiros: Evidenciação	40	IFRS 7	NBC TG 40 (R3)
Resultado por Ação	41	IAS 33	NBC TG 41 (R2)
Contabilidade em Economia Hiperinflacionária	42	IAS 29	NBC TG 42
Adoção Inicial dos Pronunciamentos Técnicos CPC 15 a 41	43R1	Não há	NBC TG 43
Contabilidade para Pequenas e Médias Empresas (PME)	PME R1	IFRS for SMEs	NBC TG 1000 (R1)

Demonstrações Combinadas	44	Não há	NBC TG 44
Divulgação de Participações em outras Entidades	45	IFRS 12	NBC TG 45 (R3)
Mensuração do Valor Justo	46	IFRS 13	NBC TG 46 (R2)
Receita de Contrato com Cliente	47	IFRS 15	NBC TG 47
Instrumentos Financeiros	48	IFRS 9	NBC TG 48
Contabilização e Relatório Contábil de Planos de Benefícios de Aposentadoria	49	IAS 26	NBC TG 49
Contratos de Seguro	50	IFRS 17	NBC TG 50
Entidades em Liquidação	LIQ	Não há	NBC TG 900

Nota. Fonte: Adaptado de Conselho Federal de Contabilidade (2022b).

Dados: A indicação R1 a R5 representam as revisões que a norma recebeu no decorrer dos anos.

Com a criação do CPC e a edição das leis mencionadas anteriormente, foram produzidas durante 2008 e 2009 um conjunto expressivo de novas normas, aprovadas pela Comissão de Valores Mobiliários-CVM, CFC e outros órgãos reguladores, de acordo com a convergência aos padrões internacionais do IASB, sendo que tais normas sofreram alterações no decorrer dos anos seguintes. Com a expansão das normas, que antes atingiam apenas as sociedades anônimas abertas e as sociedades de grande porte, praticamente todas as entidades no Brasil são alcançadas (Gelbcke et al., 2018).

O processo de convergência às normas internacionais de contabilidade teve início com as alterações da lei das S.A. (6.404/76), promovidas com a edição da Lei nº 11.638/07, cujo principal objetivo é a alteração das regras contábeis adequando-as à nova realidade brasileira devido a globalização das economias e os novos critérios e modelos internacionais de contabilidade, e da Lei nº 11.941/09, que vigorou o Regime Tributário de Transição (RTT), que trouxe alterações na legislação fiscal e buscou neutralizar os impactos tributários da adoção das novas regras contábeis instituída pela Lei 11.638/07 (Souza & Camêlo, 2015; Padoan et al., 2022).

Como exemplo, destacam-se algumas das alterações inseridas pela lei 11.638/07: mudança no critério para a aplicação da equivalência patrimonial; obrigatoriedade na aplicação dos testes na recuperabilidade dos ativos imobilizado e intangível (*impairment test*); inclusão da conta ajuste de avaliação patrimonial e da conta ações em tesouraria no patrimônio líquido; registro na conta de ajuste de avaliação patrimonial da diferença entre o valor contábil e o valor de mercado de determinados bens; não influência da legislação tributária na escrituração mercantil; cálculo da depreciação, exaustão e amortização de acordo com a vida útil econômica estimada do bem (Padoan et al., 2022; Shimamoto & Reis, 2010).

Outra Lei editada em favor da internacionalização das normas contábeis, foi a Lei 12.973/14, com o propósito de substituir o Regime Tributário de Transição (RTT), cuja principal mudança foi no conceito de receita bruta utilizada como base no cálculo de impostos. Nesse conceito, deixa-se de combinar com o conceito de receita tributária, ampliando as receitas

da composição da base, como as receitas financeiras advindas do ajuste a valor presente, as receitas de ganhos de avaliação de ativo e passivo com base no valor justo, e as receitas relativas ao prêmio na emissão de debêntures (Padoan et al., 2022).

Objetivando adaptar a legislação tributária ao novo cenário normativo contábil, a Secretaria da Receita Federal do Brasil editou a Lei nº 12.973/2014, que extinguiu o RTT e adaptou a legislação tributária aos métodos e critérios contábeis introduzidos no processo de convergência aos IFRS, sendo as principais alterações promovidas na legislação do IRPJ, CSLL, PIS/Pasep e Cofins (Silva et al., 2014).

A edição de novas leis e alterações resultantes do processo de convergência, trouxeram mudanças em vários aspectos, além da apresentação de novas demonstrações contábeis (Demonstração de Fluxos de Caixa-DFC e Demonstração do Valor Adicionado-DVA) e da alteração da nomenclatura de alguns grupos patrimoniais, ocorreram alterações normativas que causaram impacto na forma pela qual os contabilistas executam suas rotinas de trabalho (Shimamoto & Reis, 2010).

Da mesma forma que a Lei das Sociedades Anônimas dita as regras para a contabilidade privada, a contabilidade pública é regida pela Lei 4.320, de 17 de março de 1964, e posteriores, esta lei “estatui normas gerais de direito financeiro para elaboração e controle dos orçamentos e balanços da União, dos Estados, dos Municípios e do Distrito Federal” (Brasil, Lei 4.320/64). Outro marco no desenvolvimento da Contabilidade Pública Brasileira foi a edição da Lei Complementar nº 101, de 04 de maio de 2000, mais conhecida como a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), que estabelece o conceito de responsabilidade na gestão fiscal bem como define penalizações aos gestores públicos quando do não atendimento as determinações nela contidas.

E o processo de convergência às normas internacionais de contabilidade no âmbito da Contabilidade Pública não foi diferente. As resoluções do Conselho Federal de Contabilidade, que aprovaram as Normas Brasileiras de Contabilidade aplicadas ao Setor Público – NBC TSP, tiveram como base as normas editadas pelo *International Public Sector Accounting Standards Board* (IPSASB) ou Conselho Internacional de Normas Contábeis para o Setor Público, as quais, tiveram como alicerce as Normas do *International Accounting Standards Board* (IASB) ou Conselho Internacional de Normas Contábeis. E a Secretaria do Tesouro Nacional (STN) por meio da Portaria MF nº 184, de 25 de agosto de 2008, foi incumbida de analisar as normas nacionais, traduzir os pronunciamentos internacionais e emitir parecer garantindo a convergência entre eles (Santos & Almeida, 2012). Algumas normas emitidas pelo CFC com base nas IPSAS são apresentadas na Tabela 7.

Tabela 7

Normas Brasileiras de Contabilidade aplicadas ao Setor Público

Assunto	IFAC	Resolução CFC
Estrutura Conceitual para Elaboração e Divulgação de Informação Contábil de Propósito Geral pelas Entidades do Setor Público	Conceptual Framework	NBC TSP Estrutura Conceitual
Receita de Transação sem Contraprestação	IPSAS 23	NBC TSP 01
Receita de Transação com Contraprestação	IPSAS 9	NBC TSP 02
Provisões, Passivos Contingentes e Ativos Contingentes	IPSAS 19	NBC TSP 03
Estoques	IPSAS 12	NBC TSP 04
Contratos de Concessão de Serviços Públicos: Concedente	IPSAS 32	NBC TSP 05
Propriedade para Investimento	IPSAS 16	NBC TSP 06
Ativo Imobilizado	IPSAS 17	NBC TSP 07
Ativo Intangível	IPSAS 31	NBC TSP 08
Redução ao Valor Recuperável de Ativo Não Gerador de Caixa	IPSAS 21	NBC TSP 09
Redução ao Valor Recuperável de Ativo Gerador de Caixa	IPSAS 26	NBC TSP 10
Apresentação das Demonstrações Contábeis	IPSAS 1	NBC TSP 11
Demonstração dos Fluxos de Caixa	IPSAS 2	NBC TSP 12
Apresentação de Informação Orçamentária nas Demonstrações Contábeis	IPSAS 24	NBC TSP 13
Custos de Empréstimos	IPSAS 5	NBC TSP 14
Benefícios a Empregados	IPSAS 39	NBC TSP 15
Demonstrações Contábeis Separadas	IPSAS 34	NBC TSP 16
Demonstrações Contábeis Consolidadas	IPSAS 35	NBC TSP 17
Investimento em Coligada e em Empreendimento Controlado em Conjunto	IPSAS 36	NBC TSP 18
Acordos em Conjunto	IPSAS 37	NBC TSP 19
Divulgação de Participações em Outras Entidades	IPSAS 38	NBC TSP 20
Combinações No Setor Público	IPSAS 40	NBC TSP 21
Divulgação sobre Partes Relacionadas	IPSAS 20	NBC TSP 22
Políticas Contábeis, Mudança de Estimativa e Retificação de Erro	IPSAS 3	NBC TSP 23
Efeitos das Mudanças nas Taxas de Câmbio e Conversão de Demonstrações Contábeis	IPSAS 4	NBC TSP 24
Evento Subsequente	IPSAS 14	NBC TSP 25
Ativo Biológico e Produto Agrícola	IPSAS 27	NBC TSP 26
Informações por Segmento	IPSAS 18	NBC TSP 27
Divulgação de informação Financeira do Setor Governo Geral	IPSAS 22	NBC TSP 28
Benefícios Sociais	IPSAS 42	NBC TSP 29
Instrumentos Financeiros: Apresentação	IPSAS 28	NBC TSP 30
Instrumentos Financeiros: Reconhecimento e Mensuração	IPSAS 41	NBC TSP 31
Instrumentos Financeiros: Reconhecimento e Mensuração (Contabilidade de Hedge - Aplicação Residual)	IPSAS 29	NBC TSP 32
Instrumentos Financeiros: Divulgações	IPSAS 30	NBC TSP 33
Custos no Setor Público	Não há	NBC TSP 34
Sistema de Informação de Custos do Setor Público * a NBC T 16.11 será revogada pela TSP 34 a partir de 1º/01/2024	Não há	NBC TSP 16.11

Nota. Fonte: Adaptado de CFC (2022c).

Nas Tabelas 6 e 7 foram relacionadas resoluções aplicadas às organizações privadas em geral e ao setor público. Porém na página eletrônica do Conselho Federal de Contabilidade, o contador pode encontrar a legislação federal de interesse da profissão contábil e a legislação da profissão contábil, incluindo-se leis, decretos, resoluções, súmulas e instruções normativas, bem como as Normas Profissionais que estabelecem regras de exercício profissional classificadas em: Geral, do Auditor Independente e do Perito Contábil, e as Normas Técnicas

que estabelecem conceitos doutrinários, regras e procedimentos aplicados de Contabilidade e classificam-se em: Completas (Tabela 6); Normas Simplificadas para Pequenas e Médias Empresas - PMEs; Normas Específicas, do Setor Público (Tabela 7); de Auditoria Independente de Informação Contábil Histórica; de Auditoria de Informação Contábil Histórica Aplicável ao Setor Público; de Revisão de Informação Contábil Histórica; de Asseguração de Informação Não Histórica; de Serviço Correlato; de Auditoria Interna e de Perícia (CFC, 2022b).

A legislação brasileira não se resume aos impactos das Normas Internacionais de Contabilidade, há ainda uma gama de legislações específicas para impostos municipais, estaduais e federais, obrigações acessórias, legislação trabalhista, tributária, entre outras, que tem influência nas práticas contábeis, não elencadas aqui por não ser o foco principal deste estudo.

4.1.4 A tecnologia

Os primeiros microcomputadores e sistemas de informações surgiram no Brasil na década de 1980 e, a partir da década de 1990, sistemas de gestão mais sofisticados foram introduzidos, objetivando alcançar maior velocidade nos serviços, otimizando o tempo e tornando os resultados mais confiáveis, o que faz com que a contabilidade exerça um papel mais ativo e estratégico nas organizações, com foco no crescimento e sustentabilidade organizacional (Santos, 2020).

Com o progresso dos procedimentos a Contabilidade buscou aperfeiçoar seus métodos associando-se à Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) o que demonstra que cada vez mais o desenvolvimento da tecnologia tem sido fundamental para o profissional da contabilidade (Kehl et al., 2017).

Ao longo do tempo a contabilidade passou por variadas mudanças para acompanhar a globalização dos negócios (Santos, 2020). E nesse contexto, a implantação de novas tecnologias foram essenciais para mudanças de processos no método de trabalho dos profissionais da área contábil. A primeira grande mudança foi a transição das tarefas manuais para o trabalho conjunto com as soluções informatizadas. Assim, foi instituído no Brasil a partir de 2007, o Sistema Público de Escrituração Digital-SPED Contábil, fiscal e Social (Sá, 2017).

O SPED é composto por módulos, assim dividido: a) ECD - Escrituração Contábil Digital; b) CT- e - Conhecimento de Transporte Eletrônico; c) ECF - Escrituração Contábil Fiscal; d) EFD Contribuições - Escrituração Fiscal Digital – Contribuições; e) EFD ICMS IPI - Escrituração Fiscal Digital, Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS),

Imposto sobre Produtos Industrializados; f) EFD Reinf - Escrituração Fiscal Digital das Retenções e Informações da Contribuição Previdenciária Substituída; g) e-Financeira; h) e-Social; i) MDF-e - Manifesto Eletrônico de Documentos Fiscais; j) NFC-e - Nota Fiscal de Consumidor Eletrônica; k) NF-e - Nota Fiscal Eletrônica; l) NFS-e - Nota Fiscal de Serviços Eletrônica (<http://sped.rfb.gov.br/>, recuperado em 02 de março, 2022).

A NF-e, desenvolvida pelas Secretarias de Fazenda dos Estados e Receita Federal do Brasil, trouxe benefícios e vantagens às partes envolvidas, dentre as quais: o aumento na confiabilidade da Nota Fiscal; melhoria no processo de controle fiscal; diminuição da sonegação e aumento da arrecadação; suporte aos projetos de escrituração eletrônica contábil e fiscal; fortalecimento da integração entre os fiscos devido ao compartilhamento das informações das NF-e; rapidez no acesso às informações; eliminação do papel; possibilidade do cruzamento eletrônico de informações (<http://sped.rfb.gov.br/>, recuperado em 02 de março, 2022).

Um dos principais módulos do sistema SPED, a ECD tem como principal objetivo a substituição da escrituração em papel pela transmitida de forma online, garantindo assim que as empresas tenham a obrigatoriedade de transmitir de forma digital os arquivos a seguir: a) Livro Diário e seus auxiliares, se houver; b) Livro Razão e seus auxiliares, se houver; c) Livro Balancetes Diários, Balanços e fichas de lançamento comprobatórias dos assentamentos neles transcritos (<http://sped.rfb.gov.br/>, recuperado em 02 de março, 2022).

A Escrituração Contábil Fiscal (ECF) que substitui a Declaração de Informações Econômico-fiscais da Pessoa Jurídica (DIPJ), sendo instituída a partir de 2014, tendo como o prazo máximo para a entrega o último dia de julho do ano subsequente das informações declaradas, sendo obrigadas ao preenchimento da ECF todas as pessoas jurídicas, inclusive imunes e isentas, sejam elas tributadas pelo lucro real, lucro arbitrado ou lucro presumido, com exceção para as microempresas e empresas de pequeno porte, os órgãos públicos e as pessoas jurídicas inativas (<http://sped.rfb.gov.br/>, recuperado em 02 de março, 2022).

4.1.4.1 Inovações digitais

O setor contábil, dentre as divisões da economia, é o que mais presencia as mudanças decorrentes das inovações tecnológicas (Pan & Seow, 2016). Rosa et al. (2017), apontam que a era da tecnologia e do armazenamento nas nuvens estimulou o surgimento de novos modelos de negócios em plataformas digitais. A contabilidade, por meio dessas plataformas digitais, tornou-se algo disponível à sociedade, agilizando os processos, repassando ao cliente informações de forma ágil e segura para a tomada de decisões (Alves & Martins, 2022).

Na contabilidade, o desenvolvimento da tecnologia permite que informações sejam ofertadas diariamente, pois partes interessadas, auditores e outros esperam relatórios abrangentes e em tempo real. Assim, diferentes soluções digitais reduzem a entrada manual de dados, melhoram a velocidade, a qualidade e exatidão dos dados; tendo grande impacto na profissão contábil (Gulin et al., 2019). As principais soluções digitais, para os autores, são a inteligência artificial e a automação, o *blockchain* e o big data.

A inteligência artificial e a automação podem reduzir de forma significativa a demanda por mão de obra humana e, ao serem integradas aos processos de contabilidade e auditoria, poderão dar aos contadores maior acesso a informações variadas de diferentes fontes, quase em tempo real. A utilização da Inteligência Artificial permitiu ao profissional contábil mais tempo para se concentrar em questões mais estratégicas da organização, entregando serviços de valor, com base em informações direcionadas aos objetivos da gestão (Migliorini & Rocha, 2019).

A automação de processos robóticos (RPA) é um processo repetitivo e automatizado criado a partir da tecnologia de Inteligência Artificial (IA), que pode ser usado para imitar o desempenho humano, como enviar e-mails, preencher planilhas e registrar dados para outras tarefas (Zhang et al., 2020). Os autores aduzem que a RPA cumpre rotinas baseadas em regras que possibilitam que o software incorpore dados, acione respostas e inicie novas ações, a IA adota novas tecnologias como reconhecimento de voz e reconhecimento facial.

O *blockchain* garante maior acesso a diversas informações de diferentes procedências e, além de assegurar a proteção dos dados contábeis, é empregado para processar transações e gerenciar as contas com clientes e fornecedores (Gulin et al., 2019).

A tecnologia *Blockchain* pode simplificar a transferência de forma segura e econômica de ativos, moedas e informações em tempo real (Zhang et al., 2020). Para os autores, essa tecnologia pode facilitar a detecção de fraudes e erros, pois os registros depois de carregados, não permitem modificações e todas as alterações são registradas e atualizadas em tempo real, fornecendo dados de forma clara e transparente das transações.

Já o Big Data pode reduzir o tempo de geração de relatórios, pois atualizações são geradas em tempo real. Dessa forma, a apresentação de dados de maneira abrangente, por meio de soluções digitais, aumenta a eficácia e a eficiência do profissional contábil (Gulin et al., 2019). O Big Data é um processo importante como fonte de dados financeiros para apoiar a tomada de decisões de negócios, as organizações podem extrair dados para entender melhor seu ambiente de negócios, seus consumidores e seus concorrentes (Zhang et al., 2020).

Enquanto o armazenamento de arquivos na nuvem permitiu a redução de papel nos setores financeiros e de contabilidade das empresas, o sistema de computação em nuvem

conectado com outros serviços, como cobranças e bancos, possibilitou automatizar grande parte do processo financeiro, permitindo que seja feito de forma remota, com maior liberdade e controle ao setor contábil (Carvalho et al., 2021).

Essas inovações digitais, disponibilizadas ao longo dos anos, são fontes de melhorias e aprimoramentos na atividade, ressignificam o papel do profissional da contabilidade perante a sociedade, ampliando suas funções e possíveis áreas de atuação (Gianisella et al., 2021). Assim, o contador necessita estar atualizado e ter capacidades básicas de lógica e tecnologias, para extrair informações e efetuar análises com maior eficiência e rapidez (Carvalho et al., 2021).

Diante do contexto de mudanças apresentado anteriormente, na Tabela 8 buscou-se sintetizar as principais mudanças ocorridas na profissão contábil.

Tabela 8

Principais dimensões de mudanças no exercício da profissão contábil

Econômicas	Globalização dos negócios, aumento da concorrência, internacionalização da contabilidade (Gulin et al., 2019; Zhang et al., 2020; Santos, 2020; Padoan et al., 2022).
Legais	Processo de convergência aos padrões internacionais de contabilidade iniciado com a edição da Lei 11.638/2007 e posteriores (Shimamoto & Reis, 2010; Gelbcke et al., 2018; Padoan et al., 2022).
Sociais	Mudanças na tecnologia alteram os papéis de trabalho, as relações interpessoais e as redes sociais. A interação entre os indivíduos facilita a percepção de eventos complexos, e inovações são criadas para gerenciar essa complexidade (Weick, 1995; Carnegie et al., 2021).
Tecnológicas	Inovações tecnológicas, processos internos mais automatizados, rotinas parametrizadas e o acesso à informação cada vez mais rápido (Kehl et al., 2017; Sá, 2017; Cardoso & Costa, 2019; Gulin et al., 2019).
Técnicas	Novas normas e procedimentos de contabilização e elaboração dos relatórios financeiros impactam nas rotinas contábeis (Shimamoto & Reis, 2010; Gelbcke et al., 2018; Padoan et al., 2022).
Perfil e habilidades do contador	Passa de um perfil meramente técnico para um profissional mais analítico, voltado ao diagnóstico da saúde da empresa. Requer aprendizagem contínua, conhecimentos específicos e capacidades de lógica e tecnologias (Cardoso & Costa, 2019; Paes & Silva, 2019; Ferreira et al., 2020; Moretti et al., 2020; Berry & Routon, 2020; Evangelista et al., 2021; Carvalho et al., 2021; Padoan et al., 2022).

Nota. Fonte: Elaborado pela autora (2022).

4.2 Mudanças na profissão contábil

A partir do olhar do contador, mudanças contextuais do universo contábil, como mudanças tecnológicas e legais, as influências na rotina de trabalho e no perfil dos contadores, bem como expectativas para o futuro da profissão serão apresentadas.

Tais mudanças aumentaram a responsabilidade dos contadores e acarretaram também incertezas e inseguranças aos profissionais contábeis no que diz respeito às responsabilizações impostas aos contadores, às constantes mudanças na legislação, ao avanço na tecnologia, bem como a instabilidade econômica e sanitária. Essa ideia pode ser ilustrada por meio da fala de

E8 “*por conta dessas incertezas de lei, de programa, de saber da operação em si, então assim, tem muita incerteza nessa profissão, muita*”.

Assim, os indivíduos procuram dar sentido às incertezas, buscando uma explicação plausível sobre a realidade (Weick, 1995). Os entrevistados pautaram suas percepções por uma das propriedades do *sensemaking* segundo Weick (1995), que é a extração de pistas, por meio das mudanças na legislação, de uma mudança tecnológica, social e até mesmo buscaram pistas na alteração do cenário econômico e sanitário.

O aumento de exigências advindas dessas mudanças nas rotinas contábeis culminou com um incremento de trabalho para o contador, influenciando de forma negativa sobre o *sensemaking* da mudança. Porém, outros eventos, influenciaram de forma positiva sobre o *sensemaking* da mudança, como a virtualização e automação, pois chegaram para agilizar o trabalho dos contadores.

De maneira a dar entendimento aos dados, a partir da análise das antenarrativas dos fragmentos de falas coletados no campo, foram montadas diferentes narrativas, de forma a dar corpo a essa história, desde a perspectiva das mudanças tecnológicas, legais e de perfil, e as consequentes influências nas práticas contábeis e de constante atualização por parte dos contadores, até as expectativas para o futuro da profissão contábil.

4.2.1 A tecnologia e o “robô não interpreta, só executa”

O contador brasileiro, com mais de 40 anos, vivenciou um período em seu trabalho em que ainda se utilizavam as máquinas datilográficas e calculadoras com bobinas de papel para o cálculo de impostos. A inserção dos computadores e a internet foram as primeiras grandes mudanças enfrentadas por esses profissionais. A implementação tecnológica, na década de 1980, com o surgimento dos primeiros microcomputadores e, na sequência, com a introdução da internet e a implementação de sistemas de gestão mais sofisticados, fez com que a contabilidade buscasse aperfeiçoar seus métodos associando-se à Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) (Kehl et al., 2017; Santos, 2020), o que também foi ressaltado pelo entrevistado E14 “*a contabilidade, nesses anos todos, dá para perceber que ela se modernizou, então ela foi, o mundo em geral, com a internet, foi se modernizando, e a contabilidade acompanhou, acompanhou essa modernização*”.

Os profissionais contábeis não passaram tranquilamente por essa implementação tecnológica, não sem uma certa insegurança, pois dizia-se que a contabilidade acabaria, que um programa de computador faria o trabalho do contabilista, como relata o profissional E2 “*o que*

eu escutava antigamente: ah a profissão contábil vai acabar, o contador vai acabar, o computador vai fazer tudo”, assim como o profissional E14 “*o contador, a gente pensava uns anos atrás que ia sumir a profissão, se falava muito*”. Realidade que, com a evolução das tecnologias, em algum momento se concretizou, em termos de redução de mão de obra, reafirmando as suas incertezas, de acordo com E14:

Eu lembro quando eu trabalhava lá na concessionária, a gente era no início, a gente era em seis na contabilidade da concessionária, aí foi passando os anos, entrou a internet, foi diminuindo a quantidade de pessoas que precisavam para trabalhar, no final, acabou ficando, eu e mais duas pessoas... tudo começou a interligar, os departamentos, igual a parte fiscal e a financeira, interligou as informações com a contabilidade, foi enxugando, a própria tecnologia, foi uma área conversando com a outra dentro da empresa, aí acabou reduzindo a mão de obra.

Porém, antes de continuar essa história, vamos entender como era a realidade desses profissionais pois, anteriormente a maior das mudanças para a profissão contábil, a implementação da tecnologia digital, os contadores faziam “serviços de rua”, faziam visitas aos seus clientes, as guias precisavam ser pagas nas agências bancárias de forma presencial, os livros fiscais eram impressos e levados às juntas comerciais, as declarações entregues, em papel ou em disquetes, às Receitas Estadual e Federal, como mencionam os contadores E5 e E17:

Todo dia eu saía, e eu já tinha um *tour*, um roteiro que eu ia em todos os órgãos, eu ia na Receita Federal, na Secretaria de Fazenda, na Prefeitura, ia em cliente, praticamente todo dia eu tinha que sair, às vezes para protocolar alguma coisa (E5).

Utiliza bem menos papel do que utilizava antes, mas hoje tudo eletrônico, livros, por exemplo, que a gente antes precisava imprimir, encadernar, levar na Junta Comercial, por exemplo, para autenticar, hoje é tudo online (E17).

Parte do trabalho dos contadores era essencialmente técnico e executado de forma manual, os documentos contábeis eram lançados um a um nos sistemas contábeis e, com a implementação tecnológica, a primeira grande mudança foi a transição das tarefas manuais para o trabalho conjunto com as soluções informatizadas (Sá, 2017). Surgem assim os sistemas de gestão integrados que permitem o acesso a informações uniformes, em tempo real e de todos os setores da empresa. O profissional E3 traz o seguinte relato:

Na época era tudo nota fiscal física, formulário contínuo, não existia XML [*eXtensible Markup Language*] nem nada, tinha que pegar, conforme o cliente mandava as notas, a gente tinha que lançar uma a uma no sistema para calcular todos os impostos e, nossa, era bem trabalhoso, nessa parte hoje em dia já está mais fácil.

Nesse contexto, a implantação de novas tecnologias foi essencial para mudanças de processos no método de trabalho dos profissionais da área contábil. O Governo viu a oportunidade de ampliar a fiscalização e conseqüentemente aumentar a arrecadação de impostos. Assim, foi instituído no Brasil a partir de 2007, o Sistema Público de Escrituração

Digital-SPED Contábil, Fiscal e Social, passando o contador a ser ferramenta da autoridade fiscalizadora para aumentar o controle sobre as empresas, como declaram os profissionais E17 e E21:

Na verdade, antes era muito manual, então com o tempo, foi feito os SPEDs, que é da Receita Federal, Receita Estadual também tem, mas o que se dizia na época, por exemplo, era que ia mudar muito, contador não ia ter tanto serviço e tal, e pelo contrário, hoje em dia o contador tem muito mais serviço, muito mais responsabilidade (E17).

Podemos dizer que se pode separar a Contabilidade antes e depois do ambiente SPED, mesmo a parte da consolidação da legislação em relação à Contabilidade Internacional. Quem fez faculdade antes disso e não trabalhou mais no setor, não adianta, não sabe mais voltar, nada é igual, o que era desde a apuração de tributos até a própria contabilidade em si, então o que a gente vivenciou lá em 2002, 2001, em contabilidade, isso não existe mais, desde princípios, normas, tudo mudou (E21).

A Nota Fiscal Eletrônica (NF-e) foi desenvolvida pelas Secretarias de Fazenda dos Estados e Receita Federal do Brasil e trouxe benefícios e vantagens como: o aumento na confiabilidade da Nota Fiscal, maior controle fiscal com possibilidade do cruzamento eletrônico de informações, redução da sonegação e aumento da arrecadação e ainda a eliminação do papel (<http://sped.rfb.gov.br/>, recuperado em 02 de março, 2022). Assim, com a evolução tecnológica e a integração do sistema contábil com os programas de emissão de NF, o lançamento manual de notas fiscais na contabilidade deixa de ocorrer e começa a implementação digital, com a importação dos arquivos XML (*eXtensible Markup Language*), que é a versão digital da nota fiscal, para dentro dos sistemas contábeis, como expõe o entrevistado E18:

Na rotina, a gente teve que começar a automatizar mais a entrada de informação, a gente investe um pouco em automação, entrada de nota, que nem antigamente tinha que ir lá no cliente pegar a nota [fiscal] de papel, aí começou nota eletrônica, e agora tudo XML.

NF-e, SPED Contábil, Fiscal e Social, EFD-contribuições, ECD-contábil e o eSocial, foram alguns dos programas aos quais o contador se viu compelido, por força do Decreto Federal nº 6.022 de 22 de janeiro de 2007, a interagir. O Decreto nº 8.373/2014 instituiu o Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) e conseqüentemente houve a adequação de seus sistemas contábeis para que “conversem” com os programas do Governo, como relatam E12 e E17:

Eu, por exemplo, essa parte de mudanças que teve, de SPED, e-Social e tal, essas coisas foram muito tranquilas pra mim, porque eu sou daquele que vai ler o manual. Então eu entendo como a coisa tem que ser e trabalho junto com os sistemas de informática para que a coisa ande certinho (E12).

Teu sistema não está muito, digamos, muito alinhado com Receita Federal, com Receita Estadual, aí tu crias um problema para ti mesmo, porque o sistema tem que estar muito bem atualizado, porque senão esses SPEDs, por exemplo, que eu comentei, não transmite, dá erro (E17).

Ainda o eSocial, quando de sua implantação, gerou um desgaste para os contadores, pois foi considerado um programa de difícil manuseio, termos como “*foi suado*” (E3), “*está sendo um caos*” (E15) “*muito complicado e chato*” (E16), “*era um desespero*” (E21), foram utilizados por alguns entrevistados para descrever o programa. Ainda, representou uma mudança difícil para o profissional mais antigo, sem muita habilidade para as novas tecnologias colocando alguns profissionais para fora do mercado de trabalho, devido às dificuldades em se adaptar ao mundo tecnológico. Os contadores tiveram que se atualizar, entender essa mudança em suas rotinas, tiveram que se reinventar, aprender e continuar aprendendo, o que demonstra o processo de estranhamento e construção de sentido ao qual o contador estava submetido, como nos relatam E8 e E9:

O que eu vejo, a geração nossa, porque eu tenho 40 anos, então assim, os 40 anos para cima, eu posso até por menos aqui, uns 35 para cima, são pessoas que não vieram de um mundo digital, então são pessoas que têm dificuldade de se adaptar com o digital (E8).

A minha, nossa geração, não sei, mas a nossa assim, década de 70-80, foi pego meio de surpresa, é muito rápido, nós não somos geração digital, mas isso não quer dizer que a gente não pode aprender também (E9).

Por outro lado, contadores mais jovens, que entraram na profissão na era tecnológica, não tiveram tantas dificuldades como exposto pelo entrevistado E5 “*então eu percebi que a gente que era um pouco mais jovem, está se adaptando bem*”, e também de acordo com o contador E27, que apesar de não haver um suporte eficiente, não vê dificuldades em entender e trabalhar com os aplicativos do Fisco:

Então, não se vê assim o suporte e a instrução por parte do Governo, praticamente não existe, você enquanto profissional, você mesmo tem que correr atrás da informação, tutoriais, hoje em dia a internet ajuda muito, existem vários canais de contadores, que às vezes eu tiro muitas dúvidas e peço dicas.

Já a criação da Rede Nacional para a Simplificação do Registro (REDESIM), rede simplificada para abertura, alteração e baixa de empresas, influenciou de forma positiva para o aumento de clientes aos profissionais contábeis. Criada pelo Governo Federal por meio da Lei nº 11.598/07, é uma rede de sistemas informatizados para registrar e legalizar empresas e negócios no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, cujo objetivo é permitir a padronização, transparência e a redução dos custos e prazos de abertura de empresas.

A simplificação para abertura, alteração e baixa de empresas, de forma virtual, representou uma facilidade aos contadores, também ressaltada pelo entrevistado E10 “*por exemplo, para abrir algum processo [abertura de empresa], você tinha que ir juntar a*

documentação, ir lá, protocolar, solicitar, esperar, então foi assim, alguns processos agora dá para ser aberto virtualmente, entendeu, tudo virtual”, e pelo profissional E15:

E na parte societária, facilitou bastante. E aí a gente tinha que fazer várias vias, levar na junta, levar na receita, tinha até *motoboy* para fazer isso, menino que fazia, e hoje em dia não tem mais necessidade, hoje eu me sento aqui, faço tudo bem rápido.

Assim, essas tecnologias que mudam com tanta rapidez, despertam também no contador incertezas, ele se vê inseguro pela possibilidade de ser substituído por alguém que tenha maior facilidade para acompanhar tais mudanças. E, dentre os setores da economia, o setor contábil é o que mais foi atingido pelas mudanças advindas das inovações tecnológicas (Pan & Seow, 2016). Esse contador, devido às inúmeras mudanças tecnológicas e na legislação, acabou por desenvolver um receio de não conseguir acompanhar, de se tornar obsoleto, não ter mais a capacidade de atender ao que as empresas demandam, como relatam alguns entrevistados: *“daqui a pouco o serviço que eles têm a oferecer, ele pode ser feito por um programinha, por um robzinho, um computador”* (E4), *“a gente sempre fica com medo de um negócio ficar tão evoluído, tão informatizado, que chega uma hora que não precisa nem do contador mais”* (E5), e *“o contador operacional aquele que é mais, que estava apegado nos trabalhos mais metódicos, rotineiros, ele está sendo substituído, as máquinas podem fazer isso”* (E26).

Os efeitos do desenvolvimento tecnológico para o exercício da profissão contábil, ficam mais evidentes nas rotinas de trabalho, com o aumento das cobranças pelo Governo, há uma sobrecarga sobre os profissionais contábeis e, em contrapartida, não há um reconhecimento financeiro, conforme relatado pelos pesquisados E14 e E26: *“é uma área pouco valorizada. Apesar de ser tão pouco valorizada, a gente vê que tem um pessoal bem dedicado que trabalha nessa área”* (E14), e *“a contabilidade hoje vive sobrecarregada de obrigações, infelizmente, o Fisco, ele se prepara para cobrar, mas ele não te dá suporte, ele não te dá base para que você consiga trabalhar”* (E26).

A implementação de sistemas de fiscalização e controle pelos órgãos de Governo, exigiram dos profissionais contábeis maior atenção e conhecimento e o incremento no número de declarações, informativos ou demonstrativos a serem apresentados aos diversos órgãos de controle como Tesouro Nacional, Ministério da Saúde, da Educação, Tribunal de Contas, Receitas Federal e Estadual. Muitas vezes, tais relatórios contém as mesmas informações que precisam ser enviadas para órgãos diferentes, causando retrabalho, bem como a redução nos prazos para apresentação dos mesmos, ou seja, um maior número de exigências com prazos mais curtos, causaram alterações nas rotinas de trabalho e deixaram nos contadores a sensação de que não há tempo suficiente para todas as tarefas contábeis, como descrito por E1 e E23:

“aumentou muito a quantidade de relatórios e sistemas que a gente tem que preencher as mesmas informações” (E1), e “você tem prazo para entregar uma declaração, você tem prazo de imposto, você tem prazo para mandar as coisas para o cliente, então você não pode ficar perdendo muito tempo” (E23).

A era da tecnologia e do armazenamento na nuvem estimulou o surgimento de novos modelos de negócios em plataformas digitais e a contabilidade, por meio destas, tornou-se algo disponível à sociedade, agilizando os processos (Rosa et al., 2017; Alves & Martins, 2022). Tais avanços tecnológicos permitem uma maior concorrência, muitas vezes caracterizada pelos entrevistados como desleal pois impacta na precificação da atividade contábil. A profissão não tem um piso salarial definido, não há uma tabela para a cobrança de honorários, e ainda, a concorrência com empresas virtuais que oferecem serviços contábeis por valores bem abaixo dos praticados, tem, muitas vezes, deixado o contador inseguro quanto ao desempenho da profissão, como declarado pelo profissional E16:

É muito complicado você passar um valor pro cliente às vezes entendeu? Isso não é que nem um advogado que mantém aquela tabela dele lá que a OAB passa... se você sair do advogado A e for para o advogado B, o valor entre um e outro a diferença não vai ser ali uns cinquenta reais e olha lá, não passa muito disso, entendeu? Na contabilidade já não tem isso, tem contador que um cobra mil reais e o outro cobra cem [reais]. E isso tá cheio.

A redução de preços, provocada pelos avanços tecnológicos e conseqüente aumento de empresas virtuais, provocaram uma reinterpretação do valor da própria atividade (em uma lógica utilitarista o contador vale unicamente pelo conjunto de "lançamentos" que ele faz), como relata E18 *“tem empresa oferecendo a sessenta reais mensalidade, entendeu, aí fica difícil competir”*, complementado por E8 *“então cada um faz o que quer, cada um cobra o que quer, e aí eu entendo o empresário que é pequeno, que está começando, precisa economizar, vai no que cobra menos”* e ainda pelo contador E14:

Ruim que o meu trabalho fica desvalorizado... não dá para cobrar o quanto que vale o nosso trabalho realmente, a concorrência é muito grande, e aí a gente tem que trabalhar com honorários bem abaixo do que realmente deveria ser, e não tem uma regulação do CRC [Conselho Regional de Contabilidade].

Então para poder competir com as facilidades das empresas virtuais, e a oferta de trabalhos a baixo custo por alguns profissionais, o contador precisa encontrar o seu diferencial na oferta de serviços aos seus clientes. Estudos de Peleias et al. (2015), já indicavam que o despreparo de alguns profissionais, que ofereciam serviços a baixo custo e de má qualidade, desvaloriza a profissão contábil. De acordo com os autores, a meta dos contadores, à época, era a valorização da profissão. Fato que se observa na atualidade, como a conclusão do entrevistado E21:

O mercado mudou, uma das questões que a gente comenta muito, antigamente tinha a figura do aviltamento de honorários, ninguém poderia vir oferecer serviço para o teu cliente por menos do que você estava praticando, porque era uma afronta, cabia até denúncia. Hoje é a lei do livre comércio, você é um produto na prateleira que a pessoa vai lá e compra. Mas aí o nosso presidente [do CRC] sempre fala, você não pode ser uma *commodity*, porque *commodity* todo mundo tem, a pessoa compra de quem fizer o menor preço, se você não tiver um diferencial para oferecer, você vai sair do mercado ou você vai ter que aceitar prestar o serviço pelo que o teu cliente quer pagar.

Nesse sentido, com o advento das mudanças tecnológicas, o profissional contábil deixa de ser apenas o executor de uma atividade técnica-legal e passa a necessitar oferecer "algo mais", buscar uma diferenciação e exercer um papel mais significativo junto ao seu cliente por meio de serviços de gestão contábil ou ao complementar os serviços técnicos com outras áreas ligadas a profissão. Há uma diversificação da própria profissão contábil em áreas de especialidade onde o contador pode buscar por algumas das áreas contábeis já estabelecidas, por exemplo: Contabilidade Financeira, Contabilidade Gerencial, Contabilidade Pública, Acadêmica, Contabilidade Tributária, Perícia, Auditoria e Sistemas de Informações Contábeis (Schiavi & Behr, 2020).

Ainda, dentro das rotinas contábeis, a automação de processos robóticos (RPA), criado a partir da tecnologia de Inteligência Artificial (IA), é um processo repetitivo e automatizado que pode ser usado para imitar o desempenho humano, como registrar dados para outras tarefas ou rotinas, baseadas em regras que possibilitam que o software incorpore dados, acione respostas e inicie novas ações (Zhang et al., 2020). E, apesar dos desafios e da elevada carga de trabalho com a qual o contador tem se deparado, a automação tem contribuído para agilizar a rotina desse profissional, como o entrevistado E23 relata:

Até a conferência é, hoje em dia, tudo online, é tudo automático, por exemplo, você vai fazer uma conciliação bancária, você pega o extrato lá da conta, importa no outro sistema, ele já vai confrontar o seu sistema com a conta, e já vai ver onde que está o erro.

Com a contabilidade digital, apesar das dificuldades iniciais, o contador também pôde ver as vantagens decorrentes dessa mudança. Por exemplo, com a internet e a virtualização da relação com o consumidor/cliente da atividade contábil não há mais a necessidade desse profissional de estar dentro da empresa, ele pode trabalhar de qualquer lugar, até mesmo de casa, atendendo clientes de outros estados ou até mesmo outros países. Ressalta-se a fala do contador E19 “*maior impacto no meu trabalho realmente foi essa questão da digitalização, porque trouxe assim um ganho muito grande e uma produtividade muito maior para o meu trabalho*”. Em adição, a certificação digital contribuiu muito para essa comodidade, evitando que o profissional tenha que se deslocar até o cliente para colher assinaturas, como relatado pelo entrevistado E6:

Há dez anos, eu tinha metade dos clientes, e usava o mesmo tempo que eu uso hoje para ter quase o dobro de clientes, então, digamos assim, me agilizou a informatização... eu tenho na verdade uns oito clientes que eu nem conheço, nunca vi, a gente fechou por *whatsapp*, por internet, abrimos a empresa para ele, fez certificado digital, mandou para gente, nunca nem pisou no escritório.

A implementação de inovações digitais, como o armazenamento de arquivos na nuvem, permitiu a redução de papel nos setores financeiros e de contabilidade das empresas. O sistema de computação em nuvem possibilitou automatizar grande parte do processo financeiro, permitindo que seja feito de forma remota o acesso a boletos ou extratos (Carvalho et al., 2021), representando assim facilidades para os contabilistas. E a inserção da inteligência artificial na contabilidade é uma realidade de acordo com E25 e E27:

Vou dar um exemplo, uma pessoa que prepara folha de pagamento interno no escritório, ela prepara folha de pagamento e gera. Bom, aquela empresa gerou tantos reais de folha de pagamento, FGTS, INSS. Aí tem um outro ambiente que é sair de dentro do sistema, ir para a receita federal para poder gerar FGTS, por exemplo, aí esse processo de rotina, a gente prepara um lote de 50 empresas, dá o OK e o robô trabalha, ele clica tudo sozinho, vai, gera FGTS, gera INSS, . . . a gente chega no outro dia está tudo pronto. A pessoa só confere se está o mesmo valor e um clique dispara automaticamente para o e-mail de todos os clientes, poderia disparar automático, mas a gente prefere que clica pra olhar primeiro, e isso faz para os dados de ICMS, rotina, tudo aquilo que a rotina que faz, é o robô que está fazendo, não é mais a gente, para poder ganhar tempo (E25).

As ferramentas de 2013 para as ferramentas de agora 2022, elas são muito mais automatizadas, elas permitem que a gente às vezes consiga cumprir grandes volumes, grandes demandas de uma forma muito mais automática, claro, se tiver tudo bem configurado, dentro do sistema, do site, da plataforma que você utilizar (E27).

Outro fator que teve impacto na rotina de trabalho dos contadores, vem de uma alteração econômica e sanitária. Foi a ocorrência e expansão do vírus da Covid-19, doença respiratória decretada pela Organização Mundial da Saúde como pandêmica em janeiro de 2020. Ela fez com que os governantes, por meio de decretos, fechassem estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços para evitar a aglomeração de pessoas, principalmente em seus locais de trabalho (Johnson, 2020). Silva e Silva (2020, p. 8) destacam o “fechamento parcial e redução da jornada de trabalho de empresas, adesão ao regime de trabalho em *home office*, interrupção da cadeia produtiva de alguns setores da economia, redução de exportações” entre outras.

A contabilidade não pode parar. Apesar das drásticas consequências para a população, com a morte de mais de 686 mil pessoas (<https://covid.saude.gov.br/>, recuperado em 08 de outubro, 2022) a pandemia acabou por contribuir para a digitalização de muitos serviços, principalmente aqueles ofertados pelos órgãos fiscalizadores como a Receita Federal do Brasil, como destacaram os entrevistados E17 e E24:

A parte da Receita Federal também ter se tornado um pouco mais digital, principalmente agora com a Covid-19, que então ali 2020, 2021, muita coisa que a gente tinha que levar,

por exemplo, para Três Passos, que dá cinquenta km daqui, e hoje envia tudo pela internet, envia tudo via sistema (E17).

E, eu acho que agora com a pandemia, ficou mais visível essa necessidade de a gente ter nas mãos essa tecnologia, de como eu falei, de não precisar ir lá na Receita para você resolver uma coisinha, de repente pequena, você já consegue resolver aqui do escritório ou de casa mesmo, onde você estiver (E24).

A pandemia da Covid-19 também teve influência sobre os clientes que, devido ao distanciamento, perceberam que a impressão de papel não é mais tão necessária e que o uso de meios digitais para o trabalho pode ser seguro, de acordo com E6:

Aquele cliente que tinha receio de receber alguma coisa por e-mail, por algum aplicativo, hoje não tem mais, ele até prefere as vezes . . . essa tecnologia de mandar por e-mail para os clientes, eu consegui resolver graças a pandemia.

A ocorrência da pandemia da Covid-19 também mostrou ao contador que a sua atividade é essencial, como relatou o entrevistado E3 “*se alguém ainda tinha dúvida que a contabilidade era uma ferramenta muito importante, eu acho que ali foi a hora de mostrar mesmo, que nós temos o nosso valor, e que, realmente, a gente é muito importante*”. Tal percepção já foi descrita por Weick (1995), ao afirmar que um mundo socialmente construído é um mundo estável, tornado estável por expectativas confirmadas e os eventos que estão de acordo com a expectativa, e a confirmam, fazem sentido.

A essencialidade da profissão foi também declarada pelo profissional E10 “*antes de fazer a contabilidade, de atuar na área, eu não tinha a dimensão do quanto que era essencial, do quanto as informações que a gente precisa passar é essencial*”, reafirmado pelo contador E13 “*a função de contador, hoje, é de grande importância no mercado*” e ainda pelo profissional E23 “*todo contador é importante*”. Ou seja, o contador sabe que a sua atividade é essencial e, apesar de todas as dificuldades, tem plena convicção de que a profissão é importante e que tem condições de auxiliar o gestor a alcançar os seus objetivos, que são maior lucro com um custo menor.

Observa-se também, o quanto esse reconhecimento, além do próprio contador, mas também dos empresários, é significativo para o desempenho da empresa, como relata o profissional E11 “*quem dá a devida importância, o devido valor ao contador ou à contabilidade, dentro da entidade, sabe utilizar essa ferramenta a seu favor, só colhe bons resultados*”. Assim, conhecer e fazer bom uso da contabilidade pode gerar vantagens para todos.

Todas essas mudanças tecnológicas nas últimas três décadas geraram uma transformação profunda na profissão contábil, padronizaram seus relatórios, o que trouxe maior confiança nos resultados apresentados, bem como uma maior produtividade, com mais rapidez, devido a virtualização da profissão. E, a cada dia, novas ferramentas são implementadas e os

profissionais contábeis não podem deixar de se atualizar sobre as inovações tecnológicas no segmento, que disponibilizadas ao longo dos anos, representam melhorias e aprimoramentos na atividade, ampliam suas funções e áreas de atuação, e expandem o papel do profissional da contabilidade junto a sociedade (Gianisella et al., 2021).

Assim, o contador, diante de tantas inovações tecnológicas, precisa agir diante dessa realidade, por meio de investimentos em automação, aperfeiçoamento, parcerias e profundo envolvimento com a profissão contábil, como descreve o profissional entrevistado E18 “*como contador, eu estou investindo bastante em automação, assessoria e consultoria, investindo para eu conseguir ganhar mais tempo para conseguir dar mais suporte aos clientes*”, bem como o contador E22, que ressalta a importância do investimento em automação, porém ainda com um custo alto para os profissionais:

Então a gente é uma busca constante de adequação, nem sempre é possível investir em automação, porque o contador, ele tem uma certa limitação, e estar à frente em tecnologia é muito caro ainda no Brasil, o custo disso é muito alto, então, assim, qualquer contador, se não tem automação, ele está com um déficit, ele não está conseguindo atender a demanda de legislação, a demanda de obrigação acessória.

Apesar dos desafios na incorporação das tecnologias na sua rotina de trabalho, o contabilista sabe que ainda tem espaço para a contabilidade, para o contador exercer a sua profissão, pois apesar dos programas fazerem o trabalho, antes executado manualmente pelo profissional de forma repetitiva, a interpretação desses dados e a análise ainda precisa ser feita por um humano, como descrevem E5, E21, E22 e E28:

Eu acho que mesmo que esteja tudo cem por cento informatizado, mas precisa de uma pessoa para analisar, para conferir, por mais que a gente não lance mais nada manual, mas precisa de alguém para analisar, precisa alguém para repassar as informações para uma pessoa que não é da área (E5).

Então a gente está indo para um outro caminho, que é investir em tecnologia, achar recursos que nos permitam utilizar menos mão de obra e mais ferramentas para exercer o mesmo trabalho. Então assim, o primeiro quesito que eu vejo é esse, tem muita ferramenta, mesmo assim, precisa uma pessoa para operar essa ferramenta, para ler os relatórios que essa ferramenta produziu, e explicar isso para o cliente, isso não vai tirar de nós (E21).

A meu ver, a robotização ela ajuda demasiadamente, porém, sempre vai ser necessário a mão de obra mesmo, para análise do que o robô está processando, . . . o robô ele faz o que alguém programou, então a gente tem que conferir se esse robô, ele está correto, porque... muito mais que uma leitura de legislação, é uma interpretação, e robô não interpreta, ele só executa (E22).

Eu penso que por mais que tem a automação, digitalização de processos, você sempre vai precisar do profissional que interprete tudo isso, interpretar em que sentido? É preciso interpretar para tomar a decisão, a máquina não vai fazer essa interpretação, ela pode te dar um norte, mas interpretar é muito difícil, ela vai te dar um parâmetro, mas você que vai ter que interpretar o parâmetro para seguir por determinado caminho (E28).

Assim, os profissionais da contabilidade foram se adaptando, tiveram que se reinventar, apesar da primeira impressão de que a tecnologia poderia tirá-los do mundo do trabalho, aos poucos perceberam que a máquina executa, mas não analisa, e cabe a eles a tarefa de analisar, transformar dados em informações e cumprir assim o seu papel diante da profissão contábil.

Em resumo, ao falarmos das mudanças tecnológicas, foi lembrada a introdução dos microcomputadores e da Internet, seguida da implantação de sistemas de gestão integrados, e como o Governo lança mão dessas tecnologias para aumentar a fiscalização ao implantar a nota fiscal eletrônica (NF-e), o Sistema Público de Escrituração Digital (SPED) e o eSocial na área trabalhista., bem como criação da REDESIM, que simplifica os processos de abertura de empresas. Segundo Santos (2020), devido a execução dos sistemas ocorrer em programas aprovados pelo governo, a utilização da TI proporcionou benefícios, como por exemplo a segurança no envio de informações.

As inovações tecnológicas, como a virtualização, automação e inteligência artificial, representam a modernização da contabilidade, elas trouxeram facilidades, principalmente na relação com o consumidor/cliente da atividade contábil. Devido a inserção de soluções proporcionadas por essas tecnologias na área, não há mais a necessidade desse profissional estar dentro das empresas, ele pode trabalhar de qualquer lugar, até mesmo de casa, atendendo clientes de outros estados ou até mesmo de outros países. O trabalho do contador, que antes era na rua atendendo clientes, passa a ser no escritório, via internet. Em outras palavras, a natureza do exercício torna-se fluida e pode ser realizado de qualquer lugar.

Porém, tais inovações também trouxeram dificuldades, como a sobrecarga de trabalho e o aumento da concorrência, muitas vezes desleal. Ainda, contribuíram para a desvalorização monetária do trabalho do contador, que agora pode ser feito por plataformas digitais a preços muito competitivos, impactando na precificação da atividade contábil. A redução de preços, provocada pelos avanços tecnológicos e consequente aumento de empresas virtuais, provocaram uma reinterpretação do valor da própria atividade, que, em uma lógica utilitarista, o contador é valorado pelo conjunto de "lançamentos" que faz.

Os contadores lembram ainda as consequências da pandemia da Covid-19, que apesar das dificuldades enfrentadas, mostrou aos contadores que eles têm valor e que são essenciais para a economia. A pandemia intensificou a execução dos trabalhos de forma remota, o que contribuiu para que o *home-office* se tornasse parte da rotina dos profissionais contábeis, com consequente utilização da contabilidade on-line, o que também foi ressaltado por Frigato et al. (2021).

4.2.2 A legislação e o “sempre muda”

No Brasil, leis são editadas quase que diariamente, e a profissão contábil sofre o impacto dessas edições. Os contadores se sentem inseguros e incapazes de acompanhar tantas alterações de leis e normas relacionadas ao campo contábil, bem como apreensivos quanto a correta interpretação da legislação, como podemos perceber na fala do entrevistado E26 *“a gente não vai conseguir acompanhar tudo, isso é um fato, são milhares de legislações, já estamos na casa dos milhões de legislação, não é pouca coisa não”*, e também na percepção da profissional E22 *“eu já tenho mais de 18 anos de carreira, não me sinto qualificada com tanta alteração, a gente se sente às vezes um pouco perdida, porque é muita legislação”*.

O entrevistado E21 também ressaltou o medo vivenciado pelas mudanças na legislação:

Quando a gente fala de aspecto tributário, nosso país, ele deixa todo mundo, sempre com medo, pode falar com grandes empresas, o principal medo que a gente tem é de achar que está fazendo a coisa certa e não está, é um emaranhado de legislações, de alterações diárias que a gente vivencia.

Além da quantidade de legislação, os contadores relatam que possuem adicionalmente dificuldade para interpretar a legislação, pois, muitas vezes, elas têm posicionamentos ambíguos, permitem interpretações diversas, sofrem atualizações constantes, e exigem novas interpretações por parte dos profissionais contábeis. Essa realidade de mudança pode ser ilustrada pela fala do entrevistado E10 *“essa insegurança do que a gente está fazendo, talvez não tem uma coisa clara na legislação, entendeu, dá brechas, e essas brechas dão um posicionamento diferente”* e também pelo contador E26 *“tenho muito receio de trabalhar com ICMS [Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços... legislação ela é muito, sei lá, muito sombria”*, reforçado ainda pelos profissionais E20 e E21:

Últimos três meses a gente teve praticamente quatro a cinco alterações seguidas na tabela de IPI [imposto sobre produtos industrializados], por exemplo, alterando a alíquota, seja uma hora para maior, uma hora para menor, uma hora mantendo tudo igual, mas não existe uma clareza assim do tipo ‘a gente vai diminuir o imposto x’, não, vem um decreto, você tem que esmiuçar, entender o que mudou, porque não vem um “de para” para facilitar a nossa vida, ele praticamente publica tudo de novo, você tem que ir lá esmiuçando tudo o que teve de alteração (E20).

Pega uma legislação, do jeito que ela vem publicada, fica parecendo que você sabe ela de cor, e daí fala: tal artigo passa a vigorar com a seguinte redação, então assim, você tem que ir lá abrir a legislação original, olhar o que mudou, ler o que era antes e o que é agora, comparar, agora entendi o que mudou, então assim, demanda muito tempo, muita leitura, muita dedicação (E21).

Outras vezes leis são instituídas, porém a regulamentação demora para ocorrer, a aplicabilidade da lei fica prejudicada. E ainda, cada Estado e cada Município no Brasil tem a edição de leis próprias, o que dificulta o trabalho dos contadores, como declara o entrevistado

E16 “a legislação do estado de São Paulo é completamente diferente do estado do Paraná, completamente diferente do estado da Bahia, de Minas, cada um com uma legislação interna, prefeituras então são uma diferente da outra”.

Essas edições de leis tiveram um aumento com a convergência às normas internacionais e o desenvolvimento do IFRS (*International Financial Reporting Standards*) no Brasil. Essa convergência foi necessária em um momento em que a globalização e abertura de mercados amplia o comércio das empresas brasileiras, e melhora a consolidação das demonstrações financeiras das empresas multinacionais. A criação do Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) pela Resolução CFC n.º 1.055/2005, tem como objetivo emitir pronunciamentos técnicos com base nas Normas Internacionais de Relatórios Financeiros (IFRS), centralizar e uniformizar o processo de convergência aos padrões emitidos pelo *International Accounting Standards Board* (IASB) (CFC, 2016), e a emissão das normativas (ver Tabelas 6 e 7) aumentam a exigência de informações na confecção das demonstrações contábeis. Tais medidas foram percebidas pelos profissionais como relatado na fala do entrevistado E22:

O grande diferencial foi a implantação do IFRS [*International Financial Reporting Standards*] no Brasil em questão de análise de balanços, mas são muitas alterações. Logo depois que veio IFRS, veio algumas alterações em legislação mesmo, . . . CPC veio regulamentar como são registrados, como são reconhecidos, como são a questão de ajustes, também tivemos alteração no reconhecimento de despesa. Eu acho que IFRS foi o que teve mais impacto na área contábil.

A principal lei que rege a contabilidade é a 6.404/76, Lei das Sociedades por Ações, denominada Lei das S/A, e com a necessidade de ajustar a contabilidade brasileira às Normas Internacionais de Contabilidade, buscou-se adequar a Lei das S/A ao novo cenário econômico, sendo promulgadas assim as Leis 11.638/07 e 11.941/09, alterada pela Lei nº 12.973/2014, o que trouxe uma harmonização dos padrões contábeis no Brasil (Souza & Camêlo, 2015).

A nova legislação tributária (Lei nº 12.973/2014) impactou a contabilidade, com o aumento de fiscalização e obrigações impostas pelo Fisco, a implementação de sistemas de controle como a Nota Fiscal Eletrônica, o SPED fiscal e contábil e o e-Social (relacionado aos recursos humanos), conseqüentemente aumentaram as declarações, ou obrigações acessórias a serem apresentadas aos órgãos competentes, o que sobrecarrega o profissional contábil, como descreve o profissional E2:

Para ele [Governo] ter em mãos a empresa, os dados da empresa, sobrecarregou o trabalho do contador. A gente sabe que houve muita corrupção, ultimamente, muito desvio de verbas, empresas que sonegam, então isso levou o Governo também a ficar um pouco mais radical, e exigir mais dos contribuintes, mas o contribuinte em si não faz a contabilidade, então sobra para o contador.

Essa sobrecarga sobre o contador se traduz em maior responsabilidade desse profissional, pois ele não é mais apenas o executor das declarações das empresas que ele presta serviços, ele é responsável por fazê-las de maneira correta, sob pena de acarretar multas ao seu cliente.

Anterior às mudanças na legislação tributária as empresas tinham maior facilidade em não informar o seu faturamento, o que reduzia o pagamento dos impostos devidos, o que fez com que o Governo aumentasse a fiscalização, fechasse o cerco sobre o contribuinte e conseqüentemente sobre o contador. A Receita Federal, com maior controle e mais exigência por parte do Fisco, coibiu a sonegação, mas transferiu para o contador maior responsabilidade da parte tributária, o que reduziu o tempo para que o contador se dedique à contabilidade básica das empresas, daí dizerem que o contador é empregado do Governo (Fisco), como relatado por E8 “*nós somos funcionários do Governo, além de ser do empresário, nós somos mais do Governo do que do empresário na verdade, então, as obrigações aumentaram por conta desses SPEDs*” e também de acordo com E19:

Eu acho que a carga que o Governo joga em cima do contador ela é muito grande, porque na verdade, a gente responde por tudo, então tudo tem que ter o nome do contador. Tudo o contador tem que estar ciente, e muitas vezes, que nem no caso do escritório de contabilidade, a gente não está dentro da empresa para saber o que o empresário está fazendo, e muitas vezes eles fazem as coisas e nós só ficamos sabendo quando eles já fizeram.

Declarações como “*a gente trabalha contabilidade para o Fisco*” (E2), “*50% do escritório, é trabalho do governo*” (E6), “*somos muito mais operadores do governo*” (E8), “*nosso tempo é muito mais para atender o governo*” (E12), “*a gente praticamente trabalha mais para o governo*” (E14), “*a gente acaba trabalhando para o governo*” (E15), “*a gente trabalha na verdade, muito para Receita Federal*” (E17), “*ele [contador] é basicamente um cumpridor de parte burocrática do Fisco*” (E23), demonstram o quanto o contador se sente explorado pelo Fisco.

Ocorre, portanto, uma mudança identitária da profissão contábil. As mudanças regulatórias implicam em maior responsabilidade dos profissionais contábeis e aumento das atividades realizadas para o Estado. Assim, a profissão passa a ser percebida como uma atuação subordinada ao Estado dada a responsabilização legal do profissional, contudo, não remunerada pelo mesmo.

Em termos de efeitos dessa atuação junto ao governo, gerou-se insegurança para os profissionais contábeis, pois o risco de multas por estar em desacordo com a legislação é fator preocupante para os profissionais da área contábil, como relatam os contadores E8, E19 e E21:

E nessa profissão tempo é algo que não se tem muito, não tem muito disponível porque, como eu disse, são muitas obrigações, todas têm prazos curtíssimos, você perde um prazo, você tem multa por falta de entrega, por falta de pagamento (E8).

As exigências do Governo elas fazem com que nós tenhamos que ter essa agilidade, porque ele coloca prazos, então nós temos que cumprir esses prazos, independente de que aconteça dentro da empresa, tem que se cumprir aquele prazo, se não, você fica sujeito a multa (E19).

É quase impossível dizer que a gente não vai errar num determinado momento, são legislações que às vezes alteram no apagar das velas, ali ó, dia 28-29 de dezembro, quando está todo mundo preocupado com festa de final de ano, sai uma legislação. No dia 3 [de janeiro], você volta a trabalhar, você não vê aquela legislação e às vezes você passa um ano errando (E21).

A pressão pelos prazos, imposta pelo Governo, também é motivo de inseguranças e incertezas para os contadores, pois, em não sendo cumpridos tais prazos, também podem acarretar responsabilizações para esses profissionais.

Muitas mudanças na legislação fiscal ocorreram para um maior controle e fiscalização por parte dos órgãos governamentais, devido à corrupção, fraudes, desvios de verbas e sonegação de impostos. Assim, um dos benefícios da fiscalização mais rígida, foi a preocupação, por parte dos clientes, em executar de forma correta os eventos fiscalizados, no intuito de evitarem sanções, que chegam cada vez mais rápido, como exemplifica o entrevistado E5:

E hoje em dia não tem mais, não cabe mais isso de fazer coisa errada, de sonegar, não tem como mais, porque hoje em dia, como é tudo digital, tudo eletrônico, nota fiscal eletrônica, a Receita [Federal] pega, e pega rápido, entendeu?

Ainda, mudanças ocorridas devido ao processo de convergência às normas internacionais foram importantes, padronizaram a apresentação das demonstrações financeiras, além de possibilitarem a igualdade entre contadores iniciantes diante dos contadores mais experientes, no sentido de que ambos precisaram se adaptar às mudanças e aprender, de acordo com o contador E1:

Eu entrei na área pública num momento em que os contadores, que já eram antigos na área pública, também estavam aprendendo a lidar com essa nova contabilidade, então eu entrei na área pública em pé de igualdade, com quem já estava lá anos porque estava tudo mudando.

Na Contabilidade Pública, por exemplo, com o processo da convergência para as normas internacionais, buscou-se harmonizar as demonstrações financeiras de modo que os entes federados tivessem uma uniformidade nos processos de prestação de contas, relatado ainda por E1: *“todas essas mudanças que vieram para padronizar mesmo a contabilidade, para que, quando você pega um Balanço aqui no meu município e pega um Balanço aí no seu município, você consiga ler”*. Por exemplo, passou-se a lançar na contabilidade a depreciação dos bens

patrimoniais, bem como passou-se a ter uma preocupação maior com as contas de controle e os custos na área pública, como relata E11:

Já se fala bastante na questão de custos na área pública, a questão do patrimônio também, dos entes públicos, passou a ter uma importância muito grande. Eu acho que tem que ser dessa forma, porque antes para você ter uma ideia, em 2007, quando eu assumi como contador na prefeitura . . . , nós tínhamos, por exemplo, terrenos, que estavam lançados na contabilidade com um valor de um centavo, ou seja, lá 1975, 76, quando foi emancipado o município, aquele terreno foi repassado para o patrimônio do município e nunca mais se fez uma reavaliação disso, então, na verdade, assim, o Balanço Patrimonial era totalmente distorcido.

Com o intuito de resguardar os profissionais contábeis da utilização indevida de seus serviços para atos ilícitos, foi editada a Lei n.º 9.613/1998 e alterações posteriores, que dispõe sobre os crimes de “lavagem” ou ocultação de bens, direitos e valores, regulamentada por meio da Resolução CFC n.º 1.445/2013, alterada pela Resolução n.º 1.530/2017. Assim, profissionais e organizações contábeis devem comunicar, obrigatoriamente até o final de janeiro de cada ano, ao Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF) a não ocorrência de operações suspeitas de lavagem de dinheiro ou financiamento ao terrorismo (<https://cfc.org.br>, recuperado em 02 de março, 2022).

Assim, para prevenir a responsabilização por atos dos quais não foi conivente, o contador passou a ter como obrigação a emissão da declaração, enviada anualmente para o CFC, de que não houve fraudes nas organizações, o que consiste em exemplo de atos emitidos pelos órgãos fiscalizadores que criam uma certa insegurança nos profissionais contábeis, como declara E1:

Eu sou obrigada a fazer uma declaração anualmente, lá para o CFC, de que não houve fraude dentro da instituição onde eu trabalho. Primeiro que eu não tenho conhecimento suficiente de tudo o que foi feito dentro da minha entidade, porque eu sou responsável pela contabilidade, eu não sei se lá no processo de licitação houve uma fraude durante o processo. Eu não sei se lá no processo de compra houve uma fraude no processo de compra. Eu não sei se lá na hora de solicitar a mercadoria ou de receber a mercadoria, a pessoa que assinou, se ela fez da maneira correta. Eu não tenho condições físicas de estar em todos os lugares.

Dessa maneira, mudanças constantes na legislação, que sofre alterações ou inclusões quase que diariamente, exige maior tempo em leituras por parte dos contadores, bem como o profissional precisa se atualizar constantemente, como aduzem os profissionais E11, E18 e E23: “então hoje o contador ele tem que entender não só de contabilidade, ele tem que entender e bastante da parte legal também, porque essas leis, essas instruções normativas, sabe, então isso tudo a gente tem que estar se atualizando” (E11), “é muita leitura, acompanhar a legislação e ir atrás da informação que muda a todo momento” (E18), e ainda a “contabilidade

é uma área que muda muito, imposto muda demais, então você tem que estar sempre se atualizando” (E23).

Assim, o contador acaba por se tornar um operador legal ao precisar conhecer os códigos e artigos das normas legais, entender a sua aplicação e as sanções previstas na legislação relacionada a sua profissão e ao ramo de atividades (comercial, industrial, de prestação de serviços ou produtor rural) aos quais seus clientes estão sujeitos.

No entanto o acesso a essas mudanças nas normas está mais facilitado com a internet, os órgãos reguladores como a Receita Federal, as Secretarias de Fazenda dos Estados, Conselho Federal de Contabilidade, Casa Civil Estadual e Federal, publicam em seus *sites* e ficam à disposição dos profissionais quase que concomitantes à emissão das instruções normativas, portarias, decretos e leis, como declaram os contabilistas E19 e E20:

Como tudo muda muito rápido, então é muito mais fácil eu entrar, por exemplo, ah saiu uma portaria nova, saiu uma IN [instrução normativa] nova, eu já acesso ao site da receita federal ou ao site do Sefaz, já leio todo o conteúdo, já consigo ver para onde eu vou aplicar, se vai me servir, se não vai, se eu vou precisar fazer isso, ou não vou precisar fazer. Sai uma nova norma contábil, você já entra lá no site do CFC, já vê o que é, já vê se se aplica, se não se aplica (E19).

Então hoje a gente tem muita informação praticamente em tempo real. Hoje, o presidente assina um decreto alterando alguma coisa, a gente praticamente em questão de 30 minutos ou uma hora depois, a gente já está ciente das mudanças que tiveram (E20).

O acesso à informação está mais facilitado, o profissional contador tem à sua disposição, quase de forma instantânea, atualizações na legislação e regulações, bem como o acesso à cursos e palestras necessários ao desempenho da sua profissão.

Os CRCs ofertam cursos de atualização, muitos até de forma gratuita, presencial ou remotamente, uma vez que é cobrada dos contadores a anuidade e os recursos provenientes desse pagamento são utilizados para a manutenção das atividades voltadas ao crescimento e valorização da classe contábil, fiscalização, registro ou desenvolvimento profissional (CRC-PR, 2017). Monteiro et al. (2021) apontam que os CRCs têm tido uma atuação ativa quanto ao preparo dos profissionais em relação as inovações tecnológicas, por meio de cursos, palestras, *lives* e *workshops*. Tal ação é exaltada pelo contador E3:

Nós tivemos uma presidenta, do CRC, que ela foi ótima, ela foi muito boa, na época dela tinha bastante, assim, cursos que a gente não precisava pagar, porque assim, os cursos são caríssimos, sabe, você tem que se atualizar, e você paga o CRC anualmente.

Mudanças na legislação podem indicar mudanças nos sistemas contábeis e o contador precisa participar da parametrização dos sistemas, treinamento de pessoal, além de alterar

custos devido a inclusão ou exclusão de algum benefício tributário, que podem ocorrer sem prévio aviso e o profissional precisa agir, como declara E2:

O que funciona, é realmente eu ir lá dentro da empresa levar o conhecimento que eu tenho da legislação, parametrizar junto com o pessoal lá, a parte burocrática, parte de legislação dentro do sistema, que como é tecnologia, então tem que começar certo lá na ponta.

O incentivo por parte do Governo, para o empreendedorismo, também foi visto como positivo para os profissionais contadores, influenciou de forma positiva para o aumento de clientes aos profissionais contábeis, percebido pelo profissional E5 *“as pessoas estão perdendo o medo de empreender e, com isso, está abrindo mais CNPJ e com isso, a gente, contador, está ganhando mais clientes”*. E a flexibilização para terceirização de serviços, também ampliou a clientela conforme menciona E6 *“isso também gerou que as pessoas acabam buscando mais o serviço contábil por conta de obrigações, às vezes nem tanto porque ele quer, mas mais por obrigações”*.

Assim, mudanças na legislação também contribuíram para o aumento da clientela, principalmente de profissionais autônomos e de escritórios de contabilidade, ao facilitar o empreendedorismo e a terceirização de serviços, o que aumenta consideravelmente o número de pessoas jurídicas no país.

Já em termos de legislação que ampare o contador, no entendimento dos entrevistados, foram poucas, por exemplo, no segmento público, a melhoria foi quando da exigência de que a contabilidade fosse executada por contador concursado, como relata o entrevistado E1 *“quando eu entrei, foi uma época em que o tribunal de contas estava exigindo de todos os municípios e câmaras que o contador fosse uma pessoa concursada . . . até então a grande maioria era contratado de maneira terceirizada”*. Já no segmento privado foram reportadas algumas ações por parte dos órgãos de classe no sentido de intermediar prazos de apresentação de declarações e oferta de cursos de capacitação.

A ocorrência da pandemia da Covid-19, com o fechamento de muitas empresas, também deixou o contador apreensivo de acordo com o entrevistado E2 *“a gente não sabe como vai ficar, pandemia, é, que muitas empresas baixaram movimento, muitas empresas fecharam, então a incerteza da parte econômica, aí é o que mais afeta o contador”*. E o Governo Brasileiro a partir 04 de fevereiro de 2020, iniciou um período de produção abundante de regras, publicou diversas normas para tentar contornar os efeitos da Covid-19, o que contribuiu para a apreensão dos contadores, como podemos perceber no relato de E3 *“eu ia dormir, sabendo de uma forma, acordava de manhã, mais um decreto publicado”*.

A alteração na relação trabalhista devido a pandemia, com emissão de novos decretos que regulamentam essa relação, também levaram ao contador uma responsabilidade a mais, pois a reforma trabalhista de 2017 regulamentou o teletrabalho de forma quase inexpressiva, o que levou ao conseqüente aprimoramento das normas pela MP 927/2020 para que empregadores pudessem adaptar o trabalho à distância em razão da determinação das medidas de isolamento (Nahas & Martinez, 2020).

Portanto, são muitas as alterações legais e normativas que pressionam o contador no seu dia a dia, o qual busca agir sobre essa realidade, eles executam ações para se manter atualizados e atuantes nessa profissão, como comentam os pesquisados E2 *“todo dia eu tenho que achar um jeito de trabalhar mais rápido, achar um jeito de ter acesso a legislação um pouco mais clara para mim, por isso que eu falo que a parceria é muito importante”*, E5 *“eu estou sempre acompanhando as mudanças e eu estou em grupos de outros contadores, porque um ajuda o outro, eu gosto de fazer parceria com outros contadores”*, E11 *“eu faço parte também um grupo de contadores públicos de câmaras, então ali tem uma troca muito grande de experiências”*, E12 *“eu tenho que estar buscando leituras que ofereçam caminhos, alternativas para minimizar os impostos, que é o que mais dói para qualquer empreendedor”* e ainda E14 *“fazendo curso, fazendo treinamento, pesquisando, aí a gente tem que pagar empresas, eu tenho até uma empresa aqui de consultoria tributária”*.

Assim, o profissional da contabilidade já não faz todo o trabalho, pois ele se tornou complexo, urgente e com alto grau de responsabilização, o que o levou a buscar parcerias com outros profissionais para desempenhar a sua atividade. E como exemplos, podemos citar a contratação de assessorias de empresas, que mantêm os contadores informados das alterações na legislação, normativas e resoluções, bem como fazer parcerias com advogados e outros contadores para entender a legislação, ou ainda, a assinatura de revistas fiscais que atualizam as alterações tributárias.

4.2.3 O profissional contábil e o “estar em constante atualização”

Diante de tantas mudanças regulatórias, técnicas e legais, o contador se vê na necessidade de buscar constante atualização para desenvolver o seu trabalho e se manter atuante. E já após a graduação, os contadores perceberam que não estavam preparados para o mundo do trabalho, pois, segundo os relatos dos entrevistados, a teoria é diferente da prática.

O profissional das Ciências Contábeis, em sua trajetória acadêmica, que não estava atuando na área, não aliava a teoria à prática, teve dificuldades em desempenhar a profissão

após se formar e ir para o mundo do trabalho, como relatam os entrevistados E10 “*na teoria, é bem diferente da prática*”, E16 “*você vai aprendendo é no teu dia a dia mesmo*” e ainda de acordo com E26 “*nossa grade curricular, ela não nos prepara para o mercado de trabalho*”. Já o contador que conseguiu aliar o trabalho com os estudos pode ter outra percepção no desenvolvimento de sua carreira, como reporta o contador E21:

Eu já tinha 7 (sete) anos de escritório quando eu fui fazer a faculdade, e para mim isso foi uma questão muito interessante, porque eu conhecia muito da parte prática já, e depois eu fui conhecer a teoria. Então boa parte da lacuna que eu tinha em relação a entender o porquê eu estava fazendo, eu fui aprendendo na faculdade. Eu era um executor, sem entender o porquê se executava, e isso a faculdade me trouxe.

Muitas vezes o mundo do trabalho quer um profissional em estágio inicial, que seja executor das rotinas de lançamentos contábeis, e a formação contábil talvez vá além disso, o que gera essa aparência de incompatibilidade. E, uma maneira de amenizar essa disparidade entre a teoria e a prática poderia vir do próprio mercado de trabalho, onde as empresas dessem oportunidade para acadêmicos em início de graduação, a exemplo de escritórios de contabilidade mencionados pelo entrevistado E28:

Está também surgindo agora . . . os escritórios querendo pegar o aluno já no segundo, no terceiro semestre, que aí ele já começa a ensinar esse aluno, e ele começa a fazer uma relação daquilo que ele está vendo lá no escritório, com a teoria que ele vê dentro da sala de aula, isso tem sido muito bom. Eu acho que a nível de formação profissional desses acadêmicos, acho que isso é excelente.

A questão das mudanças que têm ocorrido, tanto tecnológicas quanto de legislação e que afetam diretamente a profissão contábil, denota a importância de alteração também da grade curricular dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, pois representam o primeiro contato com a profissão, como sugerem os pesquisados E4 e E20:

Essa básica [contabilidade], a gente precisa ter conhecimento, porque a gente vai ter que continuar fazendo as análises, programando sistemas, então a gente precisa saber . . . e eu percebo assim, que nem a faculdade, nem elas têm noção do que está vindo aí, inovação tecnológica, de inteligência artificial, enfim, eu acho que na verdade, eles não estão preparando esse profissional para essa contabilidade [do futuro] (E4).

Parece que a faculdade de contábeis, ela ensina um faz de conta, onde todos os empresários sabem como fazer, fazem tudo de uma maneira correta, sem se preocupar com as mudanças fiscais que existem no Brasil, porque a contabilidade no Brasil ela ainda é muito influenciada pelas regras fiscais . . . trazer isso mais pra parte prática, porque na faculdade é muito focado na parte contábil, mas não é focado praticamente nada na parte fiscal. A gente tem lá, talvez um ou dois semestres que tratam de tributação, escrituração fiscal, mas nada muito aprofundado e nada além disso (E20).

Há uma necessidade urgente de avançar na adequação dos cursos de Ciências Contábeis ao perfil de competências desejado pelo mundo dos negócios, pois o desenvolvimento econômico depende da oferta de profissionais contábeis melhor preparados, que estejam aptos a atuar em mercados globalizados (Carrozzo et al., 2020). Assim, o processo de

internacionalização e de globalização dos cursos de Ciências Contábeis requer sejam implementados a interdisciplinaridade e a formação por competências (Souza Dias et al., 2020).

Dessa maneira, o ensino superior poderia aliar a essência da contabilidade, no ensino teórico, com a modernidade das tecnologias, no ensino prático, pois competência e conteúdo não são termos excludentes (Souza Dias et al., 2020). Para o profissional contábil é imprescindível ter o conhecimento da base, de como ela influencia na prática, saber não apenas o que se deve fazer, mas também porque se faz daquela maneira, entender os conceitos por trás da prática, como descreve o entrevistado E28:

Se você quer ser um profissional completo, só fazer ali o que a máquina manda, o que a máquina te dá, eu acho que você fica um profissional raso. Então, para você ser um profissional completo, você vai ter que pegar a base, o suporte, e a base, ela está nas normas, ela está nos CPCs, NBCs, então não adianta, não tem como fugir disso . . . e esse profissional, ele vai ter que entender de tecnologia, não tem como ele ficar aquém da tecnologia, mas ele vai ter que entender os conceitos que tem por trás da tecnologia . . . ele tem que entender o conceito que a tecnologia está traduzindo para ele, em outras palavras . . . ele vai ter que entender a questão conceitual ainda. Então eu acho que o profissional completo é ao mesmo tempo o cara estar antenado na tecnologia e entender o resultado que a tecnologia está dando para ele, mas ao mesmo tempo, ele tem que saber avaliar aquele resultado, e para ele avaliar ele tem que ter a parte do conceitual, questão dos fundamentos.

Apesar de haver o entendimento de que a profissão contábil está mudando e que existe a tendência de ocorrerem ainda maiores mudanças devido às inovações digitais e alterações na legislação, a essência da contabilidade, essa não mudou, o que mudou foram as formas de mensuração, de avaliação patrimonial, estruturação e apresentação das demonstrações financeiras e com isso a necessidade de atualização constante por todos os contabilistas, como exemplificam E11, E21 e E23:

Então assim, eu afirmo que hoje o contador, ele não pode pensar: eu me formei e agora sou contador, fiz uma pós agora eu sei tudo, não, é uma área que muda muito, a legislação muda muito. Então a gente tem que estar em constante aperfeiçoamento, quem não fizer isso fatalmente em pouco tempo vai estar do lado, vamos dizer assim, do mercado de trabalho . . . vai acabar sofrendo sanções e penalizações que vai acabar tirando essa pessoa do mercado de trabalho (E11).

Eu acho que a gente tem visto uma transformação, porque assim, quem não entender que precisa acompanhar, ele realmente vai sair do mercado, não tem mais espaço, e, pouco tempo atrás se falava em 10 anos, hoje se fala em muito menos, porque esses processos evolutivos, da questão de equipamentos e tecnologia, eles vão acabar substituindo a mão de obra normal, então o cara que não entender que ele precisa evoluir nesse quesito, ele vai ser engolido (E21).

Contabilidade é uma área que muda muito, imposto muda demais, então você tem que estar sempre se atualizando . . . você vai ter que estudar, porque contabilidade, você tem que sempre estar aprimorando, porque se não, você fica, como se diz, obsoleto no mercado (E23).

E aquele profissional que resiste a dinamicidade das tecnologias que não busca se atualizar para acompanhar a evolução que ocorre dentro da profissão contábil, esse contador pode se ver fora do mundo do trabalho, como relatam ainda os entrevistados E20 e E24:

Muitos contadores já vêm se preparando, e muitos, infelizmente, estão ficando pelo caminho. E eu vejo até pelos colaboradores, quando a gente olha os nossos colaboradores aqui, que estão formados ou em formação, uma boa parte deles também deve ficar pelo caminho, porque uma parte deles não quer estudar (E20).

Tem muita gente que fala que daqui algum tempo não vai ser mais preciso, não vai existir mais contador e tal, eu falo assim, olha, pode não existir se não se atualizarem, se não se atualizar, com certeza todo profissional vai ficar para trás. Então aqueles que se atualizarem, estiverem correndo ali, com o avanço do mercado, de todo esse aparato que a gente tem para usar como profissional, com certeza vai estar no mercado e vai estar competitivo ainda. (E24).

Então, para o contador que quer se manter atuante, oferecer serviços de qualidade, não basta apenas a graduação, ele terá que estar em constante atualização, buscar outras fontes de conhecimento, como cursos, palestras e muita leitura, não apenas da área contábil, das legislações, mas também de conhecimentos gerais como economia e política, além de melhorar habilidades de comunicação e escrita, como aduz E17 *“contador tem que estar atualizado em tudo, não é só numa área, não é só contabilidade, só escrita, é tudo, tem que estar um pouco ligado em tudo, até para poder orientar o cliente também, da melhor maneira”*, apoiado pelo contador E1:

Eu vejo assim, se eu não estudar, se eu não me atualizar, se eu não me mantiver em movimento, se eu não me comunicar, se eu não interagir com as várias possibilidades que eu tenho, eu estaciono, e aí eu não vou conseguir produzir, e eu não vou conseguir ser uma boa profissional, e eu não vou conseguir desempenhar o meu trabalho da maneira como ele tem que ser feito.

Assim, para um bom desenvolvimento na carreira e uma boa oferta de seus serviços, o contador precisa estar em constante atualização, precisa estar atento as mudanças econômicas, políticas e ambientais e principalmente nas alterações legais e normativas que afetam diretamente a sua profissão e dos seus clientes. Assim, para que isso seja possível, o contador busca agir sobre essa realidade, estudar, investir em consultorias, manter contatos, acompanhar profissionais mais experientes. Tais percepções são relatadas pelos entrevistados E3 *“é muito importante fazer vários cursos em todas as áreas que você tá atuando . . . além de revistas fiscais que temos lá, que assinamos para ainda tirar algumas dúvidas”*, E26 *“eu acompanho contadores de renome, eu faço isso para me atualizar, acompanho sites especializados da contabilidade, eu tenho consultoria também especializada, que eu pago, e continuo estudando”*, E19 *“buscar aprimorar o conhecimento daquilo que você já tem e buscar outras maneiras de tentar realizar as coisas”* e ainda pelo entrevistado E21:

Qualquer coisa que for relacionada a minha atividade, eu estou dentro, eu quero ir lá, quero participar, eu quero ver o que está acontecendo, quero conversar com alguém que esteja fazendo diferente para ver se eu aprendo alguma coisa nova e consiga aplicar.

O ensino superior pode e deve ser melhorado, com a inclusão das Ciências de Dados, incluir a automação e inteligência artificial em disciplinas específicas, criar parcerias com empresas de sistemas, para aliar melhor a teoria com a prática, ou ainda incluir cursos de extensão como exemplifica o entrevistado E28 “*a ideia dessa extensão é exatamente o aspecto de vivência, vivência organizacional . . . trazer esse acadêmico pro dia a dia das empresas*”, complementado ainda pelo mesmo entrevistado:

Vamos pegar uma disciplina que foca muito a questão da produção que é contabilidade de custos, contabilidade de custos vai ter que estar muito antenado nessa questão da automação industrial . . . a gente falou muito de digitalização no segmento de serviços, mas na indústria, automação tá aí, cada vez mais, e a contabilidade vai ter que dar conta disso (E28).

Nesse contexto, o entendimento de que as mudanças na profissão contábil estão ocorrendo e que há tendência de ocorrerem ainda mais expressivas e consequentes mudanças, devido às inovações digitais, ocorre a necessidade também, de mudanças no ensino da contabilidade. Por exemplo, com a inclusão das inovações tecnológicas, como automação e inteligência artificial, na grade curricular, para preparar a parte prática do exercício da profissão contábil. E assim, a graduação e o próprio contador, estejam preparados para essas mudanças, sendo necessário dessa forma, a constante atualização. Carvalho et al. (2021) aduzem que há espaço para inserção de conhecimento acerca da automação nas faculdades e que muitos acadêmicos carecem de acesso a alguns *softwares* altamente disseminados na área contábil, e “a formação contábil precisará avançar no sentido de formar para a complexidade, ambiguidade e incerteza” (McGuigan, 2021, p.384).

No entanto, o contador também tem a sua parcela de responsabilidade no aprimoramento de seus conhecimentos e, caso resista a dinamicidade das tecnologias e alterações legais, poderá estar fora do mundo do trabalho. E, para se manter atuante, terá que buscar outras fontes de conhecimento, não apenas da área contábil, mas de conhecimentos gerais que podem influenciar no seu trabalho. Tal percepção também foi constatada nos estudos de Silva et al. (2017), que afirmam que terá vantagem competitiva o profissional que melhor se adaptar, pois a sociedade valoriza o uso de novas tecnologias e exige que o profissional tenha maior grau de conhecimento.

4.2.4 E agora, quem somos nós?

Em decorrências de tantas mudanças, o profissional contábil foi também mudando a sua identidade no decorrer dos anos, mudando o seu perfil, tanto na aparência quanto nos serviços ofertados. Há não muito tempo atrás, o contador era mais conhecido pelo semblante mais fechado, compenetrado, preocupado com os seus afazeres, normalmente retratado em uma figura mais velha, o que poderia representar maior responsabilidade e respeito, como declaram os profissionais E16 *“eu conheci bastante contador, eles tinham um perfil assim, muito carrancudo, fechado”*, e ainda E27 *“não sei porque isso, mas a minha visão, antes de me tornar um contador, é que contador sempre iriam ser mais senhorzinhos, assim, muito sérios”*.

Assim, constatou-se que a aparência não determina o profissionalismo, o que vai diferenciar os profissionais uns dos outros será a maneira como ele próprio se vê e como vê a profissão, como ele vai reagir diante das mudanças e se preparar para se manter competitivo, como sugerem E11 e E26:

Vai ficando na área, dizer assim, evoluindo, crescendo dentro da área, quem realmente está ali pra querer trabalhar, pra querer fazer a coisa certa, enquanto, aquela pessoa que quer levar meio no *'ah sempre foi feito assim'* (grifo nosso) e tal, esses vão acabar aos poucos sendo obrigados ou mudar de mentalidade ou deixar a área (E11).

Hoje, um contador ruim, um contador que não se atualiza, ele vai ficar para trás entendeu, um contador que não consegue se adaptar com o dinamismo dessa profissão, com a dinâmica dessa profissão, se não for flexível, ele vai ficar para trás. . . precisa sim, se aperfeiçoar, manter o foco, ser flexível, se manter atualizado (E26).

O profissional contábil passou de um perfil mais reservado, fechado, para um perfil mais aberto, atualizado, mais expansivo. O pesquisado E16 ilustra essa mudança: *“isso mudou também, porque eles passaram a ser mais liberal, não sei se a internet deixou eles mais maleáveis também, mais comunicativos e tal, então melhorou bastante também nesse sentido”*.

Tais mudanças em seu perfil, não modificaram a forma como os contadores se relacionam com as responsabilidades inerentes a profissão e às normas, em se tratando de fazer a coisa certa no prazo devido, evitando assim penalizações, como aduzem E26 e E28:

Contador é metódico, porque tem que ter controle daquilo que está fazendo, a gente tem que manter prazos, enfim, tem que ter processos bem definidos do que está fazendo, e se a gente não consegue ter esses processos bem definidos, vai ter multas, penalidades e essas coisas (E26).

Então eu acho que esse profissional, esse perfil, ele vai ter que ter esse aparato da tecnologia, inovação e tudo mais da digitalização, mas ele tem que ser um profissional antenado nas mudanças, nessa questão da base que ainda está no CPC, ainda está nas normas (E28).

A atuação do contador dentro da contabilidade privada, prestada para empresas como contratado interno, bem como da contabilidade pública como concursado, acaba por extrapolar os limites de atuação do contador, qual seja, ser responsável pela contabilidade, ao se envolver nas questões de compras, vendas, contratações de pessoal, finanças e orçamento. Assim, o contabilista acabou por se perder um pouco dentro da sua profissão, ao perder o limite do que é de sua responsabilidade, tanto na área pública, como expõe o pesquisado E1 *“então, o que eu vejo na área pública é isso, a gente acaba assumindo papéis que não são nossos, acaba assumindo responsabilidades que não são nossas”*, quanto na área privada, de acordo com E3 *“é um pouco diferente você trabalhar num grupo de empresas, você acaba se envolvendo com a parte administrativa também”*, e ainda conforme E7 *“o contador tem que estar, trabalhar à frente de muita coisa”*.

Mesmo que a atuação do contador seja em alguma especialidade (Contabilidade Financeira, Contabilidade Gerencial, Contabilidade Pública, Acadêmica, Contabilidade Tributária, Perícia, Auditoria ou Sistemas de Informações Contábeis), ela também demanda uma necessidade de o profissional atuar de maneira transversal por diversas áreas de conhecimento da atuação contábil. E tal atuação representa um grande desafio para esses profissionais, que acabam por ter que entender de tudo um pouco, em várias áreas, o que demanda em um grande empenho dos que já estão na profissão e para os que pretendem nela ingressar, o que pode representar, no futuro, em uma redução no número de profissionais da área, como relata o pesquisado E26:

O desafio maior hoje para os contadores é abraçar tudo... quando eu faço treinamento, é isso, às vezes ele sabe muito do fiscal, sabe mais do que eu, mas se estou falando alguma coisa lá da folha, por exemplo, é como se estivesse falando de outra coisa, não fosse mais da contabilidade, como se tivesse falando de outra profissão... o desafio maior é esse, se não desburocratizar, se a gente não se modernizar mais um pouco, a gente vai ter um déficit de contador mais lá na frente... porque se ele se apega só em uma coisa, ele não consegue ter essa visão e não consegue fazer um planejamento, por exemplo, tributário... quem sabe por isso tem muita gente desistindo da profissão.

Ainda, com o advento das mudanças tecnológicas e legais, o perfil do contador foi impactado, passou das funções mais operacionais e técnicas, para um papel mais significativo junto a gestão, na tomada de decisões (Moretti et al., 2020), passa a necessitar oferecer "algo mais", buscar uma diferenciação. E como a tecnologia reduziu o trabalho manual, o contador passou a oferecer gestão contábil, levar para o cliente o seu conhecimento, como relatam E17 *“eu acho que a cobrança do cliente mudou, o cliente quer que a gente ajude ele em mais partes do seu negócio”*, e também os entrevistados E4 e E9:

Ele [empresário] precisa que eu analise, que eu proponha processos de trabalho eficientes, diminuindo o risco, realizando uma consultoria em que ele consiga realmente

ver um mercado em que ele atua, saber as projeções, não só dele, mas do mercado em que ele atua (E4).

Então é isso que eu vejo, a maior mudança assim da contabilidade em si, é parar de olhar só para o passado e refletir em que passou, mas também olhar para frente, ajudar as empresas nesse cenário de futuro, chegar nessas decisões aí presente, mas que impacta o futuro também (E9).

Os contadores pesquisados percebem a mudança no seu papel junto a gestão, com uma participação mais ativa na tomada de decisões, a exemplo dos estudos de Alves et al. (2022, p. 76), que identificaram “a participação ativa dos profissionais nos ganhos das organizações, interagindo com as áreas operacionais e de negócios, e atuando como interlocutores para identificar oportunidades e riscos nas decisões”.

Assim, deixa o contador de ser apenas um executor e passa a figura de assessor, alguém capaz de não apenas lançar os dados passados, mas trabalhar projetivamente no futuro das organizações as quais está ligado. O contador procura agir sobre essa realidade, por meio do estudo, investimento em consultorias e parcerias com outros profissionais, melhorando assim seus conhecimentos e habilidades.

Inclusive para os entes públicos, a figura do contador tem tido mais importância ao auxiliar os gestores na administração do bem público, como demonstra o profissional da contabilidade pública E4 “*porque antes o contador, na verdade, só fazia prestação de contas, a finalidade do contador público era prestar contas, hoje não, hoje você apresenta resultados*”, e ainda o contador público E11:

E partiu mais para o foco da questão do contador ser também uma peça dentro da gestão, para fornecer os subsídios para o gestor saber quanto gastou, e se esse valor que ele, não vamos dizer gastou, um órgão público não gasta, mas sim investe, esses recursos investidos eles deram o devido retorno ou simplesmente foi um dinheiro jogado fora.

Nesse sentido, a utilização da Inteligência Artificial contribuiu para que o profissional contábil dedicasse mais tempo a questões mais estratégicas da organização, repassando informações mais alinhadas aos objetivos da gestão (Migliorini & Rocha, 2019).

Com isso, o contador precisa ser mais dinâmico, saber um pouco de tecnologia da informação (TI), direito, economia, sociologia, psicologia, enfim, precisam passar confiança ao cliente, demonstrar que dominam o assunto, que tem conhecimento, como relatam os pesquisados E4 “*ele tem que ser uma pessoa com uma visão sistêmica, ele precisa entender de tudo um pouco*”, validado por E9 “*o profissional com visão diferenciada, profissional com visão aberta, uma visão de futuro. . . com conhecimento amplo, vasto, não especialista em um ponto, mas aquele que conhece um pouco de muita coisa*”.

Para Carrozzo et al. (2020, p. 93), “no que se refere à nova lógica do mundo do trabalho, a flexibilização e a integração dos processos produtivos valorizam a subjetividade e o saber tácito do trabalhador, destacando-se sua intelectualização, afetividade e competências relacionais”. Para os autores, esse perfil ajustado aos padrões internacionais, demanda que, já na graduação, além do desenvolvimento intelectual, sejam desenvolvidas aptidões sociais aos estudantes, especialmente dos cursos de Contabilidade, bem como habilidades de comunicação, planejamento, pensamento estratégico, crítico e analítico, e ainda, habilidades de cálculo e lógica.

Assim, o contador necessita ter um perfil que precisa estar atualizado e ter capacidades básicas de lógica e tecnologias para extrair informações e efetuar análises com maior eficiência e rapidez (Carvalho et al., 2021). O contador precisa transformar dados em informação, como identificado por E6 “*eu acho que o perfil hoje, está inerente a essa tecnologia, hoje não dá para pensar fora disso, um cara que hoje fala, pensa, fora disso, já está fora do mercado*”, e também pelos entrevistados E1 e E4:

O sistema gera tudo, mas às vezes, o sistema gera errado, se você não entender a metodologia daquele relatório, como que chega naquele valor, dentro do relatório, você não consegue identificar a hora que o sistema gerou errado, e às vezes gera, às vezes dá uma inconsistência e gera errado (E1).

Quando você fala em informação, o que a gente percebe, a gente percebe que a gente tem uma série de dados, mas não, esses dados não são informações, e aí entra a questão da ciência de dados, que você precisa ter o conhecimento do dado estatístico, para você utilizar, enfim, para você confrontar diversos dados, que você obtém informações (E4).

O profissional contábil, além de gostar de estudar para se manter atualizado e adquirir conhecimento de várias áreas afetas a profissão, precisou desenvolver outras habilidades, como melhor se comunicar, conforme descrevem E2 “*uma das mudanças é o saber falar, é o saber transportar, compartilhar o nosso conhecimento com o nosso cliente*” e E6 “*saber se expressar, saber comunicar as coisas pro cliente*”. Bem como ser mais dinâmico e proativo, de acordo com E19 “*então eu acho que nesse sentido de você ser mais ágil, de ter um pensamento mais proativo, de tentar fazer as coisas de maneira mais dinâmica, é o que influenciou mais meu dia a dia no trabalho*”. E ainda, ser mais flexível e resiliente, para lidar com as frustrações do dia a dia, como aduzem E20 e E26:

Hoje a gente até diz, quando vai fazer uma entrevista, que a gente busca alguém que goste de resolver problemas, que tenha pró atividade, que goste de estudar e que gosta de desafio. Praticamente a pessoa tem que ter esses 4 pilares aí pra começar a pensar em trabalhar em contabilidade, porque se ela não gostar de nenhum desses, dificilmente vai se dar bem na contabilidade, vai ser um profissional mediano que não vai estudar (E20).

Então, acho que para essa profissão, tem que sim, ser flexível, tem que ser o mais dinâmico possível, tem que ser resiliente, tem que estar preparado, que nem sempre vai

ser do jeito que a gente quer, tem algumas obrigações que a gente não pode deixar de lado, tem coisas que a gente precisa priorizar e tem outros que a gente precisa parar, sentar, e vai dar errado uma vez, duas vezes, três vezes, mas uma hora vai dar certo, e essa é a contabilidade (E26).

Nesse contexto, os contabilistas passam a oferecer, além da gestão contábil, assessorias que apontem as soluções e contribuam na resolução dos problemas encontrados nas organizações, como relatam E27 *“eu acredito que sempre vão precisar de ter uma análise e uma assessoria contábil”* e o entrevistado E20:

Precisou nesses últimos dez anos uma readaptação de quem trabalha com contabilidade, hoje a gente não precisa ser somente contador, a gente precisa ter um viés muito mais voltado a assessoria, interpretação, entender o negócio do cliente, para conseguir se manter atualizado e diferenciado no mercado.

Bem como consultorias, tidas como diferencial na orientação aos clientes e, uma forma de se manterem atuantes no mundo do trabalho contábil, como aduz o profissional E19 *“o meu entendimento é que esse contador que se especializa em consultoria e em educar o empresário, vamos dizer assim, tem um grande mercado pela frente”*, ratificado pelos contadores E7, E12, E22 e E25:

Ele tem que passar a ser mais um consultor do que um contador em si, ele passa a ser um consultor financeiro, um consultor de gestão, um consultor fiscal, trabalhista, pessoal, o contador ele tem que se reinventar, procurar sempre trazer um diferencial, novidades para o cliente (E7).

Então hoje você tem sistemas que são voltados aos pequenos negócios e que ele já faz a contabilidade. E aí aonde muitos deixaram de ter o perfil escriturário, o perfil de calcular imposto e teve que partir para um perfil realmente de assessor, de consultor, entender melhor as questões tributárias para poder auxiliar o cliente, porque hoje qualquer escritório, uma boa maioria do sistema vai fazer o bê-á-bá no escriturar fatos contábeis e gerar demonstrativos, mas o contador, ele ainda essencial pela questão tributária, eu acho, ainda, sabe, é muito complexa legislação tributária nossa (E12).

O perfil vem mudando neste quesito, do contador ele ser mais consultor, então eu acredito que essa profissão nunca vai deixar de existir, ela sempre vai ser aperfeiçoada no sentido de consultoria, de análise, de revisão, essa consultoria sempre vai gerar uma recuperação de crédito, uma melhor alocação, pagamento de um produto mudando a tributação, está sempre na área consultiva mesmo é, ela vem migrando para essa área de consultivo (E22).

O contador que não tiver perfil de consultor, de pensar na empresa como se fosse dele, pra ganhar dinheiro, vai sair do mercado, porque as ferramentas eletrônicas, automáticas, vão tomar grande parte do processo, aquilo que eu te falei, que é processamento de dados, que é rotina, as máquinas vão fazer, agora a consultoria que é pegar um cliente que está perdido, sem saber o que faz, conduzir para o caminho certo na hora de vender, formar preço, comprar, decidir se manda embora, se não manda funcionários, e de todo esse construir de mercado, é o que vai trazer para nós solidez. Então, quem não tiver esse perfil pode começar a pensar em mudar, ou até mesmo de mudar de profissão, porque não vai sobreviver, as pessoas não vão pagar um contador para gerar uma guia de um DARF [Documento de Arrecadação de Receitas Federais] pra ele, ele quer mais, ele vai querer muito mais (E25).

O profissional contábil percebeu que o cliente está mais preocupado em agir corretamente, e que busca a informação com o contador, assim declarado pelo contador E17 “*eles vêm antes, perguntam qual a opinião, o que a gente acha que é melhor fazer*”, e do contador E3 “*eu vejo assim que, quando a pessoa quer fazer a coisa certa, que não quer ter problemas futuros, ela primeiro quem vai consultar? Ela vai consultar um contador*”.

Assim, mudou a percepção de que o contador servia apenas para fazer as guias de impostos e trouxe a percepção de que ele pode auxiliar na formação de preços, identificar os custos, analisar as melhores formas de tributação, se há diferencial de alíquota, que pode contribuir para a redução de despesas e conseqüentemente aumentar o lucro para o cliente.

Pelo exposto, o contador passa de um perfil fechado, mais sisudo, introspectivo, que trabalhava de maneira técnica, operacional e mais isolada, para um perfil mais expansivo, comunicativo e flexível, que mantém um relacionamento mais próximo com o cliente em termos de gestão e atua de maneira a assessorar seu cliente nas decisões da organização. Esse profissional percorre um processo de constante aprendizagem para acompanhar a dinâmica do mercado de trabalho e conseqüentemente da profissão contábil e suas mudanças, tanto tecnológicas, legais e de normativas, quanto de serviços a serem ofertados como gestão contábil, assessorias e consultorias, sem perder de vista a base teórica e legal das Ciências Contábeis. Tal percepção foi observada nos estudos de Santos (2020, p. 130) que afirma que “antes dos avanços tecnológicos, suas funções ficavam mais atreladas a processos operacionais, já nos tempos atuais, estas tarefas foram substituídas quase totalmente pelos recursos tecnológicos, com isto o profissional de hoje passa a atuar mais como um analista”.

Além disso, os contadores demonstraram serem solidários entre si, por meio de grupos em redes sociais e de WhatsApp, são feitas trocas de experiências, esclarecidas dúvidas, o que está de acordo com os estudos de Vaara e Whittle (2022, p. 776) “vemos oportunidades especiais no estudo de formas de *sensemaking* discursivo nos modos de comunicação tecnologicamente mediados de hoje e na sociedade midiaticizada, que trouxe novos canais, plataformas e práticas para o *sensemaking* coletivo”.

4.2.5 E o futuro, o que nos reserva?

E para o futuro, uma coisa é certa, a contabilidade não vai acabar. Os contadores já perceberam que foi um medo difundido em um passado não muito distante que já se mostrou não ser verdadeiro, como declara o entrevistado E1 “*tem uns loucos aí que falam ‘ah, contador, vai acabar’, vai acabar coisa nenhuma, nada funciona sem contabilidade, como dizem, somos*

os médicos das empresas”, apoiado pelo pesquisado E2 “o contador não vai acabar, a forma de nós trabalharmos sim, isso sim, isso já mudou, e quem não acompanhou, está fadado daí a acabar com a profissão mesmo”, e ainda pela percepção dos profissionais E19 e E28:

No meu entendimento é assim, enquanto existir o Governo, e o Governo precisa arrecadar, ele vai precisar de um contador para fazer isso. Por mais que seja tudo informatizado, que eles tenham todas as respostas lá, que eles já tenham todas as informações ali na mão deles, eles nunca vão falar assim ‘não, deixa que eu calculo para você’, eles não vão querer fazer essa parte nunca, então sempre vai ter que ter alguém para fazer isso (E19).

Nós somos um país de terceiro mundo, onde 90% das empresas são de pequeno porte, pequeno e médio porte, empresas que muitas vezes têm dificuldade de pagar um serviço contábil de uma qualidade maior, porque eu estou falando isso? porque eu poderia simplesmente te dizer o seguinte, não o profissional tradicional ele está fadado ao fracasso, ele tem poucos anos, mas num país onde a gente tem pequenas empresas, empresas que ainda tem uma certa carência de recursos financeiros para pagar um bom profissional, eu ainda acho que a contabilidade para atender o Fisco, ela ainda tem aí um longo caminho, ela vai permanecer ainda por um bom tempo (E28).

Superado esse medo de que a profissão poderia acabar e inclusive ao perceberem que a profissão é importante para as empresas tanto quanto um médico o é para os pacientes, os contadores criam expectativas para o futuro, relacionado ao desempenho da profissão contábil, diante das prováveis mudanças legislativas, tecnológicas e de perfil, que devem permanecer constantes e de forma muito mais rápida, com menos papel nas mãos, mais digital, como prevê o profissional E6 *“eu acho que nos próximos 30 [anos] será mais rápido ainda a mudança, como está sendo, tá ficando tudo muito mais digital”*. Apoiado pelo entrevistado E7 *“eu acho que é uma revolução, que não para por aí, vai continuar, daqui para frente as mudanças vão ser cada vez, é, em um espaço de tempo menor”*, e complementado pelo pesquisado E17 *“acho que o futuro é isso aí, ficar olhando para a tela, só isto, não ter nada em mãos, nada palpável ali, tudo no computador”*.

No entanto, as incertezas, quando o assunto é relacionado as inovações tecnológicas, automação e inteligência artificial, devem continuar, pois essas ocorrem de forma muito rápida, em um espaço de tempo muito curto para que os profissionais possam se adaptar, como declara E7:

As incertezas são quanto ao futuro da contabilidade, esse avanço tecnológico todo aí, o futuro com *open bank*, o futuro da contabilidade, essa parte financeira voltado a banco, o banco fazer toda a parte financeira da empresa, sistema que utiliza a inteligência artificial.

O uso da automação com mais IA deverá ser cada vez mais implementada aos serviços contábeis, como aduz o contador E3 *“vai ter sempre mais automação, cada vez mais integrações, sempre menos processos manuais na contabilidade, cada vez mais automatizado, integrado sistemas e tudo”*. Ideia compartilhada pelo contador professor E28 *“eu acho que a digitalização não vai parar, os processos vão ser cada vez mais automáticos, as empresas vão*

ter cada vez mais automação”. A automação refletirá diretamente na rotina dos profissionais, com eliminação total dos serviços manuais, de acordo com o contador E23:

Eu acho que hoje em dia eu já vejo que é bastante automático alguns lançamentos e tal, eu acho que no futuro, eu acho que eles vão fazer mais automático possível, então eu acho que vai ser uma coisa assim bem com serviço assim de conferir só, acho que vai eliminar praticamente 100% da parte manual.

E entender as inovações tecnológicas que estão surgindo, continuará sendo um desafio para os profissionais contábeis, como declaram os contadores E9 e E24:

O desafio da profissão contábil vai ser esse, saber entender a tecnologia que já está no mercado, essas API's [*Application Programming Interface*] da vida aqui, fazendo essas interligações de empresa com o governo, com tudo, interligando tudo . . . quebrando a cabeça ali para aprender, para entender essas API's, para entender esse mundo tecnológico, digitalizado (E9).

Eu acredito que vá ser mais tecnológica ainda que já é, só que eu ainda acho que vai ter que ter . . . humano ali ainda para coordenar, por trás de tudo isso, por trás de todos esses programas automatizados, eu acho que vai ter que ter um humano ali ainda, para tentar transcrever algumas informações ainda para o empresário, para o acionista ou sócio da empresa ainda, e eu acho que o contador do futuro, ele tem que estar bem atento a todas as mudanças (E24).

O profissional contábil tem receio de que no futuro a informatização esteja tão evoluída a ponto de que o contador não tenha mais o serviço operacional, que sejam criadas ferramentas que leiam os documentos digitais, já façam a contabilidade e emitam todas as declarações financeiras de forma totalmente automatizada. E dessa forma os serviços prestados pelos profissionais contábeis estarão voltados para consultoria e assessoria, ou seja, atividades de auxílio ao cliente, uma vez que existe a crença de que as próprias empresas, devido a automação, poderão executar a parte operacional da contabilidade, como declara o profissional E20:

O contador, como é conhecido hoje, vai se acabar nos próximos anos, não sabe nem quanto tempo vai levar para acontecer, mas a gente imagina que deve sim acontecer uma mudança significativa nesse cenário, de que cada vez mais as empresas possam ter autonomia para fazer a própria contabilidade das suas empresas. E vão precisar dos contadores muito mais como assessores e consultores do que propriamente como operacionais da sua empresa . . . a gente vai ficar muito mais na parte de análise, na parte de reunião, de custo, venda e indicadores.

Esse cenário de prestação de serviços muito mais de assessor e de consultor é manifestado também pelos contadores E3 e E21:

Daqui uns tempos, esta parte de notas fiscais, de coisas, só vai mudar realmente quando tiver uma mudança numa legislação, mas isso você atualiza, parametriza, e aí sempre vai sair da mesma forma, então o contador, ele vai ter que mudar um pouco a sistemática de trabalho dele, ele vai ter que fazer mais assessorias, ele vai ter que seguir outras áreas (E3).

Muito mais consultiva do que de execução, coisa vai acontecer muito automaticamente, os sistemas estão cada vez conversando mais, as integrações com bancos, com sistema de gestão da empresa, com sistema dos escritórios, a própria conversa desses sistemas

com os sistemas no setor público, tudo está sendo desenhado para um formato padrão . . . então a tendência é que lá na frente você vai só ainda demonstrar esse trabalho pro cliente . . . eu acho que o futuro é esse, não tem volta (E21).

As mudanças na legislação estarão voltadas ao controle da sonegação de impostos, o que conota a continuidade da atuação do Fisco e, conseqüentemente, o trabalho do contador, como declara o pesquisado E18 *“profissão contábil no futuro, acho que vai ter muita exigência, principalmente o SPED está cada vez mais firme, então tem que ficar atento, muita atuação e muito controle do governo”*.

Ainda, poderá haver alguma alteração na questão fiscal, na qual os próprios contribuintes possam fazer o trabalho operacional, de forma automatizada, do cálculo dos impostos e emissão de guias, como prevê o contador E4 *“essa parte fiscal, ela vai acabar sendo substituída por programa, que vai chegar uma hora que não vai mais precisar ter contador para fazer o fiscal”*, reforçado pelo profissional E16 *“imposto de renda é uma coisa que acho que daqui uns cinco ou seis anos vai chegar pronto na sua casa, só você assinar”*, apoiado pelo entrevistado E17:

Porque as pequenas [empresas], as que tu só precisas calcular imposto mesmo, essas não vão mais existir, porque essas vão fazer tudo mesmo, a tendência é essa, é o próprio sistema já calcular, o pessoal vai informar lá o faturamento, a pessoa vai emitir a guia, não precisa mais de escritório para isso.

Dessa forma, a profissão contábil futuramente, poderá se desvencilhar do estereótipo de funcionário do Fisco, pois os processos poderão ser mais simplificados, como reflete o contador E14:

Eu acredito, vai ser cada vez mais eletrônica a contabilidade, eu acho que vai facilitar cada vez mais, acredito que uma hora o governo vai ser obrigado a simplificar alguns métodos, algumas declarações, então eu vejo que uma hora vai melhorar, vai ser obrigado a diminuir um pouco a burocracia.

No entanto, desvencilhar-se do estereótipo de funcionário do Fisco, demanda ainda da contribuição do conselho de classe para auxiliar nessa causa, bem como aumentar a valorização da profissão. Nesse sentido concordam os contadores E6 *“uma união para uma defesa da classe futura, justamente para desenquadrar a gente desse perfil de funcionário do governo”*, e E14 *“eu vejo que o CRC precisava atuar mais, conselho de contabilidade federal também, atuar mais em Brasília, para poder valorizar a nossa profissão, porque se não desanima viu, desanima”* (E14).

E ainda, o próprio profissional terá que buscar alternativas para se manter atuante no desempenho da profissão diante da evolução tecnológica, mantendo-se atualizado para as mudanças que estão ocorrendo e preparado para as mudanças que ainda virão, pois de acordo com o profissional E14 o contador deverá *“estar trabalhando lado a lado com a parte de TI,*

que é a parte que está mais desenvolvendo hoje”, reforçado pelas percepções dos entrevistados E7 e E19 de que os contadores terão que se especializar na área de tecnologia da informação:

Várias funções vão ser extintas, vão surgir novas funções, e essas novas funções vão todas estar ligadas a desenvolvimento e manutenção de ferramentas tecnológicas, de informação, e o contador vai ter que buscar aperfeiçoamento cada vez mais na área da tecnologia (E7).

Existem os programadores do sistema que conseguem adaptar tudo de acordo com aquilo que é exigido, mas o contador vai ter que ter uma pitadinha de TI para poder lidar com essas informações (E19).

Além de estarem preparados para atuar com as inovações tecnológicas, os profissionais contábeis podem se especializar em nichos de mercado, como, por exemplo, atender apenas produtores rurais, prestadores de serviços, consultórios médicos ou odontológicos, ou então empresas transportadoras ou construtoras, só empresas do lucro real ou só do simples nacional, e com isso focar apenas nas legislações relativas a esses ramos de atividades, como inferem os entrevistados E12, E26 e E28:

Você poder ser especializado, você atender nichos, é difícil, a maioria não consegue, porque você precisa ter dinheiro para pagar funcionários, cursos e tal . . . porque o seu foco num ramo só, um tipo de legislação só, então você termina que tem uma facilidade maior (E12).

Ele tem que ter um nicho para ele se especializar, porque, querendo ou não, de nicho para nicho existe diferenças gritantes, entendeu? E se não conseguir focar no nicho que ele consegue atender melhor, consegue se desenvolver melhor, aí já complica mais ainda . . . cada um se especializar numa área para atuar, e tem mercado para todo mundo (E26).

Uma contabilidade personalizada . . . acho que esses nichos é a evolução . . . então assim, são nichos separados, e claro, eu te dei um exemplo só, de médico, dentista, mas aí você tem vários, pode atender só construtora, só imobiliária, então são nichos de mercado que eu acho que vai ter cada vez mais (E28)

Os desafios nesse futuro da contabilidade, devem permanecer, pois além da concorrência, ainda há a questão da escassez da mão de obra para a execução dos serviços contábeis e a baixa qualificação, tanto para quem executará a contabilidade quanto para os próprios empresários. Qualificar esses últimos para que possam valorizar a profissão e usufruir melhor dos serviços que os contabilistas possam ofertar. Nesse contexto declara o profissional E20 *“acho que passa por uma parte de qualificação dos empresários para saber a importância da contabilidade, importância de manter um financeiro em ordem, a importância dessas informações no tempo certo”*, bem como afirma o entrevistado E28:

Também é uma mudança que demanda gerações, porque se você tem aí um proprietário de empresa, que é uma pessoa às vezes, que não tem um nível de conhecimento tão apurado, ele não vai entender, ele não vai compreender a relevância de ferramentas sofisticadas de contabilidade, ou seja, um nível mais sofisticado, algo mais elevado, que a contabilidade pode oferecer.

Quando o assunto é contratação de mão de obra qualificada o contador E20 reclama *“hoje nossa maior dificuldade é contratação, hoje a gente não consegue pessoas qualificadas, as pessoas que estão minimamente qualificadas, elas têm muita deficiência em outras áreas”*, apoiado por E21 *“um dos [desafios] que a gente está enfrentando hoje é a dificuldade de escassez de mão de obra”*, validado por E22 *“é um impacto muito grande no quesito de mão de obra qualificada, a gente não consegue qualificar mão de obra num nível de realmente trabalho, com menos de dois a três anos”*.

E essa falta de mão de obra, segundo E20, pode estar relacionada as constantes mudanças na legislação e tecnologias, o que deixa os profissionais estressados e com pouco tempo para cuidarem de si:

A conciliação do uso dessas tecnologias com as mudanças da legislação, hoje a gente vê que contabilidade está muito difícil de conseguir mão de obra, e eu tenho alguns colegas, até na parte de sistemas para contabilidade, também está difícil de conseguir mão de obra, porque as mudanças da legislação são tantas, e são da noite para o dia, que o pessoal acaba correndo dessas áreas, para tentar buscar mais qualidade de vida, não ter tanto estresse.

Adicional a todas essas demandas, em junho de 2022, o Conselho Federal de Contabilidade (CFC), instituiu o Comitê Brasileiro de Pronunciamentos de Sustentabilidade (CBPS), que tem como objetivo o estudo, o preparo e a emissão de documentos técnicos sobre divulgação das práticas de sustentabilidade, o que indica que serão desenvolvidos pronunciamentos técnicos para serem adotados pelos reguladores no Brasil, o que reforça a previsão dos entrevistados de que mudanças devem continuar ocorrendo nas esferas legais e de regulamentação (CFC, 2022a).

Assim o profissional contábil quer, para o futuro, poder desenvolver o seu trabalho com maior agilidade para conseguir cumprir prazos e ter mais tempo, entender a legislação para evitar que multas recaiam sobre o cliente ou sobre o próprio profissional, que acaba sendo solidário perante o Fisco. Querem poder acompanhar as mudanças dos sistemas de informação e têm ainda a esperança de que a profissão seja mais valorizada. São algumas das expectativas que representam os desafios que o profissional enfrentará no futuro. E para superar tais desafios, somente amando, e muito, a profissão escolhida, como relata E13 *“hoje a valorização não está lá satisfatória, o profissional hoje que almeja, que busca essa área contábil, e gosta realmente, sabe o que realmente quer, ele tem que se aprimorar, buscar se atualizar e principalmente gostar do que faz”*.

Já quando o assunto é desafios, os entrevistados acreditam que vão enfrentar muitos desafios para desempenhar a sua atividade no futuro, a partir das atuais mudanças, e estão

relacionados à continuidade de mudanças nas tecnologias, legislação, falta de tempo, bem como demonstrar a sua importância para a economia. E quanto aos riscos à profissão, os profissionais relatam não enxergarem muitos riscos se o contador trabalhar de acordo com a legislação, e acreditam ser a contabilidade imprescindível para as organizações.

E quanto a realização da atividade profissional no futuro, os contadores têm a percepção de que a profissão não vai acabar, afirmam que estão na profissão porque gostam, mesmo enfrentando os desafios das constantes mudanças, o que evidencia que o *sensemaking*, por meio da manipulação, envolve agir de maneira a criar um ambiente que seja estável, que as pessoas possam compreender e gerenciar (Weick, 1995).

Em resumo, para o futuro da contabilidade, a percepção dos contadores é que esta não vai acabar, como foi propagado quando os computadores chegaram, que os contadores seriam substituídos pelas máquinas. E, as mudanças legislativas, tecnológicas e de perfil devem permanecer constantes e de forma muito mais rápida, mantendo as incertezas dos profissionais, pois o uso da automação, com mais inteligência artificial, deverá ser cada vez mais implementada aos serviços contábeis. Tal implementação, representa ser um desafio a ser entendido e superado, pois poderá ocorrer a possibilidade de os serviços contábeis serem totalmente automatizados e feitos por pessoas fora da área contábil.

Ainda, o contador poderá seguir o caminho da assessoria e consultoria, mas de forma mais integrada com a tecnologia de informação, podendo se especializar em nichos de mercado ou se aprimorar em determinados regimes tributários, pois haverá cada vez mais necessidade de mão de obra qualificada na contabilidade. “O ritmo de mudanças na profissão contábil está aumentando e, portanto, os contadores necessitam ser capazes de responder a isso e reconhecer a importância de sustentar o crescimento pessoal” (Wanderley, 2021, p. 11).

4.3 Os sentidos do "Eu Contador" a partir da análise das narrativas

Por meio da lente teórica do *sensemaking*, neste estudo busca-se compreender a profissão contábil a partir do entendimento dos profissionais pesquisados, interpretar os sentidos que passaram a ser dados à profissão, como foram significados pelo profissional e como eles tem agido sobre a realidade diante das mudanças percebidas na profissão.

Por meio da retrospectiva do que já ocorreu (Weick, 1995), e também pela prospecção, pois “o *sensemaking* envolve a conexão seletiva de eventos passados e futuros projetados” (Hernes & Obstfeld, 2022, p. 9), os contadores tentam explicar o que mudou, demonstrar como, em momentos complexos e ambíguos, têm pensado a sua profissão diante das mudanças. Assim,

os entrevistados procuram explicar como as mudanças se manifestam em suas realidades de trabalho, em seu perfil e na forma que trabalharão no futuro. A profissão contábil, como outros processos sociais, também passa pela construção de sentidos e significados para sua constituição, mesmo que essa se dê de maneira frágil e instável.

Diante das mudanças que ocorreram de forma mais intensa a partir da internacionalização da contabilidade, os contadores tiveram que se atualizar, entender essas mudanças em suas rotinas, o que ilustra o processo de estranhamento e construção de sentido ao qual o contador está submetido. E para ilustrar essa criação de sentido na profissão, a Figura 2, apresenta um esquema interpretativo, a partir das narrativas apresentadas, com o intuito de teorizar sobre o *sensemaking* na profissão contábil.

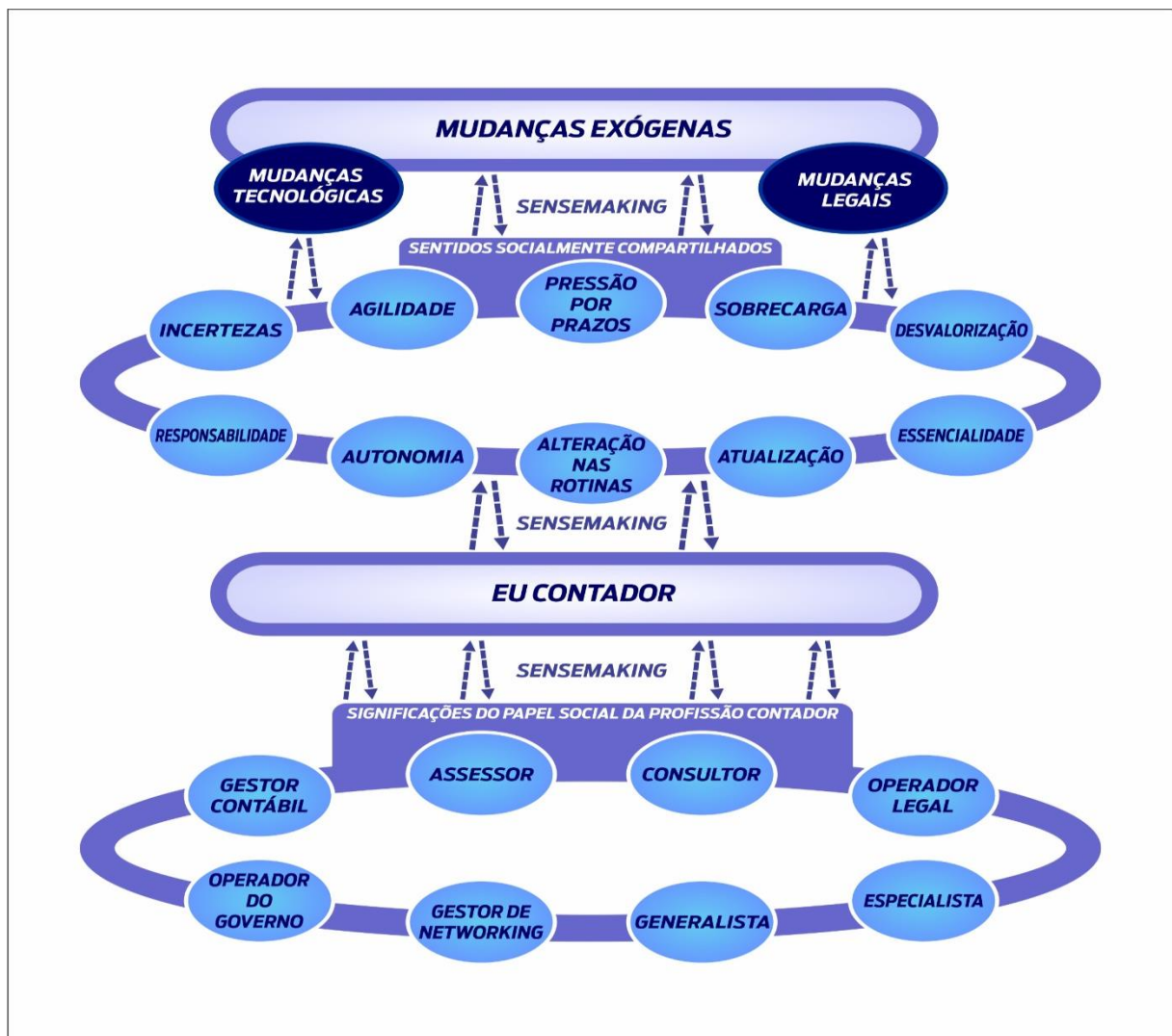


Figura 2. Representação da construção de sentido da profissão contábil pelo contador.

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

As mudanças percebidas pelos contadores entrevistados, estão relacionadas a percepção de influências exógenas a profissão, como tecnologia e legislação, que provocam alterações nas

rotinas contábeis, pressão por prazos, sobrecarga, maior responsabilização, desvalorização, e ao mesmo tempo mais agilidade no desempenho das rotinas, autonomia para exercer a profissão, e a certeza de ser uma profissão essencial em uma economia em movimento. E as incertezas que advêm desse processo, causam a exigência de constante atualização para o desempenho da profissão. Nesta profusão de efeitos, a identidade do contador (Eu Contador) é permanentemente (re)constituída. E esse profissional passa a se perceber nos diferentes "eus" requeridos, como o gestor contábil, o assessor, o consultor, o operador legal, o funcionário do Governo, o gestor de rede de contatos, o especialista, ou ainda o generalista, que precisa saber de tudo um pouco.

Em um ambiente contábil, dinâmico e em transformação, os contadores criam sentido das diferentes mudanças a que estão expostos e agem conforme o entendimento dessas situações. Em outras palavras, estes atores, interpretam, criam sentido e agem em conformidade com o que acreditam ser esperado deles, e ao agir e interagir com os demais indivíduos envolvidos, dão significado à um papel social socialmente construído e coletivamente compartilhado e objetificado.

O contador passa por um período de **incertezas** e ambiguidade na profissão, devido as **mudanças tecnológicas** introduzidas. Enquanto a inserção do computador e a chegada da internet representaram perigo à profissão, com ameaças de substituir o profissional pela máquina, ocorre também a familiarização do profissional com essas ferramentas. A percepção de que tais implementações representam um trabalho **mais ágil**, com mais segurança, permitindo que a sua atenção seja redirecionada para outras formas de prestação de seus serviços, como a análise das informações geradas pela tecnologia.

A chegada da digitalização também é percebida de forma ambígua pelos contadores, pois enquanto alguns representaram dificuldade para se adaptar a tais mudanças, outros buscaram aprender essa nova tecnologia. Por exemplo, os contadores mais jovens, por já estarem inseridos na era digital, afirmaram ter se adaptado com maior facilidade a estas mudanças.

Assim, o sentido criado por cada profissional ocorre a partir de como o próprio sujeito se percebe no mundo social em que está inserido (Weick, 1995) e como estes sentidos percebidos são socialmente aceitos e compartilhados entre os pares. Enquanto alguns contadores não se percebiam aptos para o trabalho com essa nova tecnologia, outros, apesar de admitirem a dificuldade, encaram a possibilidade de poder aprender e se manter ativo. Em oposição, há aqueles que se percebem com muita facilidade para se adaptarem as novas tecnologias, para os quais a era digital foi introduzida de forma tranquila.

Em adição, a chegada da automação na profissão contábil, mesmo diante do incremento no número de obrigações acessórias e **prazos** de apresentação reduzidos, trouxe a percepção de **agilidade** no desempenho das tarefas e ganho de tempo para os profissionais, que estão se adaptando a esses avanços, o que significa mais tempo também para ofertar a **gestão contábil** aos seus clientes. Essa alteração gerou a percepção da necessidade de mudar o papel da contabilidade, em que o desempenho do contador, como ator social, era composto de atividades técnicas e rotineiras, e passa para um papel de gestão contábil, mais próximo aos clientes, para contribuir no alcance dos objetivos destes.

Assim, o contador passa a agir sobre a realidade que está apresentada (Weick, 1995). Para desempenhar o novo papel, o profissional contábil executa ações para se manter **atualizado** e atuante na profissão. Tais ações ocorrem por meio de cursos e leituras, bem como parcerias para a troca de informações e experiências, pois o contador não cria o entendimento da profissão sozinho, é nas trocas com outros sujeitos que ocorre a construção de sentido (Weick, 1995). Por exemplo, na interação com outros profissionais, ou com representantes de classe, com clientes, com profissionais de outras áreas, ou ainda, com o próprio Governo, ocorre a significação da profissão contábil.

As mudanças tecnológicas ainda favorecem a redução dos trabalhos executados manualmente, e o contador percebe a necessidade de oferecer outros serviços, como, por exemplo, de assessor contábil. Assim, o contador passa de um papel meramente técnico, para um papel de aconselhamento, de **consultoria**, de **assessoria**, alguém capaz de, além de lançar os dados passados, trabalhar olhando para o futuro da empresa a qual presta serviços. Ou seja, ele assume um novo papel profissional, utiliza as próprias capacidades, ou busca adquiri-las, para atender novas frentes, as quais ele julga ser esperado dele.

Entretanto, inovações tecnológicas trouxeram outras dificuldades, além da **sobrecarga** de trabalho, os profissionais percebem o aumento da concorrência, muitas vezes desleal, que contribuíram para a **desvalorização** monetária do trabalho do contador. Neste cenário a contabilidade pode ser feita por plataformas digitais, a preços competitivos, o que impacta na precificação da atividade contábil, muitas vezes de maneira percebida como desvantajosa pelos profissionais entrevistados. Assim, a redução na margem de preços, provocada pelos avanços tecnológicos e consequente aumento de empresas virtuais, provocaram uma reinterpretação do valor da própria atividade. Ou seja, o contador a partir de uma lógica utilitarista do mercado de trabalho, ao concorrer com plataformas de serviço online, passa a ser valorado pelo conjunto de "lançamentos" que faz.

Por fim, devido a inserção de soluções proporcionadas por essas tecnologias na área, não há mais a necessidade desse profissional estar dentro das empresas. Esta alteração, permite que o profissional possa trabalhar de qualquer lugar, até mesmo de casa, e atender clientes de outros estados ou até mesmo de outros países. Assim, o trabalho do contador, que antes era na rua atendendo cliente, passa a ser no escritório, via internet. Em outras palavras, a natureza do exercício torna-se fluida, pode ser realizado de qualquer lugar, o que passa a ser significado como uma profissão com mais **autonomia**, mais liberdade, como exemplificado pelos entrevistados E5 “*posso trabalhar remotamente*” e E6 “*tenho maior autonomia de trabalho*”.

Outra mudança percebida na profissão ocorre a partir da convergência das normas brasileiras de contabilidade às normas internacionais, com a padronização e harmonização das demonstrações financeiras. Essa mudança foi percebida pelos contadores como o marco na alteração da **rotina de trabalho** e a **alteração na legislação** e edição de novas normativas contábeis, trouxeram consigo obrigações acessórias, que os contadores tiveram que integrar aos seus afazeres, como, por exemplo, o SPED.

A inserção de novas obrigações, como exemplo, as declarações advindas com o SPED, ocasiona maior **responsabilidade** e uma sobrecarga ao contador, pois ele deixa de ser apenas o executor das declarações das empresas que ele presta serviços e passa a ser responsável por fazê-las de maneira correta, sob pena de acarretar multas ao seu cliente. A **pressão pelos prazos**, também imposta pelo Governo, é motivo de inseguranças e incertezas para os contadores, pois, em não sendo cumpridos tais prazos, também podem acarretar responsabilizações para esses profissionais.

Assim, com as novas exigências e a **pressão por prazos**, aumentam as **responsabilidades** do profissional contábil e, conseqüentemente, exige-se que se dedique maior tempo a leituras, o que lhes transmite a sensação de não haver tempo suficiente para todas as tarefas contábeis. Por exemplo, a redução nos prazos para apresentação de declarações, informativos ou demonstrativos aos diversos órgãos de controle, ou seja, maior número de exigências com prazos mais curtos, causaram alterações nas **rotinas de trabalho**, ao acrescentar que se dedique ainda tempo para a interpretação da lei, para o adequado atendimento às exigências impostas pela mudança legal.

Tais mudanças demonstram que o contador passou a ser percebido como um **operador legal**, ao precisar conhecer os códigos e artigos das normas legais, entender a sua aplicação e as sanções previstas na legislação relacionada a sua profissão e aos ramos de atividades (comercial, industrial, de prestação de serviços) aos quais seus clientes estão sujeitos.

Ainda, devido as mudanças regulatórias realizadas pelo Estado, com a implementação de sistemas que propiciem maior controle, o contador se percebe como uma ferramenta da autoridade fiscalizadora, ou seja, como um **operador do Governo**. Ocorre, portanto, uma alteração identitária do contador, pois a profissão passa a ser percebida como uma atuação subordinada ao Estado, dada a responsabilização legal do profissional, contudo, não remunerada, a exemplo dos estudos de Tomo e Spanò (2020).

Percebeu-se ainda que os contadores buscaram por uma explicação plausível para a **sobrecarga** e a pouca **valorização** de seu trabalho, quando atribuem às mudanças tecnológicas e legais tais ocorrências na profissão. Assim, as pistas extraídas a partir da mudança da legislação por exemplo, passa a ser significada como um aumento de **responsabilidades**. Por sua vez, a alteração tecnológica permite que empresas do segmento ofereçam a contabilidade por preços abaixo do que os contadores praticavam, as quais são utilizadas para dar sentido ao que está acontecendo (Weick, 1995). Assim, a necessidade de superprodutividade sem a devida valorização profissional passa a compor e dar significado a identidade profissional do “Eu Contador”.

Alterações legais e normativas, bem como inovações tecnológicas, pressionam o contador no seu dia a dia, e o profissional já não faz todo o trabalho, que se tornou complexo, urgente e com alto grau de **responsabilização**. Assim, ele busca agir sobre essa realidade, por meio de investimentos em automação, aperfeiçoamento e, ainda, o levou a buscar parcerias com outros profissionais para desempenhar sua atividade. Ou seja, o contador precisa “entender de tudo um pouco” e vê a necessidade de ter parceria com outras áreas, como advogados, economistas ou administradores, para poder realizar o seu trabalho de maneira adequada, o que o torna um **gestor de networking**.

Dessa maneira, a dinamicidade da profissão contábil impõe um aperfeiçoamento constante do contador diante das mudanças (Weick, 1995). E, para o desenvolvimento na carreira e na oferta de seus serviços, além de **atualização**, o profissional contábil passa a estar atento as mudanças econômicas, políticas e ambientais, que possam afetar diretamente a sua profissão e os empreendimentos de seus clientes.

Assim, o contador busca agir sobre essa realidade, ao buscar conhecimento em cursos ou palestras, investir em consultorias, manter contatos, acompanhar profissionais mais experientes. Ou seja, para superar as exigências ambíguas da profissão, o sentido percebido pelo contador é que, para conseguir se manter no mundo do trabalho, ele precisa ser **especialista**, ter conhecimento aprofundado de uma área da contabilidade e, ao mesmo tempo, precisa ser **generalista**, entender de várias áreas, para poder conversar com o seu cliente. e,

mesmo que ele não entenda tudo, precisa manter parcerias nesse sentido, e se manter em constante atualização.

Ainda, as constantes mudanças tecnológicas, legais, fiscais e ambientais, mudam também o perfil desse profissional, que passa de um perfil fechado, mais sisudo, introspectivo, de “*senhorzinho muito sério*” (E27), “*carrancudo e fechado*” (E16), para um perfil mais expansivo, comunicativo e flexível, mais “*atenado às mudanças*” (E28).

O contador ao sair das funções mais operacionais e técnicas e ofertar serviços de gestor contábil, de **consultor** ou **assessor**, nas questões mais estratégicas das organizações, passa a significar-se como alguém com capacidade de contribuição maior para o futuro das empresas as quais está ligado. A atuação deles muda, a participação nas decisões aumenta e a proximidade com os gestores e ou clientes torna-se maior, o que lhe exige a necessidade de oferecer "algo mais", buscar uma diferenciação em relação ao serviço contábil prestado junto a seus clientes e/ou organização.

Nesse contexto, o contador, passa a ser percebido como um profissional que precisa se tornar mais dinâmico, ser mais proativo, comunicativo, flexível e resiliente, com conhecimento amplo, que tenha noções básicas de lógica e tecnologia, para transformar dados em informação para seus clientes, e se manter atuante e competitivo no mundo do trabalho contábil. Porém as expectativas por competências e habilidades podem não ser atendidas no desempenho da função por razões conflituosas ou ambíguas (Secco et al., 2022). E esse perfil passa a ser coletivamente significado e internalizado como o papel de contador, que deixa de ser apenas o técnico do escritório, e passa a ser alguém que precisa se comunicar, tendo que se engajar com o cliente, como um meio de contribuir diretamente com a organização e não apenas de forma indireta, por meio de lançamentos técnicos e geração de relatórios e demonstrativos legais.

Em resumo, com o advento das tecnologias, o contador percebe poder estar mais interconectado e mais disponível, a automação trouxe agilidade e ganho de tempo no desempenho das tarefas, mas também passou a ser exigido mais dele, além da sobrecarga de trabalho, aumenta a concorrência e a desvalorização. Sentidos como trabalhar mais e não ter a devida valorização, passam a compor e dar significado a identidade profissional do “Eu Contador”.

O serviço contábil deixa de ser executado apenas em um passo a passo, com rotinas bem definidas, para agora ter um alcance mais amplo e não tão pré-definido, exige uma contribuição estratégica (não-rotineira) do contador, como por exemplo, ao deixar de executar as tarefas puramente operacionais para entregar serviços de gestão, assessoria ou consultoria de negócios. O contador deixa de ser apenas um executor e passa a figura de alguém capaz de não apenas

lançar os dados passados, mas trabalhar projetivamente no futuro das organizações a qual está ligado. O exercício da profissão torna-se mais fluido, pode ser realizado de qualquer lugar, o que passa a ser significado como uma profissão com mais autonomia, mais liberdade.

O contador, diante das mudanças tecnológicas e legais, ressignifica a importância percebida e dada para a profissão, pois os entrevistados agora internalizam a relevância e a **essencialidade** da sua profissão, como exemplo, a percepção do entrevistado E1 “*somos os médicos das empresas*”, ou do profissional E13 “*contador hoje, é de grande importância no mercado*”, ou ainda pelo contador E23 “*a gente que vai tratar da saúde financeira [da empresa]*”.

E quando se trata de comportamento social, o contador é percebido como um ator mais atuante em sua profissão. No entanto, os entrevistados ainda relataram a necessidade deste profissional melhorar seus conhecimentos e habilidades para o desempenho de suas funções. Essas habilidades são incentivadas pelo conselho de classe, na figura do presidente do Conselho Federal de Contabilidade (CFC):

Outra novidade do nosso tempo é a valorização das habilidades do ser humano no comportamento em sociedade, chamadas de *soft skills*. Ainda que o conhecimento técnico seja fundamental e valorizado, essas competências são, hoje, um diferencial competitivo. Entre alguns exemplos dessas aptidões, estão comunicação eficaz, capacidade de trabalho em equipe, resiliência, proatividade, ética no trabalho, pensamento crítico, criatividade, empatia, liderança, positividade, atenção para ouvir e gerenciamento de tempo. Desse modo, é necessário fazermos uma autoanálise e buscarmos desenvolver cada um desses elementos (Dantas, 2022, p. 1).

Assim, essa influência do CFC, pode representar o *sensegiving* na profissão contábil, e demonstra que a significação dos sentidos da profissão é socialmente compartilhada. Nesse sentido vemos as falas de Dantas (2022, p. 1), quando se dirigiu aos contadores em alusão ao seu dia, comemorado em 22 de setembro de 2022:

Através da profissão que escolhemos e amamos, poderemos fazer a diferença na vida dos clientes, das empresas e, sim, do nosso país. Contribuímos imensamente para a economia mundial e precisamos ocupar o lugar que merecemos. Nesse sentido, internalizem a nossa relevância e essencialidade. Assumam os seus papéis de consultores de negócios e percebam o quanto os planejamentos estratégicos que desenvolvemos e as orientações que fornecemos fazem a diferença nos resultados e no crescimento das empresas. Notem que as atividades funcionais que realizamos, como o cumprimento das obrigações acessórias, são fundamentais para a economia brasileira. E, atualmente, os nossos serviços vão além, pois, interpretamos a grande massa de dados que temos à nossa disposição e a utilizamos com uma voz diferenciada nas decisões estratégicas de nossos locais de trabalho.

A fala do presidente do CFC procura exaltar a profissão contábil, influenciar a percepção do contador quanto a sua importância na economia e a relevância dos seus serviços para os objetivos das organizações em uma tentativa de ressignificar o papel do contador. Demonstra

que a atribuição de significado, *sensegiving*, é um processo social de convencimento e aceitação da nova visão (Gioia & Chittipeddi, 1991; Rese et al., 2017).

Quanto ao papel como contador na realidade atual e futura, os profissionais acreditam que as mudanças devem continuar e a constante atualização será necessária, bem como adquirir outros conhecimentos, se especializar em áreas específicas, ofertar assessorias e gestão contábil. De acordo com Weick (1995), as pessoas se esforçam para construir significado em torno das ações com as quais seu compromisso é mais forte. Assim, o compromisso do profissional contábil passa a ser significado como a melhor forma de entregar o seu trabalho e, para isso, este percebe que precisa ainda desenvolver visão estratégica, assim descrito nas palavras do presidente do Conselho Regional de Contabilidade do Paraná, Jochem (2022, p. 1):

O contador não pode mais fixar sua atenção nas tarefas e questões que demandam a sua ação imediata. Para sobreviver e ter sucesso na nossa profissão, é preciso olhar ao redor, ter a mente aberta para informações que não necessariamente se encaixam em sua realidade do momento, mas que podem indicar importantes tendências de futuro e, a partir dessa visão, assumir riscos de uma maneira calculada, direcionando esforços e recursos para oportunidades que poderão render os melhores frutos a longo prazo.

Ao detalharem a percepção do futuro da profissão, os contadores destacaram que devido a automação e integração de sistemas, onde muitos lançamentos contábeis serão automáticos, os contadores terão mais tempo para fazer análises, para dar assessorias, consultorias, controles internos, gestão de riscos, e até se especializar em uma área específica.

Para o futuro, as expectativas dos profissionais contábeis seguem em um misto de incertezas, desafios e inseguranças, quanto as inovações tecnológicas que ainda estão por vir e a dificuldade de encontrar mão de obra qualificada para desempenhar a contabilidade. Mas também, os entrevistados relataram perspectivas de melhoras em sua atuação profissional, no sentido do reconhecimento e valorização, com processos totalmente digitais e com mais tempo disponível para desfrutar da família e amigos, para uma melhor qualidade de vida.

Diante desta nova realidade, de mudanças ocorridas e ainda por vir nas práticas contábeis, a representação criada, para a profissão de contador, é de superação de desafios, tanto nas rotinas de trabalho quanto no perfil deles exigido, na atualidade e para o futuro. Pois, as mudanças tecnológicas e de legislação em curso, colocam a profissão contábil diante de complexidades crescentes e desafiadoras, com novas inovações digitais, como *Blockchain*, Inteligência Artificial e *Big Data*, que podem trazer consequências desconhecidas para os processos profissionais, a exemplo dos estudos das autoras Tomo e Spanò (2020).

Desse modo, os contadores criam sentido de mudanças para o futuro, tendo um olhar retrospecto do que já ocorreu (Weick, 1995), com base em situações já vivenciadas. Por exemplo, com o advento das tecnologias, perceberam que essa lhes permitiu estarem mais

interconectados e mais disponíveis, o que gera a expectativa de, no futuro, terem mais tempo para se especializarem em alguma área específica, mas também perceberam que, a dinamicidade das inovações causa incertezas quanto a se manter atualizado para o desempenho da profissão no futuro.

5 Considerações finais

O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender como o contador cria sentido e ressignifica a sua profissão a partir das mudanças percebidas nas práticas contábeis. E, por meio de entrevistas a profissionais contábeis das diferentes regiões do Brasil, buscou-se, a partir do olhar do contador e sua percepção e significação da profissão contábil, identificar as mudanças contextuais do universo contábil, suas influências na rotina de trabalho e no perfil socialmente aceito desses profissionais, bem como as expectativas para o futuro da profissão.

E, para alcançar tal objetivo, buscou-se primeiramente, identificar, a partir do entendimento do contador, as mudanças que impactam no exercício da profissão. As principais mudanças identificadas são as constantes inovações tecnológicas e regulatórias, que geram impactos nas rotinas de trabalho e no perfil do profissional contábil. Como exemplo, o aumento das suas responsabilidades e a necessidade de atualização para se manterem atuantes no mercado de serviços contábeis, trabalhar mais sem a devida valorização monetária, ter uma atuação mais significativa na organização, ou ainda, a execução da profissão com maior autonomia e liberdade.

Em um segundo momento, buscou-se captar como o contador tem pensado a profissão diante desta nova realidade, quais os sentidos que são criados a partir das mudanças ocorridas nas práticas contábeis, ou seja, a forma como o contador percebe e dá sentido ao que está acontecendo e a maneira como ele age a partir do momento que aceita e internaliza as mudanças. Ele passa a significar isso como uma parte da sua atuação como contador, não individualmente, mas coletivamente, para justificar essa atuação. Por exemplo, quando o profissional percebe que para ser um bom contador precisa agir de certa forma, ter o comportamento que ele acredita ser esperado pelos demais na organização. Assim, ocorre uma construção coletiva do que é o desempenho na atuação da profissão.

E os sentidos que decorrem dessa interação do ‘eu contador’ com os elementos exógenos que geram pressão, como as mudanças tecnológicas e legais que surgiram, que foram sendo impregnadas nesse modelo de ‘eu contador’, estão relacionados com os papéis requeridos pelas mudanças, ou seja, o contador especialista, ou o contador generalista, que sabe de tudo um pouco, ou ainda o gestor de *networking*, o consultor, o operador do Governo, papéis que o contador acredita serem necessários assumir para definir quem ele é e como deve agir.

E, por fim, compreender o *sensemaking* da profissão contábil a partir do entendimento dos profissionais pesquisados. A ressignificação da profissão contábil ocorre a partir de um processo organizacional de descontinuidade (a convergência às normas internacionais, inserção

de novas tecnologias, novas demandas e regras do ente público fiscalizador/regulamentador) e o contador, a partir das percepções de cada indivíduo, desenvolve um entendimento compartilhado da sua profissão.

A compreensão das mudanças que influem na profissão e nas rotinas de trabalho, fazem com que os contadores procurem criar sentido, a partir de seus interesses, interação com outros profissionais e até mesmo pela influência dos conselhos de classe ou profissionais de outras áreas. Ocorre assim, uma mobilização para a criação de sentido (*sensemaking*) e interpretação da profissão, ou seja, para a significação do que representa ser um contador.

A partir da identificação dos diferentes significados da profissão ao longo do tempo, é possível entender essa profissão em sua complexidade, por vezes ambígua, no sentido de que existem sentimentos de sobrecarga, mas também de autonomia, pressão sobre prazos, mas também liberdade de trabalhar de qualquer lugar.

Transformações conflitantes, percebidas pelos contadores, nos diferentes comportamentos e habilidades que passaram a ser exigidos desse profissional, a partir, principalmente, das mudanças exógenas a profissão. E esse movimento não linear identificado, não é um movimento de causa e efeito, quanta angústia, insegurança, imprevisibilidade pode ocorrer nesse processo. O contador, muitas vezes tomando pistas do que está acontecendo, por exemplo na edição de uma nova lei, tenta significar isso pela responsabilidade advinda, portanto, o elemento emocional também compõe a construção social da profissão.

Espera-se que esta pesquisa contribua teoricamente com a lacuna nos estudos que busquem entender as mudanças na profissão contábil, a partir da perspectiva da construção e concessão de sentido. Assim, o estudo apresenta uma nova perspectiva de analisar a profissão do contador a partir de um olhar sociológico, de uma realidade socialmente construída e interpretada. A importância da teorização é alcançar uma explicação não individual-cognitiva do indivíduo, mas sociológica da profissão em sua coletividade.

A abordagem de *sensemaking* permite não apenas identificar um profissional ou um sentido, mas essa profusão de sentidos, que perpassam a constituição social do profissional contábil. O *sensemaking* nos permite olhar essa profissão em construção, não de forma estável ou objetiva, mas como um processo de transformação e como, ao longo do tempo, foi se moldando, se redefinindo em um caráter socialmente situado, coletivamente construído e precariamente objetificado.

Ainda, para este estudo, em termos de contribuição metodológica, a perspectiva de antenarrativa rizomática foi utilizada, pela possibilidade de compreender a natureza fragmentada da realidade e analisar a trajetória dos eventos em elaboração. Pela antenarrativa,

houve uma descrição de todo o processo de pesquisa, foi ilustrado como as antenarrativas podem ser transformadas em narrativas. Assim, ao ouvir os múltiplos fragmentos de versões de uma história, foi possível compreender os múltiplos sentidos atribuídos ao que as mudanças na profissão contábil representaram para cada entrevistado, e como eles são significados na construção social da própria profissão.

A contribuição metodológica para a área de contabilidade, mostra que é possível utilizar ferramentas metodológicas de outras áreas em prol do avanço do corpo de conhecimento da contabilidade. Dessa maneira o processo metodológico descrito, as narrativas detalhadas, demonstram que o emprego de metodologias flexíveis e processualistas podem oferecer meios de explorar fenômenos na área de contabilidade até então presos a paradigmas tradicionais. Como bem assinalam Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 118) “dada a complexidade dos fenômenos contábeis e organizacionais, determinados problemas serão insuficientemente explorados, se forem tratados sob um único ponto de vista”.

E, como implicações e contribuições práticas do trabalho, o estudo permite ampliar a compreensão e fomentar reflexões quanto ao contexto de mudanças na profissão contábil, como o contador, como ser socialmente situado, dá sentido a essa profissão, ao próprio processo de construção da identidade do contador, pois essa identidade pode estar perdida nessa profusão de sentidos.

Ainda, o estudo poderá contribuir para o ensino da contabilidade, ao evidenciar as dificuldades dos recém-formados ao ingressar no mundo do trabalho e a necessidade de se incluir metodologias que contemplem as inovações tecnológicas, que causam impacto nas rotinas contábeis. Bem como, poderá contribuir para que os órgãos reguladores da profissão e as autoridades legislativas possam olhar para a importância da inserção desse contador em esferas de ação que impactam na própria profissão, em termos de legislação e regulamentação.

A própria teorização tem uma contribuição prática. Não somente ao descrever a profissão, mas ao fazer parte da construção social e entregar maior consciência coletiva da profissão. Pois diante do elemento de incerteza o contador inicia um processo de pensar a profissão, buscar o seu espaço em meio às transformações e, ao dar sentido às novas funções decorrentes desse processo, ressignifica a sua profissão.

Para estudos futuros sugere-se explorar mais a própria identidade do contador, como ela é construída, por meio de outros olhares sociológicos, como a teoria de Goffman (2002) ou de Berger e Luckmann (2004), ou ainda, por meio de outras lentes, olhar para o fenômeno, por exemplo, aprofundar não só a profissão contábil em si, mas alguma especialidade, como por exemplo a contabilidade pública, a auditoria ou a controladoria, ou ainda, com foco nas

mudanças da profissão contábil em outros contextos, em outros países, ou nas mudanças focadas em processos e rotinas da profissão contábil. Elementos que apesar de terem sido comentados neste estudo, poderiam ser aprofundados em recortes mais específicos em estudos futuros.

Considerando que os processos de entendimento sobre as organizações são modificados continuamente, recomenda-se que estudos futuros apliquem os modelos de Weick para a compreensão de processos em outras profissões. Ainda, com fins de comparabilidade, sugere-se a replicação deste estudo, em momento futuro, para verificar se permanecem os entendimentos compartilhados nesta pesquisa, se foram modificados ou se novos entendimentos foram agregados ao *sensemaking* da profissão contábil, ou ainda, aprofundar o *sensegiving* de alguns atores, como dos órgãos regulamentadores e do próprio Governo sobre a profissão contábil.

Referências

- Abrahamsson, G., Englund, H., & Gerdin, J. (2016). On the (re) construction of numbers and operational reality: A study of face-to-face interactions. *Qualitative Research in Accounting & Management/Emerald*, 13(2), 159-188.
- Adam, C., Boff, M. L., & da Cunha, P. R. (2018). Competências do contador na perspectiva da tríade universidade, acadêmico e mercado de trabalho. *Revista de Contabilidade da UFBA*, 12(3), 221-245.
- Alves, B. T., & Martins, Z. B. (2022). A contabilidade digital: Uma percepção de profissionais contábeis do Estado de Santa Catarina acerca do novo modelo de escritório digital. *Revista da Educação Superior do Senac-RS*, 15(1), 1-13. DOI: <https://doi.org/10.24936/2177-4986.v15n1.2022.854>
- Alves, C. F. L., Oyadomari, J. C. T., Parisi, C., & Peleias, I. R. (2022). Como atua um controller business partner? Estudo baseado em práticas do mercado. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 19(50), 76-94.
- Austen, A., & Kapias, M. (2016). Decoupling between policy and practice through the lens of sensemaking and sensegiving. *Management*, 20(1), 225-238.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 24ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- Berry, R., & Routon, W. (2020). Soft skill change perceptions of accounting majors: Current practitioner views versus their own reality. *Journal of Accounting Education*, 53(1), 1-12.
- Bertolini, A. L. (2020). *A gênese das capacidades dinâmicas: contribuição da aprendizagem experiencial para o sensemaking em contextos de mudança organizacional* (Tese de Doutorado). Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/7295>
- Boje, D. M. (2001). *Narrative Methods for Organizational & Communication Research*. London: Sage.
- Boje, D. M. (ed.) (2011). *Storytelling and the Future of Organizations: An Antenarrative Handbook*. 1a ed. New York: Routledge.
- Boje, D. M. (2014). *Storytelling organizational practices: Managing in the quantum age*. Routledge.
- Boyce, M. E. (2002). As histórias das organizações e o processo de as contar: Uma revisão crítica. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, 3(2), 81-101.
- Cardoso, B. G., & Costa, S. A. da, (2019). *EPC107-A mudança na carreira do profissional contábil*. Anais do XIII Congresso Anpcont, São Paulo-SP. Brasil. Recuperado de https://anpcont.org.br/pdf/2019_EPC107.pdf
- Carvalho, P. H. S., Avelino, B. C., Pereira, F. R., & Paula, R. Q. (2021). *A percepção de estudantes do curso de Ciências Contábeis acerca do futuro da contabilidade com o*

avanço da automação dos processos. Anais do 11º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças, Florianópolis-SC. Brasil.

- Carnegie, G., Parker, L., & Tsahuridu, E. (2021). It's 2020: what is accounting today? *Australian Accounting Review*, 31(1), 65-73.
- Carrozzo, N. F. T. S., Slomski, V. G., Slomski, V., & Peleias, I. R. (2020). Reflexividade do exame de suficiência frente ao estabelecido pelo currículo mundial ONU/UNCTAD/ISAR e a eixos de competências requeridas dos profissionais da área contábil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 17(45), 82-99.
- Chiucchi, M. S., & Giuliani, M. (2017). *The Subjective Side of IC Reporting: Actors "On" and "Behind the Scene"*. In European Conference on Intangibles and Intellectual Capital (p. 58). Academic Conferences International Limited.
- Christianson, M. K., & Barton, M. A. (2021). Sensemaking in the time of Covid-19. *Journal of Management Studies*, 58(2), 572-576.
- Colville, I., Brown, A. D., & Pye, A. (2012). Simplexity: Sensemaking, organizing and storytelling for our time. *Human relations*, 65(1), 5-15.
- Conselho Federal de Contabilidade - CFC (2016). CFC - 70 anos de contabilidade. Brasília, DF. Recuperado de <https://cfc.org.br/wp-content/uploads/2016/08/70anos-cfc.pdf>
- Conselho Federal de Contabilidade - CFC (2022a). CFC aprova resolução criando o Comitê Brasileiro de Pronunciamentos de Sustentabilidade. Brasília, DF. Recuperado de <https://cfc.org.br/noticias/cfc-aprova-resolucao-criando-o-comite-brasileiro-de-pronunciamentos-de-sustentabilidade/>
- Conselho Federal de Contabilidade - CFC (2022b). Normas brasileiras de contabilidade. Brasília, DF. Recuperado de <https://cfc.org.br/tecnica/normas-brasileiras-de-contabilidade/normas-completas/>
- Conselho Federal de Contabilidade - CFC (2022c). Normas brasileiras de contabilidade do setor público. Brasília, DF. Recuperado de <https://cfc.org.br/tecnica/normas-brasileiras-de-contabilidade/nbc-tsp-do-setor-publico/>
- Conselho Federal de Contabilidade - CFC (2022, agosto, 15). Profissionais ativos nos conselhos regionais de contabilidade agrupados por categoria. Brasília, DF. Recuperado de <https://www3.cfc.org.br/spw/crcs/ConsultaPorRegiao.aspx?Tipo=1>
- Conselho Regional de Contabilidade do Paraná - CRC-PR. (2017). Profissional e empresa com registro ativo devem manter a anuidade em dia. Curitiba, PR. Recuperado de <https://www2.crcpr.org.br/imprensa/noticias/exibirParaLeitura/9720>
- Daft, R. L., & Weick, K. E. (1984). Toward a model of organizations as interpretation systems. *Academy of Management Review*, 9(2), 284-295.
- Dantas, A. P., Jr. (2022). Especial Dia do Contador: Carta aos contadores brasileiros. Recuperado de <https://cfc.org.br/noticias/especial-dia-do-contador-carta-aos-contadores-brasileiros/>

- Decreto-Lei n. 9.295, de 27 de maio de 1946. Cria o Conselho Federal de Contabilidade, define as atribuições do Contador e do Guarda-livros, e dá outras providências. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del9295.htm
- Dépelteau, F. (2013). *What is the direction of the “relational turn”?*. In *Conceptualizing relational sociology* (pp. 163-185). Palgrave Macmillan, New York.
- DiCicco-Bloom, B., & Crabtree, B. F. (2006). The Qualitative Research Interview. *Medical Education*, 40(4), 314–21. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2929.2006.02418.x>
- Egbon, O., & Mgbame, C. O. (2020). Examining the accounts of oil spills crises in Nigeria through sensegiving and defensive behaviours. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 33(8), 2053-2076.
- Evangelista, F. S. D., Coelho, D., & Martins, Z. B. (2021). *Normas internacionais de contabilidade e o impacto no futuro da profissão contábil: Uma percepção de graduandos em Ciências Contábeis de uma universidade comunitária de Santa Catarina*. Anais do 11º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças, Florianópolis, SC, Brasil.
- Faria, J. H. (2015). Epistemologia crítica do concreto e momentos da pesquisa: uma proposição para os estudos organizacionais. *RAM Revista de Administração Mackenzie*, 16(5), 15-40. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n5p15-40>
- Faugier, J., & Sargeant, M. (1997). Sampling hard to reach populations. *Journal of advanced nursing*, 26(4), 790-797.
- Ferreira, O. S., Dobelin, S., & Kettle, W. M. (2020). *Contabilidade e avanços tecnológicos: Um estudo da percepção de contadores na região de Campinas sobre perfil do contador no mercado de trabalho*. Anais do 10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças, Florianópolis, SC, Brasil.
- Foschiera, L. V. B., & Gallon, S. (2020). Produção acadêmica nos estudos organizacionais à luz da teoria de sensemaking de Weick. *FACEF Pesquisa-Desenvolvimento e Gestão*, 23(3), 291-304.
- Frigato, C. C., Piva, D. V., Pereira Filho, D. F., dos Santos Felix, F. D., & Palmeri, N. L. (2021). Migração do back office para o home office em uma empresa de manutenção industrial, predial e gestão de ativos. *South American Development Society Journal*, 7(21), 35-49.
- Garcia, A., & Montenegro, L. M. (2019). Faço sentido; logo, aprendo: as propriedades do sensemaking na aprendizagem experiencial. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 6(3), 573-615.
- Gelbcke, E. R., Santos, A. D., Iudícibus, S. D., & Martins, E. (2018). *Manual de contabilidade societária: aplicável a todas as sociedades: de acordo com as normas internacionais e do CPC*. São Paulo, SP: Atlas.
- Gianisella, K., Meotti, L. P. G., & Michels, A. (2021). *Contabilidade digital: Implantação e utilização da contabilidade digital nos escritórios de contabilidade de Santa Catarina*. Anais do 11º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças, Florianópolis, SC, Brasil.

- Gioia, D. (2021). A systematic methodology for doing qualitative research. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 57(1), 20-29.
- Gioia, D. A., & Chittipeddi, K. (1991). Sensemaking and sensegiving in strategic change initiation. *Strategic Management Journal*, 12(6), 433-448.
- Giuliani, M. (2016). Sensemaking, sensegiving and sensebreaking: The case of intellectual capital measurements. *Journal of Intellectual Capital*, 17(2), 218-237.
- Goffman, E. (2002). *A representação do eu na vida cotidiana*. Traduzido por Maria Célia Santos Raposo (10ª ed.). Editora Vozes.
- Gulin, D., Hladika, M., & Valenta, I. (2019). Digitalization and the Challenges for the Accounting Profession. *ENTRENOVA-ENTerprise REsearch InNOVation*, 5(1), 428-437.
- Hassard, J., & Cox, J. W. (2013). Can sociological paradigms still inform organizational analysis? A paradigm model for post-paradigm times. *Organization Studies*, 34(11), 1701-1728.
- Hernes, T., & Obstfeld, D. (2022). A Temporal Narrative View of Sensemaking. *Organization Theory*, 3(4), 1-18.
- Jochem, L. (2022). O contador do presente não é mais o que registra o passado, mas o que planeja o futuro. Recuperado de <https://www3.crcpr.org.br/crcpr/noticias/o-contador-do-presente-nao-e-mais-o-que-registra-o-passado-mas-o-que-planeja-o-futuro>
- Johnson, D. (2020). Organização Mundial da Saúde declara novo coronavírus uma pandemia. Recuperado de <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881>
- Kehl, S. M., Antonelli, R. A., Schvirck, E., & de Almeida, L. B. (2017). Profissionais da Tecnologia da Informação e Comunicação [TIC] e a Operacionalização dos Sistemas de Informações Contábeis: Um Estudo Sobre Suas Dificuldades de Compreensão dos Conceitos e Teorias Contábeis. *Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI*, 4(2), 92-114.
- Klein, G., & Eckhaus, E. (2017). Sensemaking and sensegiving as predicting organizational crisis. *Risk Management*, 19(3), 225-244.
- Klein, G., Moon, B., & Hoffman, R. R. (2006). Making sense of sensemaking 2: A macrocognitive model. *IEEE Intelligent Systems*, 21(5), 88-92.
- Kraft, A., Sparr, J. L., & Peus, C. (2015). The critical role of moderators in leader sensegiving: A literature review. *Journal of Change Management*, 15(4), 308-331.
- Kraus, K., & Strömsten, T. (2012). Going public: The role of accounting and shareholder value in making sense of an IPO. *Management Accounting Research*, 23(3), 186-201.
- Lei n. 4.320, de 17 de março de 1964. Estatui normas gerais de direito financeiro para elaboração e controle dos orçamentos e balanços da União, dos Estados, dos Municípios e do Distrito Federal. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14320.htm
- Lei n. 6.404, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as Sociedades por Ações. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16404consol.htm

- Lei n. 9.613, de 3 de março de 1998. Dispõe sobre os crimes de "lavagem" ou ocultação de bens, direitos e valores; a prevenção da utilização do sistema financeiro para os ilícitos previstos nesta Lei; cria o Conselho de Controle de Atividades Financeiras – COAF e dá outras providências. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9613.htm
- Lei n. 11.598, de 03 de dezembro de 2007. Estabelece diretrizes e procedimentos para a simplificação e integração do processo de registro e legalização de empresários e de pessoas jurídicas, cria a Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócios – REDESIM, e dá outras providências. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111598.htm
- Lei n. 11.638, de 28 de dezembro de 2007. Altera e revoga dispositivos da Lei no 6.404, de 15 de dezembro de 1976, e da Lei no 6.385, de 7 de dezembro de 1976, e estende às sociedades de grande porte disposições relativas à elaboração e divulgação de demonstrações financeiras. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111638.htm
- Lei n. 11.941, de 27 de maio de 2009. Altera a legislação tributária federal relativa ao parcelamento ordinário de débitos tributários; concede remissão nos casos em que especifica; institui regime tributário de transição; e dá outras providências. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11941.htm
- Lei n. 12.973, de 13 de maio de 2014. Altera a legislação tributária federal relativa ao Imposto sobre a Renda das Pessoas Jurídicas - IRPJ, à Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - CSLL, à Contribuição para o PIS/Pasep e à Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - Cofins; revoga o Regime Tributário de Transição - RTT, instituído pela Lei nº 11.941, de 27 de maio de 2009; dispõe sobre a tributação da pessoa jurídica domiciliada no Brasil, com relação ao acréscimo patrimonial decorrente de participação em lucros auferidos no exterior por controladas e coligadas; e dá outras providências. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/Lei/L12973.htm
- Lei Complementar nº 101, de 04 de maio de 2000. Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp101.htm
- Louis, M. R. (1980). Surprise and sense making: What newcomers experience in entering unfamiliar organizational settings. *Administrative science quarterly*, 25(2), 226-251.
- Lourenço, R. L., & Sauerbronn, F. F. (2016). Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(28), 99-122.
- Maitlis, S. (2005). The Social Processes of Organizational Sensemaking, *Academy of Management Journal*, 48(1), 21–49.
- Maitlis, S., & Lawrence, T. B. (2007). Triggers and enablers of sensegiving in organizations. *Academy of management Journal*, 50(1), 57-84.
- Maitlis, S., & Christianson, M. (2014). Sensemaking in organizations: Taking stock and moving forward. *Academy of Management Annals*, 8(1), 57-125.

- Martins, A., Gomes, D., Oliveira, L., & Ribeiro, J. L. (2019). Telling a success story through the president's letter. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 16(3), 403-433.
- Matias, G. P., & da Silva, G. R. R. (2019). Sensemaking: Análise das publicações em eventos nacionais. *Orbis Latina*, 9(2), 111-128.
- McGuigan, N. (2021). Formação contábil à prova de futuro: um educar para a complexidade, ambiguidade e incerteza. *Revista Contabilidade & Finanças*, 32(87), 383-389.
- Merriam, S. B. (2002). Introduction to qualitative research. *Qualitative research in practice: Examples for discussion and analysis*, 1(1), 1-17.
- Migliorini, I. B., & da Rocha, E. (2019). Estudo de viabilidade sobre a utilização do blockchain na contabilidade. *Café*, 2(1), 99-111.
- Miranda, V. L., & Faria, J. A. (2016). Caricaturas e estereótipos do contador: Como a imagem do profissional de contabilidade vem sendo veiculada em um jornal de grande circulação no Brasil? *Race: Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 15(3), 1087-1116.
- Monteiro, V. L. S., Barbosa, E. R. G., & Gomes, M. Z. (2021). *As iniciativas dos Conselhos Federal e Regionais de Contabilidade frente aos impactos das mudanças da tecnologia da informação e inovação tecnológica na profissão contábil*. Anais do 11º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças, Florianópolis, SC, Brasil.
- Montenegro, L. M., & Bulgacov, Y. L. M. (2014). Construção de sentidos em práticas de um processo estratégico: Um estudo de casos múltiplos em duas IESS do Estado do Paraná. *Revista Organizações em Contexto*, 10(19), 245-277.
- Moura, M. F., Pereira, N. A., Miranda, G. J., & Medeiros, C. R. O. (2016). Herói ou Vilão? Mudanças no Estereótipo dos Contadores na Produção Cinematográfica. *RAGC*, 4(14), 129-147.
- Moretti, M., Souza, N. V. P. de, & Garcia, R., (2020). *A extinção da profissão do contador no século XXI: Mito ou realidade?* Anais do XVII Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, São Paulo, SP, Brasil.
- Nahas, T. C., & Martinez, L. (2020). Considerações sobre as medidas adotadas pelo Brasil para solucionar os impactos da pandemia da Covid-19 sobre os contratos de trabalho e no campo da Seguridade Social e da de prevenção de riscos laborais. Recuperado de https://www.cielolaboral.com/wp-content/uploads/2020/04/brasil_noticias_cielo_corona_virus-3.pdf
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 18(2), 193-202.
- O'Connor, E. S. (2002). Pluralismo no campo: Os estudos narrativos como pesquisa interdisciplinar. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, 3(2), 111-130.
- Paes, A. P., & Silva, M. Z. da (2019). *CCG386-Perfil do profissional contábil: Inteligência emocional, estilos de tomada de decisão e propensão a riscos*. Anais do XIII Congresso Anpcont, São Paulo, SP, Brasil.

- Padoan, F. A. C., Barros, J. J. S., & Simião, L. R. (2022). O Profissional Contábil perante os impactos da internacionalização da Contabilidade. *Brazilian Applied Science Review*, 6(1), 18-35.
- Pan, G., & Seow, P. S. (2016). Preparing accounting graduates for digital revolution: A critical review of information technology competencies and skills development. *Journal of Education for Business*, 91(3), 166-175.
- Parker, L. D., & Warren, S. (2017). The presentation of the self and professional identity: countering the accountant's stereotype. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 30(8), 1895-1924.
- Peleias, I. R., Lourenço, R. A., Peters, M. R. S., & Lavarda, C. E. F. (2015). Atributos do Desempenho Profissional na Visão de Empresários Contábeis da Grande São Paulo. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 9(2), 160-181.
- Peleias, I. R., Mendonça, J. D. F., Slomski, V. G., & Fazenda, I. C. A. (2011). Interdisciplinaridade no ensino superior: análise da percepção de professores de controladoria em cursos de ciências contábeis na cidade de São Paulo. *Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 16(03), 499-532.
- Prado, J. M., Fº. (2005). "Construção-de-sentido" em organizações: Análise para contribuição aos estudos brasileiros (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. Recuperado de https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15586/1/2005_dis_jmpradofilho.pdf
- Puhakka, H. (2017). The role of accounting in making sense of post-acquisition integration. *Scandinavian Journal of Management*, 33(1), 12-22.
- Rese, N., Kuabara, F. H. S., Villar, E. G., & Ferreira, J. M. (2017). How strategy becomes a social practice/O vir a ser da estratégia como uma prática social. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*, 21(2), 227-249.
- Rosa, S. C., Montardo, S. P., & Kuhn J. N. (2017). Empreendedores digitais: A geração millenium frente às novas modelagens de negócios. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 16(32), 69-98.
- Sá, A. L. (2017). *Tecnologia contábil contemporânea: A contabilidade Pós-Moderna*. 3. ed. Curitiba: Juruá.
- Sandberg, J., & Tsoukas, H. (2015). Making sense of the sensemaking perspective: Its constituents, limitations, and opportunities for further development. *Journal of organizational behavior*, 36(1), 6-32.
- Sandberg, J., & Tsoukas, H. (2020). Sensemaking Reconsidered: Towards a broader understanding through phenomenology. *Organization Theory*, 1(1), 1-34.
- Santos, M. I. C. (2020). *Tecnologias, desempenho financeiro e transformações na profissão contábil: um estudo nos escritórios de contabilidade da Região Nordeste do Brasil* (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba-UFPB, João Pessoa, PB, Brasil.

Recuperado de http://plone.ufpb.br/ppgcc/contents/documentos/teses/tese-final-marcos_igor-1.pdf

- Santos, C. B., & Almeida, K. K. N. (2012). Análise introdutória das mudanças provocadas na contabilidade pública pelas normas brasileiras de contabilidade aplicadas ao setor público. *REUNIR Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade*, 2(1), 21-38.
- Schiavi, G. S., & Behr, A. (2020). Características dos diferentes modelos de negócios contábeis em relação às áreas da Contabilidade. *REUNIR Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade*, 10(3), 47-59.
- Secco, A. R., Peleias, I. R., Weffort, E. J., & Grzybovski, D. (2022). Expectativas e motivos do árbitro sobre o desempenho do ator pericial contábil em arbitragens à luz da teoria dos papéis. *Revista Contabilidade & Finanças*, 33(90), e1369. DOI: 10.1590/1808-057x20221369.pt
- Seloti Jr, S. L., & Alves, M. A. (2011). *Antenarratives, Strategic Alliances, and Sensemaking: engagement and divorce without marriage between two Brazilian air carriers firms*. In *Storytelling and the Future of Organizations: An Antenarrative Handbook*. 1a ed. New York: Routledge, 176-187.
- Shimamoto, L. S., & dos Reis, L. G. (2010). Convergência às Normas Internacionais de Contabilidade: uma análise sob a perspectiva dos profissionais contabilistas. *Revista de Estudos Contábeis*, 1(1), 90-105.
- Silva, C. L. P. M., Santos, M. A. C., Koga, G. H., & Barbosa, R. A. C. (2014). Tributação e IFRS no Brasil: Alterações na legislação do IRPJ, da CSLL, do PIS/Pasep e da Cofins, trazidas pela lei nº 12.973/2014. *Revista da Receita Federal: estudos tributários e aduaneiros*, 1(1), 393-422.
- Silva, J. G. da., Amaral, A. M. P. do., & Brandão, A. L. A. (2019). Uma visão contábil para os sistemas integrados de gestão empresarial. *Revista Negócios em Projeção*, 10(2), 172-183.
- Silva, M. L. da, & Silva, R. A. da. (2020). Economia brasileira pré, durante e pós-pandemia da Covid-19: impactos e reflexões. *Observatório Socioeconômico da Covid-FAPERGS*, 1(1), 1-11.
- Silva, S. E. S. P., Costa, S. T. F., & Silva, C. R. (2017). A evolução da escrituração contábil à era digital, com foco na escrituração contábil digital e escrituração contábil. *Revista Saber Eletrônico On-Line*, 1(3), 19-56.
- Søderberg, A. M. (2006). Narrative interviewing and narrative analysis in a study of a cross-border merger. *Management International Review*, 46(4), 397-416.
- Souza, C. M. N. de, & Camêlo, H. M. (2015). A contabilidade sob o prisma das leis 11.638/07 e 11.941/09. *Essentia-Revista de Cultura, Ciência e Tecnologia da UVA*, 16(2), 173-196.
- Souza Dias, A. L., Peleias, I. R., Petarnella, L., Nunes, S. C., & de Carvalho, R. F. (2020). O projeto político-pedagógico de ciências contábeis e a pedagogia das competências. Percepções da coordenação e os docentes em uma IES da cidade de São Paulo. *Cuadernos de Contabilidad*, 21(1), 1-17.

- Stein, M. J., Salterio, S. E., & Shearer, T. (2017). “Transparency” in accounting and corporate governance: Making sense of multiple meanings. *Accounting and the Public Interest*, 17(1), 31-59.
- Strauss, A. L., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Artmed.
- Tomo, A., & Spanò, R. (2020). Strategising identity in the accounting profession: “mirror, mirror on the wall, who is the accountant of them all?”. *Meditari Accountancy Research*, 28(6), 917-949.
- Tonin, J. M. F., Arantes, V.A., Colauto, R.D., & Juaniha, A.M., (2020). The Accountant: estereótipos do contador e os efeitos na autoimagem de estudantes e profissionais contábeis. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 19(1), 1-17.
- Tsoukas, H. (2017). Don't simplify, complexify: From disjunctive to conjunctive theorizing in organization and management studies. *Journal of Management Studies*, 54(2), 132-153.
- Tsoukas, H., Patriotta, G., Sutcliffe, K. M. and Maitlis, S. (2020). ‘On the way to Ithaka: Commemorating the 50th anniversary of the publication of Karl E. Weick’s the Social Psychology of Organizing’. *Journal of Management Studies*, 57(7), 1315–1330.
- Vaara, E., & Whittle, A. (2022). Common Sense, New Sense or Non-Sense? A Critical Discursive Perspective on Power in Collective Sensemaking. *Journal of Management Studies*, 59(3), 755-781.
- Vieira, R. S. G. (2006). *Compreensão da geração de sentido da relação de negócios por parceiros envolvidos no desenvolvimento de novas tecnologias* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Recuperado de https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/485/1/arquivo1258_1.pdf
- Wanderley, C. D. A. (2021). Sustentabilidade da carreira de contador: uma profissão em transição. *Revista Contabilidade & Finanças*, 33(88), 7-12.
- Weick, K. E. (1979). *The Social Psychology of Organizing*. 2.ed. Addison-Wesley Publishing Company.
- Weick, K. E. (1995). *Sensemaking in organizations*. Foundations.
- Weick, K. E. (2022). Arrested sensemaking: Typified suppositions sink the El Faro. *Organization Theory*, 3(1), 1-12.
- Weick, K. E., Sutcliffe, K. M., & Obstfeld, D. (2005). Organizing and the process of sensemaking. *Organization science*, 16(4), 409-421.
- Wrzesniewski, A., Dutton, J. E., & Debebe, G. (2003). Interpersonal sensemaking and the meaning of work. *Research in Organizational Behavior*, 25(1), 93-135.
- Zhang, Y., Xiong, F., Xie, Y., Fan, X., & Gu, H. (2020). The impact of artificial intelligence and blockchain on the accounting profession. *IEEE Access*, 8(1), 110461-110477.

Apêndice

Roteiro de Entrevista Semiestruturada – aplicada aos contadores.

Objetivo do estudo: entender como o profissional contábil constrói sentido a partir das mudanças ocorridas em sua profissão.

Características do respondente:

Nome:

Gênero:

Idade:

Tempo de atuação na profissão:

Bloco A: Mudanças contextuais – Tecnologia, política/economia, legal, social/cultural.

- 1 - O que mudou na sua profissão desde que o Sr.(a) começou a atuar como contador? Exemplo.
- 2 - Em termos de contexto, o que o Sr.(a) acredita que contribuiu ou fomentou essas mudanças? Por quê? (Pedir exemplo)
- 3 - Como essas mudanças influenciaram na sua rotina de trabalho?
- 4 - Como as mudanças na legislação afetaram a profissão contábil?
- 5 - Como foi para o Sr.(a) a implementação de inovações tecnológicas?
- 6 - Quanto ao aspecto sociocultural, como o Sr.(a) descreve a atuação do contador?

Bloco B: Mudanças na natureza técnica do trabalho.

- 1 - Em termos de legislação que ampara o trabalho do contador, quais foram as principais mudanças desde que o Sr.(a) ingressou na profissão?
- 2 - Quais destas mudanças o Sr.(a) julga que teve maior impacto sobre o seu trabalho (positiva ou negativamente). Por quê?
- 3 - Qual o comportamento esperado de um contador hoje? Por quê?
- 4 - Quais conhecimento/habilidades/atitudes o Sr.(a) acredita que são essenciais para o contador desempenhar suas atividades?
- 5 - Quanto ao perfil do contador, quais mudanças o Sr.(a) poderia citar?

Bloco C: Percepção das mudanças (dimensões de *Sensemaking*) – Ambiguidade, incerteza, plausibilidade, retrospectão, pistas.

- 1 - Por que ocorreram as mudanças na profissão, o Sr.(a) pode me dar um exemplo de como isso se manifestou na sua realidade de trabalho?
- 2 - Quanto a clareza, como o Sr.(a) descreve as mudanças ocorridas na profissão?
- 3 - Quais as incertezas que o Sr.(a) identifica no desempenho de sua profissão?
- 4 - Como estas incertezas impactam sobre a sua realidade de trabalho? (escolher uma ou duas para aprofundar – as que o entrevistado perceber como mais importantes).

Bloco D: Construção de sentido e ação sobre a realidade diante da percepção da profissão.

- 1 - O que o Sr.(a) procura fazer para poder desempenhar seu papel? (como ele age sobre a realidade)
- 2 - Qual o seu papel como contador na realidade atual e futura?
- 3 - Quais os desafios que o Sr.(a) acredita que vai enfrentar para desempenhar sua atividade no futuro?
- 4 - Quais os riscos que o Sr.(a) enxerga para sua profissão a partir das atuais mudanças?
- 5 - Como o Sr. se vê realizando sua atividade profissional no futuro? Por quê?